

LORENA BEGHETTO

**O Pesadelo comunista ameaça o Ocidente:
O anticomunismo nas revistas *Seleções do Reader's Digest*,
(1946-1960)**

CURITIBA

2004

LORENA BEGHETTO

**O Pesadelo comunista ameaça o Ocidente:
O anticomunismo nas revistas *Seleções do Reader's Digest*,
(1946-1960)**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Marion Brephol de Magalhães.

CURITIBA

2004



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
 COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
 Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

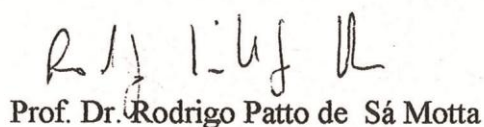
Ata da sessão pública de arguição de Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História. Aos vinte e nove dias do mês de setembro de dois mil e quatro, às nove horas, na sala 612, 6º andar, Edifício D. Pedro I, da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição da candidata **Lorena Beghetto** em relação a Dissertação intitulada "O pesadelo comunista ameaça o ocidente; o anticomunismo nas Revistas Seleções do Reader's Digest". A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, foi constituída pelos seguintes professores: Marionilde Dias Brepohl de Magalhães (orientadora), Rodrigo Patto de Sá Motta (UFMG) e Marcos Francisco Napolitano de Eugênio (UFPR) sob a presidência do primeiro. A sessão teve início com a exposição oral da candidata sobre o estudo desenvolvido. Logo após o senhor presidente concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para suas respectivas arguições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na sequência, o senhor presidente retomou a palavra para as considerações finais. A seguir a banca examinadora reuniu-se sigilosamente, decidindo-se pela *aprovção* da candidata. Finalmente, o senhor presidente declarou *aprovção* a candidata que recebeu o título de **Mestre em História**. Nada mais havendo a tratar o senhor presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Dóris Guidolin, lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.



Doris Guidolin



Prof.ª Dr.ª Marionilde Dias Brepohl de Magalhães



Prof. Dr. Rodrigo Patto de Sá Motta



Prof. Dr. Marcos Francisco Napolitano de Eugênio



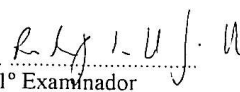
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

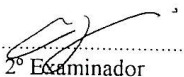
PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação da candidata Lorena Bethetto, sob o título "O pesadelo comunista ameaça o ocidente; o anticomunismo nas Revistas Seleções do Reader's Digest" para obtenção do grau de **Mestre em História**, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela *aprovação* sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de **Mestre**.

Curitiba, 29 de setembro de 2004

Prof. Dr. 
Presidente

Prof. Dr. 
1º Examinador

Prof. Dr. 
2º Examinador

“O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor. Embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento. Sem medida que o conheça, o tempo é contudo nosso bem de maior grandeza. Não tem começo, não tem fim. Rico não é o homem que coleciona e se pesa num amontoado de moedas. Nem aquele devasso que se estende mão e braços em terras largas. Rico só é o homem que aprendeu piedoso e humilde a conviver com o tempo. Aproximando-se dele com ternura, não se rebelando contra o seu curso, brindando antes com sabedoria para receber dele os favores e não sua ira. O equilíbrio da vida está essencialmente nesse bem supremo. E quem souber com acerto a quantidade vagar ou a de espera que se deve por nas coisas não corre nunca o risco, ao buscar por elas e defrontar-se com o que não é. Pois só a justa medida do tempo dá a justa medida das coisas.”

Raduan Nassar.

*Aos meus pais,
Geni e Maurilio.*

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à CAPES pela bolsa de pesquisa recebida em grande parte do tempo dedicado ao trabalho. Sem esta bolsa, tenho certeza de que a qualidade da pesquisa estaria abalada. Também gostaria de agradecer a orientação e ajuda recebida da minha orientadora Marion. Os seus conselhos e as suas contribuições foram fundamentais. Da mesma forma, os professores e os funcionários do Departamento de Pós-Graduação de História da UFPR também souberam apoiar o desenvolvimento do mestrado com encorajamento e amizade.

Muitas pessoas contribuíram de uma maneira fundamental para este projeto. Gostaria de agradecer a todos os amigos e familiares que me ajudaram nos momentos difíceis, mas a lista seria grande o suficiente para ocupar muitas páginas e, além do mais, poderia deixar de lado alguém especial graças a uma cruel falha na memória, coisa que infelizmente está acontecendo com muita frequência na minha vida. Então, para não ser injusta com as pessoas que sempre estiveram comigo e para não deixar ninguém de fora, optei por mencionar apenas as pessoas que estiveram ao meu lado a maior parte do tempo e que se envolveram diretamente com o mestrado.

Para começar, quero agradecer ao infinito apoio recebido dos meus pais, que tiveram uma paciência infinita e que em momento algum me criticaram ou disseram palavras amargas para questionar a minha escolha profissional. Além disso, este trabalho só pôde ser elaborado graças ao carinho e a eterna

dedicação que recebo diariamente dos meus pais. Com certeza esse foi o mais importante gesto de amor que recebi na minha vida.

Também gostaria de agradecer a Cassi, minha irmã e melhor amiga, e ao Bruno, que também cuidaram de mim quando estava sozinha e me fizeram rir nos momentos que o desespero tomava conta de tudo. As conversas quase diárias me fizeram ver como vocês são importantes para mim, e o amor que recebo de vocês me faz acreditar que outros sonhos como esse serão possíveis.

Lá em Minas, o meu irmão Paulo também me ajudou bastante. Quando conversávamos ao telefone ou nos encontrávamos nas férias, sentia escapar nas entrelinhas a admiração que ele sente por mim... e isso me fez acreditar que eu sou importante e querida por ele. Obrigada!

E como não falar da minha querida Maria e do meu Guilherme! Meus queridos sobrinhos que trouxeram muita alegria para a tia que, muitas vezes, não pode dar atenção que vocês mereciam por estar ocupada, escrevendo, estudando, no computador... credo!!! Que tia chata... mas naquele quarto fechada, eu ria sozinha lembrando de vocês dois... que coloriam os meus dias.

E os meus amigos, sem vocês eu fico perdida... O Cris sabe disso... Cris! Como você foi e é importante na minha vida!!! Obrigada pelas palavras amigas, pelos telefonemas, pela compreensão quando eu sumia... pela ida à universidade e por tantas coisas que você, e só você faz por mim... Também não posso deixar de falar do Celso, da Dade e do Jose que me deram um apoio fundamental nos últimos momentos da pesquisa. Também os vizinhos, os amigos da faculdade e os velhos amigos da infância me deram carinho nos poucos momentos que nos encontramos... obrigada a vocês.

Durante o mestrado eu vivi uma fase muito boa da minha vida. Pude me dedicar aos estudos em tempo integral, fiquei mais tempo em casa convivendo com os meus pais e familiares e conheci algumas pessoas maravilhosas, como os amigos que fiz no curso e o meu namorado.

É claro que não podia deixar de agradecer aos membros do GERPI. Que amigos que vocês são! Como foi importante conviver com vocês na faculdade e nas reuniões. Nos aproximamos tanto que vocês já fazem parte da minha lista restrita de amigos! Andrea, Viviane, Sirlei, Ximena, Marcos e Ederson, obrigada pela consideração e pela convivência e espero que essa nossa união só aumente.

Finalmente, gostaria de agradecer ao Tiago. Meu melhor amigo e o meu amor. Obrigada por tudo. Pela convivência, pelo aprendizado, pelas brincadeiras, pelos ótimos momentos que passamos juntos... pelo amor e pelo carinho recebido, pelo apoio que eu ganhei nestes últimos momentos, obrigada... Obrigada por fazer parte da minha vida! Obrigada, Obrigada... “Você é assim, um sonho pra mim...”

L. B.

Sumário

Lista de Abreviaturas	xi
Lista de Ilustrações	xii
Lista de Tabelas	xiv
Resumo	xv
Abstract	xvi
Introdução	1
I. A política como entretenimento	4
II. A valorização do consumo e da abundância.....	7
III. Procedimentos metodológicos.....	11
 1. Capítulo – A Revista	 16
1.1. <i>Reader's Digest</i> , uma leitura edificante.....	16
1.2. Os mitos fundadores dos Estados Unidos	25
1.3. <i>Seleções</i> chegou ao Brasil.....	37
 2. Capítulo – Trabalho e Consumo	 45
2.1. Padrões norte-americanos uni-vos!.....	45
2.2. A harmonia entre patrões e operários.....	62
2.3. O sonho americano e o pesadelo comunista.....	81
 3. Capítulo – O Anticomunismo.....	 111
3.1. A Cortina de Ferro ameaça os povos livres.....	111

3.2. Que perigo é este que ronda a nossa pátria.....	136
--	-----

Conclusão.....	163
-----------------------	------------

Fontes.....	174
--------------------	------------

Bibliografia.....	175
--------------------------	------------

Lista de Abreviaturas

OFFICE – *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*

NAM – *National Association of manufacturers*

MVD – Polícia Secreta Russa

AFL – Federação Americana do Trabalho

CIO – Congresso das Organizações Industriais

NKVD – Polícia Secreta Soviética

HUAC – *Congress's House UnAmerican Activities Committee*

PCB – Partido Comunista Brasileiro

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

Lista de Ilustrações

1. Seleções do Reader's Digest , abril de 1957.	17
2. Seleções do Reader's Digest , agosto de 1954, p. 208.	21
3. Se você trabalhasse na Rússia Soviética. Seleções do Reader's Digest , agosto de 1951, p. 85.	56
4. NOBLE, John H. Fui escravo dos soviéticos. Seleções do Reader's Digest , maio de 1956, p. 181.	60
5. Seleções do Reader's Digest , agosto de 1946, s/p.	75
6. Seleções do Reader's Digest , fevereiro de 1946, s/p.	84
7. Seleções do Reader's Digest , janeiro de 1948, p. 151.	92
8. Seleções do Reader's Digest , agosto de 1949, s/p.	95
9. Seleções do Reader's Digest , fevereiro de 1955, p. 173.	96
10. ALEXEIEV, Nina. Não quis que meus filhos se criassem na Rússia. Seleções do Reader's Digest , setembro de 1947, p. 43.	98
11. Seleções do Reader's Digest , junho de 1959, p. 120.	101
12. Seleções do Reader's Digest , novembro de 1948, p.15.	103
13. Seleções do Reader's Digest , junho de 1952, p. 129.	104
14. FICHER, John. Não há descanso para os russos. Seleções do Reader's Digest , fevereiro de 1947, p.53.	106
15. Seleções do Reader's Digest , abril de 1947, s/p.	108
16. Não é dinheiro o que se envia a Europa. Seleções do Reader's Digest , junho de 1949, p. 36.	125

17. MICHENER, James A. A ponte de Andau. Seleções do Reader's Digest , abril de 1947, p. 129.	133
18. MICHENER, James A. A ponte de Andau. Seleções do Reader's Digest , abril de 1947, p. 130.	135
19. JORDAN, Racey George Nós demos tudo aos vermelhos. Seleções do Reader's Digest , março de 1953, p. 65.	142
20. MUHLEN, Norbert. A fronteira vermelha da Europa. Seleções do Reader's Digest , dezembro de 1951, p. 92.	152
21. A morte lenta chega à Hungria. Seleções do Reader's Digest , junho de 1952, p. 94.	152
22. KLUCKHOHN, Frank. Percorrendo os Estados Unidos com sete vermelhos. Seleções do Reader's Digest , agosto de 1956, p. 118.	153
23. Como viver com os russos. Seleções do Reader's Digest , junho de 1959, p. 84.	153

Lista de Tabelas

1. Média de anúncios publicados, segundo os produtos, de 1946 a 1960.87

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as características do discurso anticomunista veiculado nas revistas Seleções do Reader's Digest, publicadas entre os anos de 1946 e 1960. O comunismo foi criticado pela revista em reportagens que destacavam os problemas sociais existentes nos países comunistas, como a carência de bens materiais, conforto e alimentos. Além disso, foi muitas vezes associado diretamente ao mal, ao pecado e aos medos dos leitores da revista. Quanto aos Estados Unidos, o comunismo foi apresentado como o causador de desordens sociais no mundo do trabalho. Com estas representações, a revista favoreceu os interesses das elites empresariais norte-americanas, já que esses grupos utilizaram o discurso anticomunista para conseguir privilégios políticos e econômicos. Da mesma forma, a política norte-americana também foi beneficiada, uma vez que Seleções publicava diversas reportagens sobre os acontecimentos da Guerra Fria, favorecendo os interesses dos Estados Unidos. A revista ainda publicou algumas referências aos mitos tradicionais norte-americanos em narrativas de conteúdo moral e edificante, as quais eram responsáveis por valorizar a situação econômica e social dos países capitalistas e incentivar o consumo de mercadorias, produzindo e reproduzindo desta forma o discurso anticomunista no cotidiano do homem comum.

Palavras-chave: Anticomunismo, Seleções do Reader's Digest, Guerra Fria

Abstract

This study aims to analyze the characteristics of the anticommunist discourse disseminated in Reader's Digest magazines, published between the years 1946 and 1960. The communism has been criticized by the magazine in articles that emphasized the social problems present in the communist countries, such as the lack of material goods, comfort and food. Besides, the communism was often associated directly to the evil, the sin and the fears of the magazine readers. Concerning the United States, the communism was presented as the cause of social disorders in the labor world. The magazine used to favor the interests of North-American elites, since these groups used the anticommunist discourse to get political and economical privileges. In the same way, the North- American politics has also been benefited, since the Reader's Digest used to publish numerous articles concerning the Cold War happenings, favoring the interests of the United States. The magazine has also published some traditional North-American myths in narratives with moral and edifying content, which would valorize the economical and social situation of capitalist countries and encourage the consume of material goods, producing and reproducing the anticommunist discourse in the common man everyday life.

Key-words: Anticommunism, Reader's Digest, Cold War

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar o anticomunismo encontrado nas revistas *Seleções do Reader's Digest*, publicadas no Brasil no período que corresponde aos anos de 1946 a 1960. Dentre os diversos temas apresentados pela revista, foram selecionados os anúncios e reportagens que valorizavam a sociedade norte-americana e criticavam, direta ou indiretamente, a União Soviética. Para a melhor apreensão deste estudo faz-se necessário compreender o anticomunismo.

Mais do que uma simples oposição política, o anticomunismo também é uma ação contrária ao comunismo e a tudo que o identifica socialmente. Como um fenômeno político militante, que é moldado conforme cada contexto histórico, o anticomunismo se exprime através de diferentes práticas e representações que conferem sentido à realidade, muitas vezes extrapolada para construir um inimigo forte e poderoso. Isto se dá porque a interpretação dos fatos históricos pode ser utilizada para legitimar o poder vigente e reprimir a oposição política, que passa a ser associada ao comunismo. Desta forma, uma incompatibilidade de valores e interesses estabelecem uma fronteira cultural e política entre “nós” e os “outros” (comunistas), que são excluídos da humanidade.¹

Uma das principais funções do anticomunismo é ser uma propaganda

¹ Essas considerações basearam-se nos trabalhos de BONET, L. Anticomunismo. In.: BOBBIO, N. (org.) **Dicionário de Política**. 4º ed., v. 1. Brasília, UNB, 1998, p. 34-5; MOTTA, R. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho**. São Paulo, Perspectiva, 2002; e RODRIGHERO, C. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002.

política utilizada para difundir um pensamento entre as massas através de uma linguagem acessível e de referenciais capazes de serem reconhecidos com facilidade.

Fenômeno do século XX, a propaganda política utiliza palavras e símbolos transmitidos pelos meios de comunicação de massas para influenciar a opinião pública e desta forma induzir a adoção de um juízo ou de uma conduta determinada. Para conseguir tal objetivo, ela precisa basear-se em informações ou projetos sociais concretos que correspondam aos desejos da população e assim ganhar a sua credibilidade. Além disto, ela também é uma estratégia política utilizada para modificar comportamentos, agregar cidadãos em torno de um ideal, conseguir soldados e espiões melhores e atrair até mesmo os desertores para a sua causa.

A propaganda política anticomunista sempre incorpora ao seu discurso um sentimento coletivo pré existente e difunde a sua doutrina de forma clara e simplificada. Ela está de acordo com os sentimentos sociais propagados contra o inimigo, o comunismo, fortalecendo-os e exagerando-os para atrair o maior número de adeptos à causa estabelecida.² Tal como o mito político, a propaganda política é um produto coletivo que "... em sua estrutura, em sua forma como em seu conteúdo, a mensagem a ser transmitida deve, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código já inscrito nas normas do imaginário."³

Estes códigos, também chamados de referências simbólicas e de imaginários sociais, constroem uma determinada identidade coletiva, regulam os agentes sociais, as relações estabelecidas entre os homens, e entre eles e a política, informando

acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os

² Estes pressupostos concordam com as leis de funcionamento das propagandas políticas, estabelecidas por Jean Marie Domenach. As principais leis são: 1) Lei de simplificação e do inimigo último; 2) Lei da ampliação e desfiguração; 3) Lei da Orquestração; 4) Lei da transfusão; e 5) Lei de unanimidade e de contágio. In.: DOMENACH, J. M. **A Propaganda Política**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1955, p. 58-82.

³ GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo, Cia. das Letras, 1987, p. 51.

indivíduos para uma ação comum.⁴

Assim, a pesquisa histórica do imaginário anticomunista justifica-se como uma rica fonte de estudo sobre a utilização dos sentimentos e dos afetos na política. Partindo destas considerações, apresento neste trabalho um artefato deste contexto.

A determinação do recorte cronológico relaciona-se com o início da Guerra Fria. De 1946 a 1960 circularam, em grande parte dos meios de comunicação, idéias e imagens sobre a Guerra Fria, que consistia na disputa ideológica e maniqueísta entre dois sistemas políticos e culturais cujos líderes pretendiam transmitir a todos os demais suas visões de mundo e, acima de tudo, um modo de viver e de entender todas as esferas da condição humana. Na defesa dos seus interesses, utilizaram de propaganda ideológica e do desenvolvimento de armamentos cada vez mais poderosos – visando intimidar as ações do seu opositor.

Nesta guerra, Estados Unidos e União Soviética utilizaram-se dos meios de comunicação de massa⁵ para difundir mensagens capazes de convencer as populações que estavam sob as suas influências políticas e econômicas da importância do conflito. Para que os cidadãos norte-americanos e soviéticos não se opusessem às políticas desenvolvidas pelos seus líderes, seus governos anunciaram a existência de um inimigo forte e expansionista, disposto a guerrear com todos os outros países contrários aos seus objetivos, alegando sobretudo, que caso esta ameaça se concretizasse, era extremamente necessário estabelecer uma política defensiva. Assim, em nome da luta contra a tirania, a propaganda política foi disseminada em discursos oficiais e transmitida pelos meios de comunicação durante todo o conflito.

O conteúdo das mensagens não se limitou apenas às questões sobre o desenvolvimento e a importância do conflito, junto com elas estavam presentes sentimentos de hostilidade e simpatia que formaram uma visão de mundo repleta de significados, legitimando assim as posições de ambos os lados. Dentre os

⁴ BACZKO, B. Imaginação social. In.: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1985, p. 311.

⁵ De acordo com Ecléa Bosi, a comunicação de massa "...é uma comunicação não acadêmica comum a várias classes sociais...", feita através do rádio, da televisão, do cinema, das revistas, dos jornais e dos livros de bolso. In.: BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias**. Petrópolis, Vozes, 1973, p. 22.

diversos assuntos tratados na revista, a pesquisa centralizou-se nos textos que se referiam direta ou indiretamente à Guerra Fria e ao *Perigo Comunista*.

O recorte da pesquisa corresponde ao período estabelecido entre o início da Guerra Fria até a formação da *coexistência pacífica*, esta última sustentada graças ao desenvolvimento armamentista de ambos os blocos, presente na segunda metade da década de 50.

O interesse pelo tema começou durante a participação como bolsista de um programa de extensão universitária⁶ desenvolvida ainda no curso de graduação em História, cujo objetivo era selecionar como fonte histórica propagandas das revistas *Seleções do Reader's Digest*. A continuidade do trabalho com as propagandas da revista resultou na realização da monografia apresentada para conclusão do curso de graduação⁷. Desde então, nas primeiras leituras das revistas foi observada a presença constante de reportagens sobre os acontecimentos mundiais relacionados à Guerra Fria e a existência de diversas narrativas sobre os *horrores* da vida cotidiana na Rússia e nos países ocupados pelo regime comunista soviético, mostrando a grande riqueza de *Seleções* como fonte histórica, assunto discutido no decorrer deste trabalho.

Além do discurso anticomunista, havia outras narrativas que transmitiam valores positivos sobre os Estados Unidos e defendiam as suas ações políticas internas e externas contra a União Soviética. Nelas destacaram-se as experiências pessoais dos cidadãos norte-americanos que dialogavam com os anúncios comerciais, demonstrando como a sociedade norte-americana produziu a sua imagem para os demais povos.

I. A Política como entretenimento

Além do estudo do anticomunismo, é necessário destacar que a revista *Seleções do Reader's Digest* se caracteriza como uma revista de entretenimento por apelar para a simplicidade, através de textos de fácil leitura que tratam as

⁶ Programa de Extensão Universitária do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, intitulado “Educação para a Cidadania”, desenvolvido no ano de 2001 e orientada pela Prof. Dra. Marion Brepohl de Magalhães.

⁷ Monografia apresentada em 2002, intitulada “Decifrar imagens: uma análise semiológica da publicidade na Revista *Seleções*.”, orientada pela Prof. Dra. Marion Brepohl de Magalhães.

ações do dia-a-dia de uma forma simplificada e emotiva.

Também conhecida como *Trivialliteratur*⁸, a literatura de entretenimento se direciona às classes populares em histórias produzidas em grande quantidade, baseadas no bom senso e no lugar comum para agradar o maior número possível de leitores. Por isto diferencia-se da literatura erudita, que trabalha com narrativas complexas e valoriza a construção de um estilo. Nas narrativas de entretenimento os problemas vividos pelos personagens são resolvidos com honestidade e coragem, e as dificuldades superadas com paciência e boa fé. Como nestes relatos os obstáculos são sempre superados e as ações positivas valorizadas, os leitores são encaminhados para encontrar consolo e motivação, sentindo-se recompensados pelas alegrias vividas pelos personagens.

A procura por este mercado editorial relaciona-se com os momentos de lazer. Para distrair-se ou mesmo passar o tempo, o leitor pode encontrar nas revistas de entretenimento a diversão e a momentânea satisfação das suas frustrações pessoais, já que esta proporciona um mundo de sonhos, em estórias que os maus são punidos e os bons, recompensados. Ao mesmo tempo, pode encontrar reportagens que transmitem algum tipo de conhecimento, fornecendo informações úteis à vida prática, aconselhamentos, auxílio em trabalhos escolares, além de ensinar remédios caseiros e informar sobre os acontecimentos nacionais e mundiais da época de publicação. Justamente por isto as mensagens políticas eram possivelmente incorporadas com facilidade.

Por esta razão, desenvolveu-se um estudo sobre o conteúdo das mensagens com temas morais e edificantes que produziam e reproduziam o discurso anticomunista no cotidiano do leitor, transformando a Guerra Fria, através da propaganda ideológica norte-americana, em um tema de grande visibilidade e, ao mesmo tempo, de entretenimento.

Sobre a revista cabem alguns esclarecimentos: no período analisado *Seleções* era um dos periódicos mais lidos no Brasil e disputava o mercado editorial com os Almanques Farmacêuticos e com algumas revistas nacionais, como *O Cruzeiro* e *Manchete*. Tratando de temas como o cotidiano, o casamento,

⁸ Conceito utilizado primeiramente para caracterizar a literatura produzida na Alemanha durante o final do século XIX que se opunha aos cânones da literatura e utilizava uma série de valores morais para conquistar os leitores em histórias consumidas durante o lazer. Também já foi utilizado para classificar as obras que não se enquadram em nenhum gênero literário. Conforme NEVREUX, Jean Baptiste. **Dictionnaire Internationale des Termes Littéraires**. Disponível em <<http://www.DITL.info/art/definition.htm>>. Acesso em: 20 julho 2004.

a educação das crianças, as relações com o próximo, além de informar sobre a atualidade, este tipo de literatura se dirigia, em grande parte, a um público consumidor privilegiado: a classe média.

Seleções diferenciava-se das revistas brasileiras da década de 40 e 50 pelo conteúdo das suas reportagens, na maioria narrativas sobre a vida cotidiana, e pela presença de diversos anúncios publicitários em cores que apresentavam as últimas novidades da indústria norte-americana.⁹ Além disto, as histórias sobre pessoas pobres que conseguiam enriquecer através do trabalho e do esforço individual apresentavam alguns valores morais da sociedade norte-americana que, de acordo com o discurso transmitido em *Seleções*, naquela época, já convivia com governos hostis e totalitários – os comunistas. Todas as *brutalidades* daqueles governos eram constantemente lembradas na revista que advertia a sociedade ocidental sobre o “*perigo vermelho*”. Várias reportagens também anunciavam a necessidade dos Estados Unidos prepararem-se para evitar o aumento do poder soviético e a efetivação da revolução comunista no mundo.

Nesse sentido, a maior preocupação deste trabalho foi compreender como um veículo que tinha como objetivo o entretenimento, e até a propagação de *supostos* valores humanistas, pôde funcionar como ferramenta ideológica, interagindo com o imaginário social. Além disto, foi necessário entender como reportagens informativas e mensagens de conteúdo moral e edificante transmitiram o discurso anticomunista no cotidiano dos leitores que não estavam diretamente ligados à vida política.

A partir deste ponto de vista, a pesquisa desdobra-se em três partes. A primeira delas refere-se às ações anticomunistas de empresários e sindicatos norte-americanos entre os trabalhadores, a segunda relaciona-se à descrição da vida material dos russos como contraponto ao *american way of life*, e finalmente a terceira identifica as referências ao anticomunismo utilizadas nas reportagens, como também analisa a construção do mito anticomunista na política interna e externa norte-americana.

É importante salientar que se decidiu por não analisar a recepção da obra, como desenvolver um estudo sobre a crítica literária que porventura tenha sido

feita à revista, nem desenvolver um trabalho de recepção que entrevistasse os leitores. Interessou sobretudo estudar o conteúdo das reportagens utilizado na difusão do imaginário anticomunista norte-americano, já que revista fazia referências apenas aos fatos que interessassem ou diziam respeito à política interna e externa dos Estados Unidos, ou que simplesmente difundissem o anticomunismo.

II. A valorização do consumo e da abundância

A receptividade das mensagens de *Seleções* em outros países que não os Estados Unidos pôde ser evidenciada pela grande quantidade de exemplares vendidos. No caso do Brasil, a revista foi bem aceita em um momento de grandes transformações econômicas e sociais.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, no Brasil e em muitos países Ocidentais, o sistema democrático consolidou-se¹⁰. De acordo com a propaganda oficial, a esperança agora era construir um mundo de paz e bem-estar. Internamente, um dos maiores objetivos era acabar com o atraso econômico via industrialização, o que ficou conhecido como desenvolvimentismo, associado ao aumento da produção industrial, à acumulação de riquezas e a melhoria da qualidade de vida da população.

Nos anos 40 o primeiro passo dado foi o estabelecimento da indústria de base em território nacional, necessária ao desenvolvimento de uma economia moderna. Centralizadas nas mãos do Estado, a Cia. Siderúrgica Nacional e a Usina de Volta Redonda aumentaram consideravelmente a exploração de matéria-prima nacional, utilizada para fornecer bens e serviços de baixo custo ao capital privado, incentivando a formação de um pólo urbano-industrial.¹¹

⁹ As publicações nacionais centralizavam o conteúdo das revistas no fotojornalismo, como no caso de *Manchete*, em reportagens semanais sobre a atualidade, como *O Cruzeiro*, e na cultura popular com os *Almanaques Farmacêuticos*.

¹⁰ É importante destacar que o comunismo também saiu fortalecido após o final da Segunda Guerra Mundial devido ao impacto positivo da resistência soviética ao nazismo. Isto também se refletiu no crescimento e nos resultados eleitorais dos Partidos Comunistas na Europa Ocidental e no Brasil nas eleições de 1945.

¹¹ De acordo com MENDONÇA, S. As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização. In.: LINHARES, M. (coord.) **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro, Campus, 1990, p. 250.

Na década de 50 a meta governamental era a industrialização vinculada ao desenvolvimento econômico do país, projeto desenvolvido durante o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) através da participação de recursos nacionais e estrangeiros coordenados pelo Estado¹². Ao contrário de Getúlio Vargas, que buscava a autonomia nacional resistindo à entrada de capital estrangeiro, Kubitschek favoreceu o investimento privado estrangeiro em um novo setor industrial, os bens de consumo duráveis, como automóveis, eletrodomésticos e similares. Com a entrada progressiva das multinacionais, a modernização da produção nacional seguiu o modelo capitalista norte-americano.¹³

Uma das transformações resultantes desse processo foi o aumento da urbanização e a formação de um novo grupo de trabalhadores empregados nas empresas nacionais e multinacionais. Parte deles, com o aumento do seu poder aquisitivo, conseguiu ter acesso aos novos bens de consumo produzidos em território nacional e anunciados na publicidade. Desses bens, o consumo de eletrodomésticos, que prometiam facilitar o trabalho doméstico, popularizou-se. O automóvel passou a ser o símbolo do consumo e do progresso, facilitando a locomoção e os momentos de lazer dos seus proprietários. Nas residências o entretenimento também estava garantido com o rádio, meio de comunicação de maior abrangência, e a televisão, ainda que disponível apenas para as classes altas da sociedade.¹⁴

O crescimento das cidades estimulou o aumento do público freqüentador de cinemas e interessado em várias publicações, como as revistas de fotonovelas e as histórias em quadrinhos. Conseqüentemente cresceu o número de jornais e revistas de grande circulação, como *O Cruzeiro*, *Manchete*¹⁵ e *Seleções*. De acordo com Gerson Moura e Maria Lígia Coelho Prado¹⁶, a partir deste período a população brasileira passou a associar à modernidade, o desenvolvimento e o

¹² Ibidem, p. 251-2.

¹³ Conforme FIGUEREDO, A. **A Liberdade é uma Calça Velha, Azul e Desbotada:** publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo, Hucitec História Social, 1998, capítulo 1.

¹⁴ Ibidem, capítulos 2 e 3.

¹⁵ Estas duas publicações foram estudadas nos trabalhos de Anna Figueredo e Lúcia Grinberg. In.: FIGUEREDO, Ibidem; e GRINBERG, I., ESSUS, A. O século faz 50 anos: fotografia e cultura política em 1950. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo v. 14, n. 27, p. 129-149, 1994.

¹⁶ MOURA, G. **Tio Sam Chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986, e PRADO, M. Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX. In.: MOTA, C. **Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira (1500-2000)**: a grande transição. São Paulo, Senac SP, 2000.

saber técnico-científico aos Estados Unidos, ideal de nação desenvolvida.

Quanto às relações internacionais, o governo brasileiro deu continuidade à aliança norte-americana iniciada na Segunda Guerra Mundial para conseguir benefícios e investimentos norte-americanos no país. Em 1947, o então presidente Eurico Gaspar Dutra rompeu diplomaticamente com a URSS e colocou na ilegalidade o Partido Comunista do Brasil – PCB. Internamente, associou os conflitos sociais, como os programas nacionalistas e as reivindicações sindicais, às ações subversivas comunistas, perseguindo líderes do PCB e grevistas.

O governo Dutra (1946-1950) também tinha interesse em manter as alianças iniciadas na Segunda Guerra. Entre seus principais objetivos destacavam-se a obtenção do apoio norte-americano ao seu governo, o término dos empecilhos à entrada de multinacionais no território brasileiro e a garantia da segurança do continente americano, feita pelos Estados Unidos, apoiando-se na Guerra Fria. Um dos setores governamentais que mais recebeu apoio do governo norte-americano foi a Escola Superior de Guerra – ESG. Contando com apoio material, tecnologia e treinamento norte-americano, este grupo de militares participou ativamente da política do período, incentivando a perseguição aos comunistas e favorecendo a entrada de investimentos estrangeiros no país.

Desde o final da Segunda Guerra o interesse norte-americano em manter a defesa do continente contra a influência comunista contou com o apoio do exército brasileiro, principalmente através de acordos que autorizaram o envio de equipamentos militares ao Brasil e de treinamento de oficiais latino-americanos nos Estados Unidos. Esta política atingiu o seu ponto máximo com a fundação da ESG, que estabeleceu a Doutrina de Segurança Nacional, além de atacar intensamente o comunismo, sentindo-se responsável pela defesa e manutenção da ordem no Brasil, favorecendo direta ou indiretamente os interesses norte-americanos.¹⁷

Com relação aos Estados Unidos, a atmosfera de otimismo também se fez presente neste período¹⁸. Desde o término do conflito mundial até o fim da década de 50, grande parte da sociedade norte-americana viveu um período de grande prosperidade. Com o enfraquecimento das grandes potências européias devido aos conflitos bélicos em seus territórios, os Estados Unidos emergiram como a

¹⁷ De acordo com MOURA, op. cit., p. 59 e seguintes.

grande potência mundial. O país sofreu poucas perdas humanas e materiais durante o conflito, aumentou a produção industrial e o número de empregos, beneficiando milhares de norte-americanos. No pós-guerra os indicadores sociais aumentaram ainda mais com a crescente produção da indústria bélica e com o fornecimento de produtos industrializados aos países europeus. Estes, além de ajuda material, receberam auxílio econômico através de empréstimos oferecidos pelos agentes norte-americanos.

Com este processo continuado de crescimento industrial e financeiro, os Estados Unidos expandiram sua economia, experimentando uma época de enriquecimento econômico e prosperidade material. Essa situação resultou em transformações sociais como o crescimento populacional, o desenvolvimento das cidades e o aumento da urbanização. Um número cada vez maior de pessoas conseguiu adquirir a casa própria, um ou dois automóveis e novos bens de uso doméstico, mudando o seu estilo de vida e os seus valores. Com uma situação econômica mais estável, as camadas médias da população melhoraram a qualidade de vida, ampliando cada vez mais os seus desejos de consumo.

Entretanto, no mesmo período esta sociedade baseada no conforto, bem estar e segurança atualizou um dos seus próprios fantasmas: a ameaça comunista dentro e fora do seu país. Nos Estados Unidos, um dos discursos anticomunistas mais fortalecidos era o religioso, que combatia tal ideologia porque ela não aceitava as verdades bíblicas. Além disto, os protestantes também condenavam o comunismo porque ele não valorizava o individualismo, o bem-estar e o consumo abundante, valores estes formadores do imaginário social norte-americano.

Os Estados Unidos, junto com alguns países da Europa Ocidental, começaram a alarmar o mundo sobre o avanço dos movimentos de esquerda e sobre o crescimento de um regime totalitário no Leste europeu. Já a partir de 1946 a política externa norte-americana deixou de lado o isolacionismo para manter a hegemonia sobre os países capitalistas na ordem mundial. Para tanto justificou a Doutrina Truman e o Plano Marshall como uma ação necessária para conter o avanço comunista na Europa.

A partir de 1948, mesmo com o rompimento da Iugoslávia, o comunismo se

¹⁸ Este é o assunto desenvolvido por DIGGINS, John Patrick, **The Proud Decades. America in War in Peace. 1941-1960.** New York, W. W. Norton & Company, 1989.

fortalecia no Leste Europeu e, a partir da entrada da China e da Coréia ao bloco comunista, a Guerra Fria estendeu-se para a Ásia a partir de 1950. Os países latino-americanos só começaram a preocupar os Estados Unidos a partir da segunda metade da década de 50, quando os movimentos nacionalistas e antiamericanistas foram interpretados por parte do governo norte-americano como resultantes da infiltração comunista na região. Com a Revolução Cubana de 1959, a ameaça comunista definitivamente aproximou-se das zonas de interesse dos norte-americanos, causando grandes tensões políticas a partir dos anos 60.

Em nome do combate ao comunismo, os Estados Unidos promoveram uma série de intervenções políticas em países da Europa e no Terceiro Mundo. Em nome da defesa das nações mais fracas, governos antidemocráticos assumiram o poder graças ao apoio militar e financeiro recebido daquele país. Em troca, estes governos deveriam manter a submissão e a cooperação política e econômica, favorecendo os empresários norte-americanos, controlando os sindicatos e a pressão popular por democracia. Estas intervenções foram realizadas na Turquia, na Coréia, em Cuba e no Vietnã, e na participação indireta nos golpes militares na América Latina, através do envio de armas e munições e da instrução dos militares latino-americanos para utilizarem instrumentos de violência com os presos políticos¹⁹.

III. Procedimentos metodológicos

Neste trabalho foram analisadas as imagens e os discursos de *Seleções*, veiculados no cotidiano dos leitores como forma de legitimação afetiva. Para cumprir este objetivo, parte-se primeiramente dos procedimentos adotados por Hannah Arendt na realização das suas pesquisas sobre os regimes totalitários, publicadas no livro, 'As Origens do totalitarismo'²⁰. Principalmente no capítulo que analisa a expansão do poder europeu a autora dedicou-se ao estudo do Imperialismo europeu e discorreu sobre o papel das narrativas na atribuição de sentido para a expansão e a dominação de outros povos. Valeu-se do principal

¹⁹ Conforme CHOMSKY, N. **O que o Tio Sam Realmente Quer**. Brasília, Ed. da UNB, 1998.

²⁰ ARENDT, H. **O Sistema Totalitário**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978.

exemplo, o império Britânico, que utilizou um passado lendário para justificar as ações imperialistas e o racismo. Este seria capaz de orientar as atitudes atuais, pois

As explicações lendárias da história sempre serviram como tardias correções de fatos e eventos reais, necessárias precisamente porque a própria história iria responsabilizar o homem por fatos que ele não havia cometido e por consequências que não tinha previsto. (...) Apenas através das narrativas francamente inventadas, o homem consentia em assumir a responsabilidade pelos acontecimentos e em considerar os eventos passados como o *seu* passado. As lendas davam-lhe o domínio sobre o que não fora obra sua, e a capacidade de lidar com o que não podia desfazer.²¹

O senso de superioridade étnica e cultural dos europeus propagou-se como um sentimento coletivo. Para explicar a força deste sentimento, Arendt recorreu à análise de alguns romances europeus de aventura, encontrando neles o passado lendário que atribuiu significado para as ações racistas e imperialistas. A autora acreditava que os romances, por não tratarem de verdades absolutas e universais mas sim da vida do *homem da multidão*, que não foi herói nem participou da vida pública, eram os responsáveis pelas manifestações grandiosas das idéias e dos valores imperialistas. Nestes romances o acaso transformou-se no principal “árbitro final da vida”, ou seja, “num mundo sem ação”, o drama não teria mais significado já que o romance passou a retratar o destino do homem que ora era atingido pela sorte, ora agia de acordo com as suas necessidades. Como o homem da sociedade industrial passou a aceitar a idéia de destino e sorte ou azar, encontrou nos romances de aventura as narrativas que refletiam esses sentimentos, identificando-se com eles.²²

Arendt centralizou a sua discussão nos romances de aventura, gênero literário que nasceu na Europa durante o século XIX. Estas narrativas logo despertaram o interesse dos leitores que, cansados da sua rotina e do seu cotidiano, passaram a se interessar-se por histórias cheias de emoção e aventura vividas em lugares *exóticos* como a África e a Ásia.

É evidente, no caso do objeto desta pesquisa, que os textos trabalhados em *Seleções* não versavam sobre a África e a Ásia nem eram romances, mas sim pequenas narrativas jornalísticas, contos, crônicas ou depoimentos em primeira

²¹ Ibidem, p. 279.

²² De acordo com DE DECCA, E. Literatura, Modernidade e História. **Rua**, Campinas, I, 1995, p. 37 e seguintes. Neste trabalho o autor faz uma análise sobre os romances de aventura e o Imperialismo, partindo dos estudos desenvolvidos por Hannah Arendt.

pessoa. Contudo, nas narrativas que contavam histórias de pessoas comuns estavam presentes as explicações lendárias capazes de dar significado às situações políticas ocorridas durante os anos da Guerra Fria. Por isso podem ser comparadas e vistas como equivalentes aos romances da época do Império, pois traziam os valores de filantropia, civilização, religião e tutela do povo mais fraco para o público leitor, valorizando a imagem do heroísmo norte-americano.

Assim, foi construída uma relação histórica entre as narrativas presentes em *Seleções* e o desenvolvimento da Guerra Fria, buscando determinar quais foram os valores transmitidos que justificaram a possibilidade de um confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética. Neste sentido, de acordo com estas narrativas, também a Guerra Fria pode ser lida como um romance de aventura no qual ocorre a existência do confronto entre mocinhos e bandidos.

As considerações de Roger Chartier sobre o hábito de leitura também foram utilizadas neste trabalho, principalmente quando o autor afirma que a leitura de um texto constrói sentidos e reforça identidades coletivas e valores políticos e morais de uma sociedade quando aproxima as mensagens e os valores expressos no texto à realidade vivida.

Para o autor, nos estudos sobre as práticas de leitura, deve-se considerar que cada leitor interpreta um texto de uma forma única. Assim, interesses particulares, a existência ou não de conhecimentos sobre o assunto abordado, bem como o motivo da leitura interferem de alguma forma na interpretação do texto. Por isto, tanto os autores como os editores das publicações estabelecem algumas formas de orientar a leitura "... como é caso dos títulos antecipadores ou dos resumos recapitulativos, ou ainda das gravuras, que funcionam como protocolos de leitura ou lugares de memória no texto"²³.

O tamanho da revista, a qualidade da impressão, o número de páginas, a ordem das seções e das reportagens, a existência de imagens e os anúncios comerciais também foram observados na pesquisa. Essas informações, assim como a diversidade de temas abordados, fornecem um perfil da revista, facilitando a compreensão da sua importância para o seu público.

Finalmente, ao tentar determinar o perfil do leitor, Roger Chartier lembra que existem os leitores profissionais (que buscam informações) e aqueles que apenas encaram a leitura como um passatempo. Uma restrição ao autor reside no

fato de que ele considera prejudicial ao desenvolvimento da pesquisa classificar os leitores em classes sociais. Para ele, nos estudos sobre as práticas de leitura a sociedade deve ser pensada por gêneros, grupos etários, bairros, ambiente rural ou urbano, profissão, hobbies, etc. No caso desta pesquisa a categoria classe social tem importância no Brasil pois o preço da revista, o conteúdo e o próprio tamanho das reportagens acabavam direcionando-se às pessoas com um grau de instrução mais elevado e de maior poder aquisitivo.

Embora escape dos objetivos o estudo do público receptor, é importante ressaltar que, conforme a hipótese apresentada, a revista *Seleções do Reader's Digest* direcionou a sua publicação à classe média brasileira, que por sua vez estava em processo de aburguesamento e modernização.

A pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro deles analisa a revista *Seleções* e apresenta as características das suas seções e reportagens. A partir de alguns textos, foi demonstrado o perfil da revista em relação aos valores tradicionais existentes na sociedade norte-americana, como o Destino Manifesto e a valorização do enriquecimento e a acumulação de bens materiais.

Da grande variedade de temas que *Seleções* apresenta em suas páginas, o segundo capítulo aborda dois aspectos. O primeiro deles enfatiza as questões sobre o trabalho e a relação estabelecida entre o trabalhador e o empregador nos Estados Unidos do pós-guerra. A freqüente presença deste tema relaciona-se aos conflitos estabelecidos entre os sindicatos dos operários e os sindicatos dos empregadores norte-americanos, que se aproveitam da ameaça comunista existente nos sindicatos e nas associações de trabalhadores para obter privilégios econômicos. Como contraponto, esta parte da pesquisa apresenta a situação do trabalhador na União Soviética através de reportagens e de imagens que ajudaram a formar o imaginário anticomunista.

O segundo tema abordado no segundo capítulo refere-se ao modelo de vida social e material norte-americano, constantemente lembrado em reportagens e na publicidade de *Seleções*, apresentando um perfil do imaginário social daquele país. Esta parte do trabalho também faz uma comparação entre esse imaginário e a representação anticomunista referente à vida material e social das pessoas que viviam na União Soviética através da análise das reportagens e das publicidades presentes na revista.

²³ CHARTIER, R. **A História Cultural**. Lisboa : Difel, s/d, p. 130.

No terceiro capítulo, foram primeiramente analisadas as reportagens sobre a política externa norte-americana que descreviam o desenvolvimento da contenção e da Guerra Fria na Europa e na Ásia. Em seguida foram estudadas as referências ao marcartismo e ao mito da infiltração comunista, justificado nos casos da espionagem comunista nos Estados Unidos. Finalmente, foi pesquisada a apresentação dos pontos negativos do comunismo através da religião, da comparação com o nazismo e da valorização dos fugitivos, encontrada em diversas reportagens. Coube fazer também uma relação entre estas informações e o imaginário anticomunista brasileiro, uma vez que o anticomunismo presente nas revistas *Seleções* referia-se exclusivamente aos Estados Unidos devido à autoria do texto, aos assuntos abordados, às características representadas e aos personagens citados.

Capítulo 1

A Revista

1.1 *Reader's Digest*, uma leitura edificante

Em fevereiro de 1922 um casal de protestantes do Oeste dos Estados Unidos, Roy William DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, fundaram a revista *Reader's Digest*. No formato de um pequeno livro e apresentando o índice na capa ou na contracapa, a revista de publicação mensal continha em média 30 artigos longos e de assuntos variados para que a sua leitura, leve, gradativa e diária, durasse em torno de um mês. (Figura 01)

Desde sua fundação, *Reader's Digest* foi idealizada para ser uma coletânea de reportagens sobre saúde, invenções, descobertas da ciência e tecnologia, mundo animal, orientação para a educação dos filhos, descrição de lugares exóticos, conselhos práticos para a vida cotidiana, piadas, charadas, histórias emocionantes de pessoas comuns e assuntos do dia-a-dia.

A sua principal característica era selecionar e adaptar o material já publicado em outras revistas, conhecidas ou não do grande público, como por exemplo *Fortune*, *Cosmopolitan*, *Popular Science Monthly*, *Plain Talk*, *Guideposts*, *The Saturday Evening Post*, *Woman's Home Companion*, *The Rotarian*, *The Christian Advocate*. Com o intuito de prestigiar ainda mais a revista, o casal Wallace também convidava escritores, jornalistas famosos e políticos para participar esporadicamente com textos e reportagens.

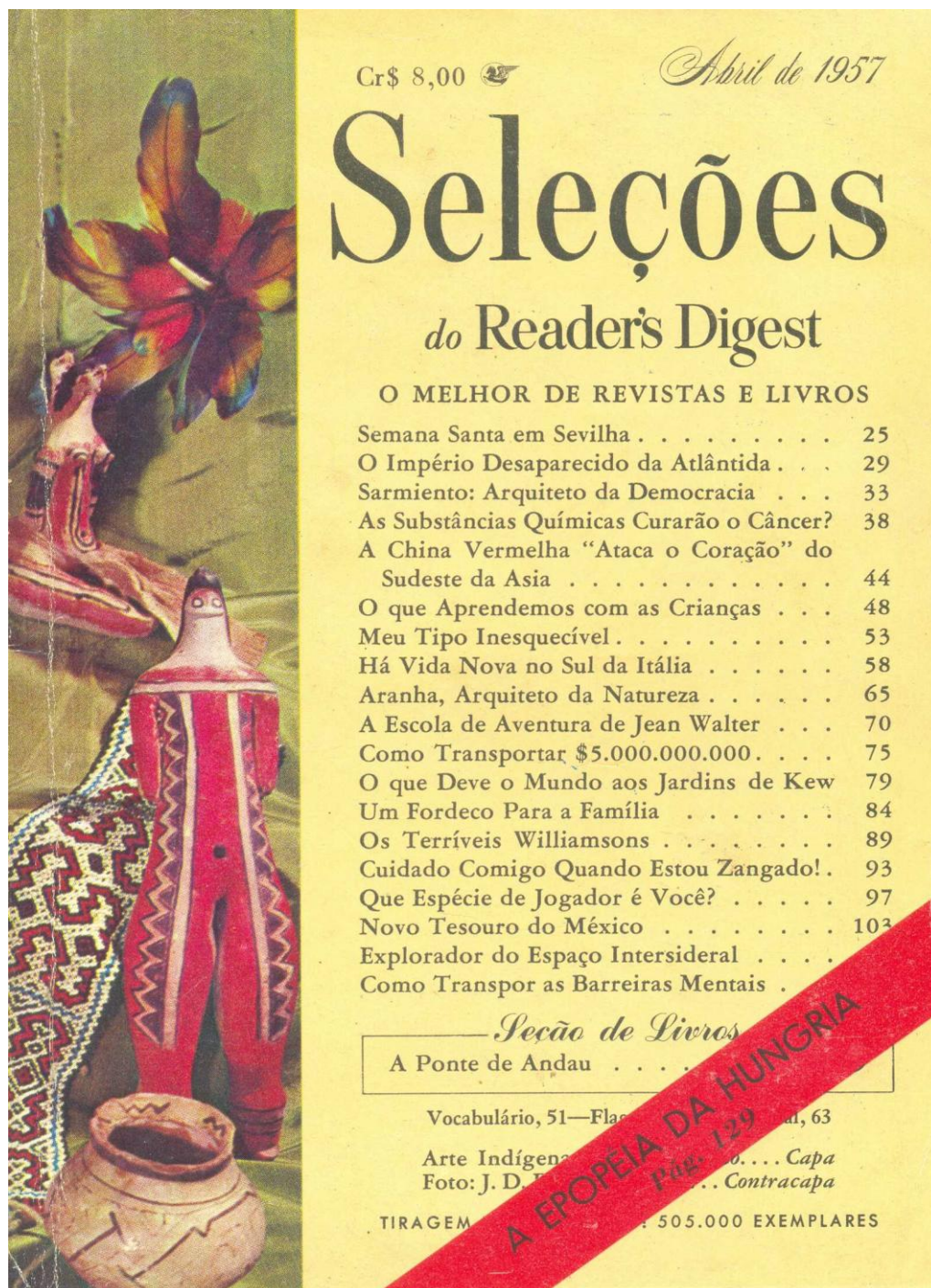


Figura 01

Da variedade de opções disponíveis para o público, os editores e os funcionários da revista escolhiam as reportagens que acreditavam ser mais interessantes e que poderiam ser de interesse permanente para um leitor ideal. O critério utilizado para selecionar quais seriam os artigos publicados baseava-se nas seguintes questões: "1) É digno de ser seguido?, 2) É aplicável aos

interesses da maioria?, 3) É de interesse permanente?”¹ Após o processo de seleção os jornalistas reescreviam as reportagens utilizando frases curtas e uma linguagem simplificada para tornar a leitura mais agradável

...às capacidades de leitura dos compradores que têm de conquistar (...) Essas transformações são de três espécies. Encurtam os textos, suprimem os capítulos, episódios ou divulgações considerados supérfluos, simplificam os enunciados aliviando as frases das orações relativas e intercalares.²

Para não sofrer influências na elaboração da revista, o casal Wallace não permitiu a publicação de propagandas em suas páginas até 1956³.

Os editores de *Reader's Digest* estabeleciam uma continuidade de assuntos tratados nas reportagens com o objetivo de atrair o leitor para ler todo o conteúdo da revista. As reportagens “Qualquer um pode melhorar o mundo” e “O caso da Mme. Kasenkina”⁴ seguiam este princípio.

A primeira informava sobre uma associação de pessoas lideradas pela Igreja Católica cuja finalidade era “mudar o mundo através de pequenas atitudes de ajuda ao próximo e melhorias sociais”⁵. Os *Christophers*, como eram chamados, trabalhavam em causas humanitárias para melhorar a vida de todas as pessoas e tinham apenas dois preceitos: o temor a Deus e o amor ao próximo. A reportagem afirmava que diversas ações positivas foram desenvolvidas pelos *Christophers*, como ajudar um funcionário de um posto de gasolina negro, que iria ser demitido porque alguns fregueses eram preconceituosos, ou ainda defender um sindicato da infiltração comunista:

O caso da esposa de um operário revela a inestimável força da mulher que trabalha obscuramente no lar. O marido disse-lhe que os “vermelhos” se estavam apoderando da direção de seu sindicato. “Não se meta nisso!” aconselhou-o ela. “Só dará encrenca.” Mas um *Christopher* explicou como o afastamento da gente decente dos sindicatos era justamente o que os “vermelhos” queriam. Daí em diante, ela animou o marido a assistir a todas as reuniões, induziu-o a persuadir outros, incitou-o a candidatar-se à presidência do sindicato. Em suma, é esse o histórico do processo pelo qual um grande sindicato foi arrebatado a uma minoria esquerdista organizada. Uma única mulher, animada do espírito

¹ JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções**: Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista, EDUSF, 2000, p. 33.

² CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, Difel, s/d. p. 129.

³ Antes dessa data a única exceção foi a edição da revista publicada para a América Latina. Conforme JUNQUEIRA, op. cit., p. 26.

⁴ KELLER, James. Qualquer um pode melhorar o mundo. e , OURSLER, Fulton. O caso de Mme. Kasenkina. **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1949, p. 57 e p. 77 respectivamente.

⁵ Ibidem, p. 58.

dos *Christophers*, foi o bastante para atear a chama.⁶

Segundo o texto, atitudes individuais como essas, praticadas por cristãos, não eram do agrado de toda a sociedade:

“Detestamos o cristianismo e os cristãos,” proclamou Anatoly Lunacharsky, que foi comissário de educação na União Soviética. “Mesmo os melhores deles têm de ser considerados nossos piores inimigos. Apregoam o amor ao próximo e a misericórdia, o que é contrário aos nossos princípios. O que queremos é o ódio... Só então conquistaremos o universo.” (Citado no *Izvestia*).

A única coisa que aterroriza os ímpios de todo o mundo é o temor de que, algum dia, todos quantos acreditam em Cristo despertem – e *comecem a pôr em ação a sua crença*. Uma vez que isso aconteça, a maioria dos problemas que assediam a humanidade desaparecerá da noite para o dia.⁷

Já na segunda reportagem, esta mesma instituição foi atuante no caso da Mme. Kasenkina, uma senhora russa que quase foi obrigada a retornar para Moscou porque preferia viver nos Estados Unidos. Esta situação foi noticiada em diversos jornais norte-americanos e através de um deles Louise McKeon, uma dona de casa do interior dos Estados Unidos, decidiu fazer alguma coisa para ajudar aquela mulher. Seguindo a orientação dos *Christophers*, “... qualquer pessoa, com atos desinteressados, pode causar mudanças extraordinárias no mundo”⁸, Louise incentivou seu irmão, jovem advogado, a defender Mme. Kasenkina. Mesmo com os procedimentos judiciais a favor da prisioneira, a sua libertação estava sendo cada vez mais dificultada pelos membros do consulado soviético.

No dia do embarque Mme. Kasenkina percebeu que uma multidão estava diante do consulado soviético e, através de um rádio, ela descobriu que

fora promovida uma ação judiciária em favor dela! Esta notícia lhe reanimou o coração e o espírito. Agora compreendia porque a multidão se aglomerava na rua, lá em baixo. Não estava abandonada; a sorte de um indivíduo ainda significava algo na América. *Alguém havia agido; alguém se havia interessado! Toda aquela gente se interessava por ela!*⁹

Diante de tanto apoio, o texto afirmou que Mme. Kasenkina tomou coragem e se jogou da janela do consulado soviético para conquistar a liberdade. Mesmo com a perda da mão, decepada durante a queda, e com diversas fraturas em todo

⁶ Ibidem, p. 60.

⁷ Ibidem, p. 59.

⁸ OURSLER, Fulton. O caso ... op. cit., p. 79.

⁹ Ibidem, p. 82.

o corpo, Mme. Kasenkina foi libertada e passou a viver nas proximidades de Nova York, onde começou a escrever um livro sobre suas experiências pessoais.

Na edição de julho de 1949, vinte páginas separavam duas reportagens sobre as ações desenvolvidas por um grupo de cristãos interessado em lutar pelo bem das pessoas. Essa repetição de assuntos facilitava a compreensão das reportagens ao discorrer sobre um saber já existente, pois quando o leitor lesse a segunda reportagem, lembrar-se-ia dos acontecimentos descritos anteriormente. Neste caso, ele provavelmente ficaria impressionado com o resultado das lutas feitas por pessoas comuns contra o comunismo.

Aliás, reportagens que tratavam tanto de atitudes positivas feitas por pessoas comuns, como do comunismo eram temas constante em *Reader's Digest*. Nestes exemplos, a luta de cristãos contra a presença de comunistas no sindicato e na defesa de uma senhora que iria ser deportada para a União Soviética causaria receios e preocupações em leitores cristãos que até mesmo fossem indiferente ao comunismo, pois através das histórias vividas pelas personagens, o leitor poderia identificar-se com elas e, a partir disso, modificar a sua percepção de mundo.

O casal Wallace também tinha interesse em publicar uma revista com mensagens interessantes em narrativas e textos que ocupavam grande parte do seu conteúdo. Como os proprietários acreditavam que a revista poderia ser útil para consultas futuras, a própria publicação incentivava a elaboração de uma coleção, publicando semestralmente um índice das reportagens e oferecendo uma capa dura para a encadernação.

Esta era uma das vantagens divulgadas aos anunciantes, conforme mostra a figura 02, um anúncio publicado em agosto de 1954 que afirma: “Porque *Seleções* é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e o interesse de sua matéria editorial se transmite aos anúncios que publica.”¹⁰ (Figura 02). Além de incentivar a preservação da revista, os editores também vendiam romances aos seus leitores.

A revista era dividida em algumas seções que possuíam nomes sugestivos e marcantes entre os leitores como ‘*Rir É o Melhor Remédio*’, ‘*Piadas de Caserna*’, ‘*Flagrantes da Vida Real*’, ‘*Enriqueça Seu Vocabulário*’ ou ‘*Meu Tipo Inesquecível*’. Em suas últimas páginas, havia ainda a condensação de um ou

8 razões pelas quais V. S.^a deve anunciar em Seleções

- 1) Continuidade com menos inserções...**
Por ser uma revista mensal, *Seleções* assegura a necessária continuidade em seu plano de propaganda, com um menor número de inserções... menor dispêndio de verba.
- 2) Vida mais longa para o seu anúncio**
Sim. Porque *Seleções* é uma revista que se coleciona, cuja leitura se renova, e o interesse de sua matéria editorial se transmite aos anúncios que publica.
- 3) Melhor cobertura do mercado**
É o que *Seleções* lhe oferece, com sua excepcional *circulação líquida* — a garantia para 1954 é de 340.000 exemplares.
- 4) Maior número de leitores por exemplar!**
Cada exemplar de *Seleções* é lido, em média, por 6 pessoas — 3 homens e 3 mulheres. Sua mensagem alcançará um grupo de 2.040.000 leitores, de alto poder aquisitivo.
- 5) O mais baixo custo**
por mil exemplares e mil leitores. O seu anúncio em *Seleções* custa Cr\$ 75,29 líquidos por mil exemplares — apenas 1 centavo por leitor.
- 6) Melhor reprodução do seu anúncio!**
A perfeita apresentação dos anúncios em preto e branco, ou 2 e 4 cores, aumenta a sua eficácia e os torna mais apreciados pelos milhares de leitores de *Seleções*.
- 7) Melhor companhia para seu anúncio**
As principais empresas... as mais conceituadas firmas anunciam em *Seleções*. Assim, prestigiaremos sempre o seu anúncio com a melhor companhia.
- 8) Impressão gratuita de material de promoção de vendas**
O seu anúncio em *Seleções* lhe dará direito a um crédito para impressão de material de promoção de vendas. Peça esclarecimentos aos nossos representantes de publicidade.

Em seu plano de propaganda, *Seleções* representa sempre - mais leitores... menor custo... melhores resultados.

Seleções do Reader's Digest

RIO: Praça Pio X, 98 - 11.º andar; tel.: 43-9402
S. PAULO: Av. Casper Líbero, 58 - 14.º and.; tel.: 34-7443

Figura 02

dois romances publicados nos Estados Unidos. Nessas seções a prioridade era narrar atos heróicos ou mesmo atitudes simples do cotidiano praticadas por pessoas comuns que solucionavam os seus problemas através da fé e da força de vontade. Para divertir seus leitores ainda havia algumas páginas dedicadas às piadas inocentes e uma seção chamada *Enriqueça Seu Vocabulário*. Na edição brasileira havia um teste sobre a escrita e o significado das palavras organizado

¹⁰ *Seleções do Reader's Digest*, agosto de 1954, s/p.

por Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira. Assuntos simples e ingênuos também deveriam alegrar e envolver os leitores e por isto eram constantemente publicados, como uma das pequenas histórias presentes em *Flagrantes da Vida Real* de maio de 1952:

As estações de rádio recebem muitos pedidos estranhos, mas talvez o mais estranho de todos tenha sido o que chegou a uma grande emissora de Chicago. Um pastor de Montana escreveu dizendo que vivia só com o seu cão, quatro mil carneiros e um pequeno rádio de pilha. Possuía também um violino, e nos dias em que a orquestra sinfônica tocava ele ligava o aparelho e lamentava não poder acompanhar ao violino as peças que conhecia de cor. Tentara-o muitas vezes, mas o violino estava sempre desafinado. “Antes de começar o próximo programa poderiam os senhores pedir à orquestra que desse o Lá para mim? No programa seguinte da Orquestra Sinfônica de Chicago, antes de iniciar o concerto, ouviu-se a seguinte comunicação: “Agora a orquestra vai dar o Lá para um pastor de Montana.”¹¹

Com estas fórmulas os fundadores de *Reader's Digest* conseguiram atingir um grande número de leitores, pois sempre haveria algum assunto que despertasse interesse em qualquer pessoa, independente de sexo, condição social ou idade. Isto confirmou-se após dez anos de publicação quando a revista alcançou a quantidade de um milhão de exemplares vendidos, apenas por assinatura, nos Estados Unidos.

As primeiras edições foram vendidas no interior do país para os fazendeiros e a classe média rural do Oeste norte-americano, região e público de difícil acesso às publicações. Em pouco tempo, *Reader's Digest* alcançou todo o território norte-americano, direcionando-se para a classe média urbana e rural.

Um dos motivos do grande sucesso da revista era a publicação de textos emotivos e com valores morais de respeito ao próximo, a prática do bem, conselhos para a educação dos filhos e para o relacionamento em família. Como estes assuntos já faziam parte de uma cultura editorial que publicava textos sobre aperfeiçoamento espiritual e comportamental para a classe média norte-americana desde o final do século XIX, *Reader's Digest* também publicava “... romances, baladas e melodramas em que os laços de amor, o bem estar e o infortúnio estavam onipresentes.”¹²

Alguns temas eram constantes em narrativas que agradavam aos leitores

¹¹ **Seleções do Reader's Digest**, maio de 1952, p. 73.

¹² GRIFFEN, C. O ethos progressista. In.: COBEN, S.; RATNER, L. **O Desenvolvimento da Cultura Norte-americana**. Rio de Janeiro, Anima, 1985, p. 198.

como “Casar-se bem mas com quem?”¹³, que orientava os jovens a encontrar pessoas com gostos parecidos e incentivava a procura do parceiro ideal nas escolas e em clubes para jovens. “A questão sexual e a infância”¹⁴, reportagem escrita por um médico norte-americano, orientava os pais sobre as melhores respostas para dar aos filhos quando estes faziam perguntas sobre concepção e nascimento. Ou ainda “O que o nosso filho aprendeu no lar”¹⁵ incentivava os pais a despertar a curiosidade e a auto-confiança nas crianças em uma narrativa enviada pelo *Rotarian*.

Interpretando a sociedade para o leitor, a revista colocava-se como porta-voz do seu público, estabelecendo modelos de comportamento e criticando atitudes que deveriam ser evitadas. Além disto, estabelecia vínculos afetivos com os leitores através das narrativas de cunho afetivo sobre as ações nobres praticadas pelas personagens que alcançavam um final feliz após superar diversas dificuldades.

Estas características conseguiram formar um público fiel, pois a leitura destas narrativas despertava sentimentos de identificação que traziam alegria, diversão, tristeza ou encorajamento aos leitores. Da mesma forma os conselhos, as orientações afetivas e as soluções dos problemas cotidianos eram respostas afetivas aos sofrimentos pessoais vividos pelos leitores. As narrativas sobre homens comuns que praticavam ações extraordinárias também poderiam servir de consolo e motivação aos leitores frustrados que desejavam ter atitudes nobres e serem reconhecidos por isto.

A revista vinculava ainda reportagens sobre descobertas médicas e científicas, valorizando o trabalho e a engenhosidade dos profissionais envolvidos nos projetos, e informava sobre os acontecimentos políticos contemporâneos. Trazia também biografias de personalidades e de pessoas que enriqueceram com esforço individual e boa conduta moral, valorizava o *self made man* e estimulava o trabalho e o empreendedorismo para o caminho da riqueza e do sucesso, centralizando o discurso nas qualidades do cidadão comum norte-americano e na excelência dos Estados Unidos. Essa glorificação relacionava-se com uma auto-

¹³ FOLSOM, Joseph K. Casar-se bem - mas com quem? **Seleções do Reader's Digest**, março de 1949, p. 57.

¹⁴ RATCLIFF, J. D. A questão sexual e a infância. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1951, p. 49.

imagem norte-americana baseada em pressupostos religiosos de Eleição Divina e Destino Manifesto, que interpretava o seu povo através “... da associação da salvação com o bem estar e a acumulação de riqueza, e do individualismo como distintivo de todos os setores da vida.”¹⁶

Através da glorificação da vida e das atitudes cotidianas de pessoas comuns a revista estabeleceu um modelo ideal de comportamento que deveria ser posto em prática por todos os seus leitores. Indiretamente, como todas as personagens destas histórias repletas de sentimentos nobres e otimistas eram norte-americanas, os leitores da revista acabariam associando todos os habitantes dos Estados Unidos a essa imagem ideal: pessoas simpáticas e espontâneas como eram retratadas na revista. Estendendo tal raciocínio, os Estados Unidos eram colocados como um país harmonioso e ordenado que apenas sofria com a existência do comunismo – uma vez que a revista não retratava seus problemas sociais.

Definindo o seu caráter conservador, a revista legitimava a ordem estabelecida e opunha-se às reivindicações trabalhistas e às mudanças sociais. Tentando disfarçar este posicionamento, colocava poucos artigos de posição contrária aos seus valores tradicionais. Estas afirmações justificavam-se na existência de artigos preconceituosos sobre a presença dos imigrantes europeus em 1922, e de textos anti-semitas, publicados até o ano de 1939, sem contar os artigos anticatólicos e as poucas referências aos negros, que apareciam em histórias que destacavam a caridade dos brancos norte-americanos.¹⁷

Depois de alcançar uma grande difusão nos Estados Unidos, o casal Wallace decidiu publicar a revista em outros países. Esse empreendimento teve início na Inglaterra no ano de 1938. Além da motivação comercial, os proprietários receberam incentivo do departamento de Estado, que acreditava ser a revista um importante meio de transmissão de mensagens favoráveis sobre os valores e costumes da sociedade norte-americana. Através de incentivo do governo norte-americano, em dezembro de 1940 foi publicada a sua primeira edição em espanhol destinada à América Latina, intitulada *Selecciones*, chegando ao Brasil

¹⁵ O que o nosso filho aprendeu no lar. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1946, p. 81.

¹⁶ GALINDO, F. **O Fenômeno das Seitas Fundamentalistas**. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 145.

¹⁷ JUNQUEIRA, M. **Ao Sul do Rio Grande...** op. cit., p. 30 e 31.

somente em fevereiro de 1942.¹⁸

Nos países onde a revista era vendida, a editora contratava funcionários locais e abria um escritório para estruturar a revista e selecionar reportagens que pudessem ser contrárias aos costumes ou a política local para evitar problemas com os novos compradores. Com o início da Guerra Fria, estes escritórios ganharam uma nova função. Os seus artigos intensificaram o apoio à política norte-americana, defendendo o capitalismo e o *american way of life* e divulgando idéias anticomunistas. A revista também cooperou no combate às esquerdas de uma forma mais direta entre os anos de 40 e 70, empregando nos seus escritórios diversos funcionários do governo. “Alguns dos executivos da revista, em vários países da Europa, foram ligados à CIA. (...) Nos anos 60 e 70, as sucursais de *Selecciones* em alguns países da América Latina, como Peru e México, também funcionaram como base para a atuação do serviço secreto norte-americano”.¹⁹

Entretanto, o maior apoio dado ao governo norte-americano foi a constante transmissão de narrativas que referenciavam os mitos e a excelência da sociedade e da política norte-americana.

1.2 Os mitos fundadores dos Estados Unidos

Além de textos edificantes e reportagens curiosas sobre o mundo animal, sobre o desenvolvimento científico e os últimos acontecimentos mundiais, *Seleções* foi também um meio de divulgação do patriotismo e de uma visão de mundo favorável aos Estados Unidos, pois sempre trazia alguma reportagem positiva sobre o seu país de origem, como mostra “Os Estados Unidos ao microscópio”²⁰. Nesta reportagem vários estudantes de outros países mudaram os seus valores ao conviver com os norte-americanos. Eles descobriram que nos Estados Unidos os produtos industrializados eram baratos, as pessoas faziam serviços simples sem se sentirem envergonhadas e os trabalhadores auxiliavam

¹⁸ Ibidem, p. 34 e seguintes.

¹⁹ Ibidem, p. 40. A autora também mencionou a existência de funcionários da *Seleções* que trabalhavam para a CIA, atuantes na Itália e na França nos anos 40 e 50, responsáveis por fiscalizar a atuação do Partido Comunista; e no Chile, durante a o golpe militar que derrubou o governo Allende.

²⁰ WHITE, W. L. Os Estados Unidos ao microscópio. **Seleções do Reader's Digest**, abril de 1952, p. 136.

os patrões. Um estudante alemão observou que os operários de uma fábrica “... Estavam todos bem vestidos, alegres, não parecendo preocupados com coisa alguma. (...)”²¹ e concluiu que “Em todos os livros de divulgação marxista, o capital e o trabalho hão de estar empenhados em luta de morte. Mas nos Estados Unidos conseguem cooperar.”²²

A reportagem também afirmava que os estrangeiros observavam que nos Estados Unidos a democracia se faria sentir até nos lares, pois os maridos ajudavam as esposas e os filhos não eram censurados ao dar a sua opinião. “No meu país há democracia só de nome. Foi para mim uma grande surpresa encontrar famílias trabalhando em conjunto. Em minha terra há uma barreira entre pais e filhos”²³, exclamou um latino-americano. Alguns estudantes fizeram muitas críticas aos métodos de ensino aplicados nas escolas norte-americanas, bem como aos seus próprios jovens, que eram superficiais e muito mais fracos que os europeus; porém “... a ingênua, natural e inocente generosidade dos americanos. A bondade, não lhes requer esforço”²⁴ e isto compensava qualquer falha.

Com reportagens como esta *Seleções* poderia influenciar a opinião dos seus leitores ao mostrar características positivas da sociedade norte-americana através do olhar estrangeiro. Nesta sociedade o trabalho manual era honrado, os produtos eram baratos e não havia nenhuma oposição entre os trabalhadores e os patrões, contrariando a teoria marxista. Os norte-americanos também eram gentis, bondosos e educados com os estrangeiros e com a própria família, onde todos eram iguais.

A transmissão de imagens positivas sobre o *american way of life* não era novidade nos Estados Unidos. Nos anos trinta, “várias publicações traziam referências freqüentes a ‘um modo de vida americano’. A expressão ‘O sonho americano’ adquiriu uso comum, significando alguma coisa compartilhada por todos os americanos em função da própria nação organizada”²⁵.

Nesta época explodiu no mercado editorial a literatura que ensinava a alcançar o sucesso. Nestas obras, diferentemente das teorias sobre os problemas do sistema econômico e o fracasso do capitalismo, afirmava-se que o sucesso

²¹ Ibidem.

²² Ibidem, p. 137.

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem, p. 142.

²⁵ SUSMAN, W. A década de 30. In.: COBEN, S. RATNER, L. **O Desenvolvimento da**

deveria ser explicado por razões de ordem individual e moral e não política. Desta forma o sucesso poderia ser alcançado através do esforço pessoal e da determinação individual. Os *best-sellers* da década também ensinavam a fazer amigos, valorizavam o trabalho e a ocupação saudável e destacavam a importância de sempre sorrir. Estes valores concordavam com a postura tradicional da religião protestante que também valorizava o trabalho, incentivava a prática de ações voltadas para o bem comum, pregava a determinação individual em vencer as dificuldades e valorizava a postura simples e moralizada do homem comum.

Esta literatura recebeu uma grande influência do protestantismo. Uma das características desta religião é a predestinação, um sinal visível da salvação divina que pode ser reconhecido socialmente através do trabalho físico intenso que gera riquezas. Nos Estados Unidos

A identificação da salvação com o êxito e a acumulação de riquezas tem relação com o grande valor que o puritanismo dava ao trabalho, e a convicção de que Deus não deixa sem recompensa os que trabalham com empenho. Combinado com o racionalismo econômico do século XIX, o êxito, representado antes de tudo pela posse de dinheiro, se converteu em norma central de vida, e é interpretado hoje como sinal da bondade moral e indício de salvação divina. Essa mentalidade levou a que ricos e poderosos ficassem encarregados de impor as regras de convivência, e a que os pobres fossem desprezados como culpados de seu próprio infortúnio.²⁶

Como consequência, as pessoas ricas eram bem vistas nesta sociedade, já que trabalharam muito, eram virtuosas e por isto eleitas por Deus. Os pobres, por outro lado, ou não trabalhavam como deveriam, ou não recebiam a ajuda divina, sendo por isto condenados e merecedores desta condição social. O resultado direto deste pensamento foi o culto à riqueza e a valorização do sucesso material nos Estados Unidos.²⁷

Seleções também foi influenciada pela predestinação e não se diferenciou daquela literatura, pois celebrava a ascensão social e encorajava o espírito de iniciativa e o gosto pelo trabalho desde a mais tenra idade. Deste modo, todos os seus leitores eram persuadidos de que poderiam passar da “Cabine de pau” à Casa Branca, por um itinerário algumas vezes fantástico.²⁸ Por este motivo, as

Cultura Norte-americana. Rio de Janeiro, Anima, 1985. p. 276.

²⁶ GALINDO, op. cit., p. 146.

²⁷ Conforme FICHOU, J. **A Civilização Americana.** Campinas, Papirus, 1990, capítulo 4.

²⁸ Parafraseando FICHOU. op. cit., p. 45.

histórias de empresários, banqueiros e cientistas que conseguiam superar os obstáculos e enriquecer através do seu esforço enchiam as páginas da revista, como nas reportagens “A história singular da Coca-Cola”²⁹ e “O rei da Barganha”³⁰.

A primeira reportagem descrevia a trajetória do produto norte-americano conhecido em praticamente todo o mundo – “A União Soviética é a única das grandes áreas geográficas que desconhece a Coca-Cola.”³¹ Até conseguir tamanho sucesso em vendas, o refrigerante passou pelas mãos de três proprietários. Entretanto, “a publicidade foi a linha mestra da Coca-Cola em todas as fases da sua existência. (...) a frase familiar ‘Deliciosa e refrescante’ remonta a 1889. ‘A pausa que refresca’ tem apenas 18 anos.”³² Mesmo a concorrência não podia abalar a estrutura de uma bebida cujo segredo era conhecido por apenas dois químicos. O resultado de tanto cuidado foi um gigantesco rendimento aos seus proprietários, valor que tinha a tendência a aumentar ainda mais.

Depois de completar 50 anos, o ritmo de desenvolvimento acelerou-se ainda mais que depois dos 20 ou 30. Em fins de 1920, anunciava ‘9.000.000 por dia’; hoje, as vendas diárias sobem a mais de 34.000.000. A Coca-Cola está passando rapidamente de bebida nacional para universal.³³

A reportagem “O rei da barganha” descrevia a trajetória de John Spencer Redshaw. De funcionário dos correios, se tornou um dos mais notáveis homens de negócios de Nova York. A sua fortuna se originou do hábito de trocar objetos por outros durante a infância para conseguir alguns trocados. Quando adulto continuou permutando objetos para ajudar a manter a sua família e conseguiu fazer o seu negócio crescer a ponto de tornar-se um homem rico. Segundo Redshaw qualquer coisa, por mais estranha que seja, pode ser objeto de barganha. Para negociar com os clientes, destacava algumas recomendações:

As permutas de grande vulto requerem intuição, cálculo rápido como um relâmpago, o profundo conhecimento da psicologia humana. ‘A gente espanta os fregueses, agindo com ares de esperteza,’ disse Redshaw; e, de acordo com essa teoria, escreve suas cartas em

²⁹ WHARTON, Don. A história singular da Coca-Cola. **Seleções do Reader’s Digest**, setembro de 1947, p. 117.

³⁰ WALLACE, Ralph. O rei da barganha. **Seleções do Reader’s Digest**, janeiro de 1946, p. 42.

³¹ WHARTON, Don. A história ... p. 120.

³² Ibidem, p. 118.

³³ Ibidem, p. 119.

uma máquina muito batida, ou com uma caligrafia incerta, como se fosse simples negociante provinciano. Outro sistema que sempre emprega, com bons resultados, consiste em sempre depreciar os seus artigos, antes de mostrá-los aos fregueses. ‘De fato, tenho uma máquina de calcular, já muito martelada’ diz ele; e quando, surpresa, o cliente depara com uma máquina em perfeitas condições, o negócio está fechado...³⁴

A trajetória pessoal de Redshaw e a reportagem sobre o sucesso da Coca-Cola traziam uma imagem positiva do mundo dos negócios quando mostrava as oportunidades existentes para as pessoas que tinham iniciativa e boas idéias e o resultado dos negócios realizados com perspicácia. Por valorizar estes assuntos *Seleções* ignorava completamente as dificuldades, as angústias e a insegurança vivida pelos trabalhadores e pobres no mundo capitalista.

Seleções freqüentemente trazia narrativas sobre histórias de vida repletas de otimismo, escritas de uma forma leve para despertar as emoções, a admiração e o encorajamento nos seus leitores. Nestas histórias os problemas pessoais eram superados com determinação e força de vontade como na reportagem “Das trevas para a luz: a vida de Hellen Keller”³⁵, sobre a história de uma mulher, “Cega, surda e muda desde a primeira infância, que superou as suas três deficiências e tornou-se uma das personalidades mais conhecidas do mundo moderno, servindo de inspiração, em toda parte, tanto aos cegos como aos que vêem.”³⁶ Uma das suas maiores conquistas foi aprender a falar. Foi a primeira mulher com deficiência visual que ingressou em uma universidade e, após concluir os estudos, passou a auxiliar pessoas com as mesmas dificuldades em todo o mundo.

Em reportagens semelhantes, a imagem da sociedade e do cidadão norte-americano era valorizada através de atitudes positivas que visavam o bem-estar da família e da comunidade. Fazendo parte do seu imaginário social, este otimismo foi resultado de uma interpretação da história norte-americana, que associava a prosperidade do país ao progresso social e econômico, esperado deste a travessia dos primeiros imigrantes para o Novo Continente, pois

Quando um país dispõe de recursos abundantes que os homens estão prontos para explorar, quando a religião encoraja a aquisição de riquezas, quando as boas instituições favorecem as iniciativas, o otimismo se justifica tanto melhor se a história nacional foi

³⁴ Ibidem, p. 43.

³⁵ ROSS, Ishbel. Das trevas para a luz: a vida de Hellen Keller. **Seleções do Reader's Digest**, janeiro de 1951, p. 167.

³⁶ Ibidem.

apenas de progresso material e sucesso repetidos.³⁷

O otimismo também se relaciona com a distribuição de terras ocorridas durante a ocupação do Oeste, que acabou sendo interpretada como o movimento que proporcionou igualdade de oportunidades para todos os cidadãos. De acordo com esta idéia, cabia apenas ao indivíduo esforçar-se para conseguir colher os resultados do seu trabalho, já que a natureza e o governo garantiriam a propriedade privada e as melhores condições de vida para todos.

Este pensamento se relaciona também com as imagens mitificadas do processo histórico norte-americano, que destacava a oportunidade de uma nova vida alcançada pelos peregrinos nos primeiros anos das Colônias. Estes, após ficarem livres das perseguições religiosas e de uma sociedade estamental, que privilegiava as classes aristocráticas, trouxeram a promessa de liberdade e prosperidade, alcançadas através do trabalho árduo e da fé na recompensa dada por Deus. A própria Declaração da Independência dos Estados Unidos justificava a procura pela felicidade, servindo de fonte de otimismo e inspiração para o estabelecimento de uma nova sociedade.

A fundação e a ocupação do território dos Estados Unidos receberam, igualmente, uma interpretação especial. Os mitos da Eleição Divina e o Destino Manifesto referiam-se à fundação deste país por um grupo de protestantes que encontrou um lugar para praticar a sua religião livremente. Inspirados pela “doutrina puritana e escocesa de eleição divina, que aplicavam a si mesmos”, os primeiros imigrantes interpretavam a chegada ao novo continente como “a nova Israel a quem Deus havia presenteado com um novo Canaã (Ex 6,4s)”³⁸. No Novo Continente estes peregrinos, na maioria protestantes, uniram-se para fundar uma nova pátria que deveria garantir a liberdade política e religiosa através de um corpo político representativo que permitiria o auto-governo.

Dando as costas ao passado europeu, o imigrante norte-americano queria construir uma sociedade próspera para deixá-la aos seus filhos. Pelo trabalho e pelo esforço comum, eles venceram as dificuldades iniciais e estabeleceram as primeiras comunidades no Leste da América. Com o crescimento da população, teve início o movimento de ocupação das terras do centro e do Oeste do

³⁷ FICHOU, op. cit., p. 44.

³⁸ GALINDO, op. cit., p. 139 e 140.

continente. “Foi a época do ‘Destino Manifesto’, da missão providencial que, acreditava-se, a América havia recebido do céu, de penetrar mais e mais na direção oeste para fundar sobre terra virgem um reino de liberdade querido por Deus.”³⁹

Essa interpretação ‘messiânica’ do processo histórico norte-americano foi secularizada pelo historiador Frederick Jackson Turner⁴⁰. Para ele a excepcionalidade da história norte-americana referia-se à imensa quantidade de terras livres para a ocupação do pequeno proprietário. A propriedade privada era acessível a todas as pessoas interessadas em trabalhar para obter o sucesso material e construir a sua comunidade. A abundância de terras também proporcionou oportunidades iguais de acumular bens materiais para os cidadãos interessados em prosperar. Turner encontrou neste processo as bases do sistema democrático norte-americano, no qual coube ao governo a função de garantir chances iguais de acesso à terra e à posse da propriedade privada para todos os cidadãos.

Estes temas referem-se aos principais mitos da sociedade norte-americana, a qual é interpretada como originalmente formada por peregrinos que fugiram de perseguições político-religiosas na Inglaterra e que conseguiram estabelecer um governo democrático no Novo Mundo. Por isto proporcionou chances iguais de ascensão social em um lugar com terras abundantes e natureza farta, tudo isto interpretado como o resultado das bênçãos de Deus.

Além de influenciarem diretamente a primeira interpretação da historiografia tradicional norte-americana, esses mitos estavam direta ou indiretamente presentes nos bens culturais, na tradição, nos meios de comunicação de massa e em todas as representações que boa parte desta sociedade fazia de si mesma. Por isto, eles contribuíam na construção da identidade dos indivíduos dentro do grupo e davam significado à organização da sociedade, sendo formadores e emissores dos imaginários sociais.

Um dos motivos do grande número de exemplares vendidos de *Seleções* nos Estados Unidos era a constante publicação de temas referentes ao imaginário

³⁹ Ibidem, p. 97.

⁴⁰ Frederick J. Turner, em 1893, interpretou a formação da sociedade norte-americana através da Ocupação do Oeste dos Estados Unidos em um ensaio chamado *A significação da Fronteira na história americana*. Neste ensaio, destacou as características do pioneiro como formadoras dos cidadãos norte-americanos.

social norte-americano. Narrativas sobre a ocupação do território do Oeste e a valorização da vida no interior eram lembradas em várias reportagens como “Um lar em Pleno Ermo”⁴¹, de Kathrene Pinkerton, que descrevia as experiências pessoais da autora quando decidiu viver nas florestas do Norte canadense para acompanhar o marido, que estava com problemas de saúde e precisava de repouso. Relatando a chegada e as dificuldades iniciais de encontrar o local ideal para a construção da casa, a obtenção de alimentos e a locomoção; a autora narrou o seu processo de adaptação e descreveu o amor que passou a sentir por aquele lugar, que

... não era mais a região desolada e agreste que eu vira passar fugazmente das janelas do nosso trem, mas uma terra selvagem de beleza e de aventura, de rios velozes se esgueirando para o norte, de terrenos onde ninguém jamais havia acampado antes de nós, de macias e profundas trilhas de animais que levam ao coração da floresta...⁴²

Com a casa já construída Kathrene começou a se ocupar com o trabalho rotineiro da região: caçar animais, pescar, buscar lenhas, lavar roupas, ir até o armazém para comprar alguns mantimentos e utilizar os serviços do correio. No início, acompanhar esta rotina não era muito fácil. “Eu era uma simples dona de casa, e sem nenhuma das pequenas variantes que quebram a monotonia da existência duma doméstica: compras, almoços fora, longas conversas no telefone, ou mesmo a modesta perspectiva dum vendedor à porta para um bate-boca.”⁴³ Seus problemas estendiam-se aos preparos dos alimentos, pois teve que adaptar as tradicionais receitas que precisavam de ovos, fermento, produtos enlatados, etc. Nestas situações, a identificação com as dificuldades vividas pelos pioneiros era constante:

Em todo o continente norte-americano as mulheres sempre tiveram que resolver idênticos problemas, quando acoissadas pela solidão. Os pastelões de picadinho dos puritanos, o arroz secado ao sol dos descendentes dos franceses na Luisiana, o bolinho de milho do Sul, são, todos eles resultado da necessidade feita virtude. No cantinho que me servia de cozinha, eu estava apenas jogando uma partida contra a solidão.⁴⁴

Esta identificação trazia novas forças a Kathrene que, a cada dia que

⁴¹ PINKERTON, Kathrene. Um lar em Pleno Ermo. **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1947, p. 119.

⁴² Ibidem, p. 123.

⁴³ Ibidem, p. 127.

⁴⁴ Ibidem.

passava, começava a desejar viver naquela região. Entretanto, após dois anos, nasceu a sua filha e a nova rotina da família obrigou o casal a retornar para a cidade. Porém, deixaram a região onde foram muito felizes com muita tristeza.

Além da exaltação ao pioneiro, a revista também trazia várias histórias sobre os heróis norte-americanos, fossem eles homens comuns, militares ou políticos. Referências aos presidentes eram constantes em reportagens biográficas como “Herbert Hoover – O presidente desconhecido”⁴⁵, que destacava as suas ações caritativas desenvolvidas em diversos países em nome dos Estados Unidos. Nascido em uma colônia Quaker do interior, Hoover ficou órfão de pai e mãe aos onze anos. Pobre, sempre trabalhou para sustentar os seus estudos até formar-se em Engenharia de Minas.

Mesmo antes de envolver-se com a política, Hoover já se preocupava em ajudar as pessoas. Quando trabalhava na China, salvou a vida de diversas crianças durante a revolta dos *boxers*. Na Primeira Guerra Mundial, foi responsável por ajudar todos os norte-americanos que estavam tendo dificuldades em sair da Europa. Quando acabou sua missão, “... foi convidado pelo embaixador dos Estados Unidos em Londres... a organizar o socorro a sete milhões de belgas que corriam o risco iminente de morrer de fome.”⁴⁶ Com o final da Guerra, Hoover ajudou a alimentar e a vestir 10 milhões de crianças em toda a Europa Oriental e Ocidental e prestou auxílio até à União Soviética.

Atitudes dignas e honradas não eram exclusivas dos presidentes norte-americanos. Outras narrativas valorizavam a ação espontânea do homem comum na ocupação do território e na resolução dos problemas que apareciam nas comunidades. Esta participação direta dos indivíduos na formação e preservação da sua região, visando o bem comum, deu origem ao *verdadeiro* espírito democrático e à prática das ações voluntárias. Dos textos que valorizam estes pontos, duas reportagens são utilizadas como exemplo. A primeira, “Civismo exemplar – aos 15 anos”⁴⁷ apresentava a ação de um grupo de 134 estudantes que decidiram formar a “Comissão dos Cem” para verificar quais eram as deficiências do distrito Oeste de Detroit. As solicitações dos estudantes foram

⁴⁵ LYONS, Eugene. Herbert Hoover – O presidente desconhecido. **Seleções do Reader's Digest**, abril de 1948, p. 125.

⁴⁶ Ibidem, p. 128.

⁴⁷ DETZER, Karl. Civismo exemplar – aos 15 anos. **Seleções do Reader's Digest**, janeiro de 1948, p. 44.

logo atendidas pelas autoridades competentes. “Detroit tem pois, nesse ginásio de bairro, uma mina de ouro de futuros líderes cívicos (...) que já sabem como agir numa democracia.”⁴⁸

A segunda, “A essência do espírito norte-americano”⁴⁹ destacava que a essência da população centrava-se na cooperação e na participação que fez dela uma sociedade civilizada como nenhuma outra. “O que caracteriza os Estados Unidos é a dedicação dos seus cidadãos à comunidade, (...) a devoção do indivíduo à comunidade nos Estados Unidos é a mais resistente couraça dos norte-americanos contra o totalitarismo, tanto o comunista como o fascista”⁵⁰.

A autonomia local fazia com que cada cidade resolvesse os seus problemas, evitando que o cidadão caísse na “cômoda dependência do governo”⁵¹. Essas eram as melhores armas contra o totalitarismo.

O povo norte-americano vive sob um velho e ininterrupto sistema político, que conhece e faz funcionar. Por serem criaturas humanas, e não anjos, eles o fazem funcionar imperfeitamente, mas sentem pela sua Constituição e pelas suas instituições uma reverência que infelizmente desapareceu de muitas nações do globo. Ninguém lhes vá mostrar o árido projeto de uma sociedade autômata e dizer-lhes que tal utopia estéril é superior ao sistema vivo, palpitante, que os pais da nação norte-americana criaram⁵².

Além da valorização da democracia e da participação ativa das pessoas na resolução dos problemas comunitários, a grande quantidade de riquezas naturais e de terras também justificaram o mito da abundância de riquezas nos Estados Unidos. A excelência do seu povo era percebida no bom aproveitamento de todas as riquezas naturais, que proporcionaram a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos, encorajando “um processo geral que mantém o otimismo ao mesmo tempo que se nutre dele”⁵³. Neste processo, para manter a abundância da população, o Estado não deveria intervir na economia, estimulando o livre comércio.

Em relação aos outros países, ao invés de recomendar a distribuição de sua riqueza, cabia ao governo norte-americano ensiná-los a utilizar corretamente as suas riquezas naturais, seguindo o seu modelo de desenvolvimento. Nesse

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ GALANTIÈRE, Lewis. A essência do espírito norte-americano. **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1952, p. 97.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Ibidem, p. 99.

⁵³ FICHOU, op. cit., p. 27.

projeto mundial, de acordo com a revista, o governo norte-americano não estava sozinho, pois recebia ajuda de várias fundações. A reportagem “Para o bem-estar da humanidade”⁵⁴ destacava a atuação da Fundação Rockefeller no auxílio financeiro a vários projetos de pesquisa em todo o mundo. Quando encontravam profissionais com potencial a ser desenvolvido, pagavam as suas despesas para proporcionar o desenvolvimento individual e mundial de uma forma mais igualitária. “O objetivo da Fundação Rockefeller é procurar conhecimentos sólidos, num ou noutro terreno, onde quer que possam ser encontrados, e aplica-los em benefício dos homens, em toda parte.”⁵⁵

Projetada na política internacional, a prosperidade e a excelência norte-americana deveriam ser asseguradas pelo governo que difundiria a experiência e o estilo de vida norte-americano nos outros países para assegurar a sua salvação. Esta outra visão da eleição, também interpretada por Galindo como o Destino Manifesto, deveria “ser um bom exemplo e garantia de liberdade para o mundo todo”⁵⁶. Entretanto, encaminhou-se para um imperialismo cultural, comercial e militar que interpretou (e ainda interpreta) qualquer ameaça à sua cultura, possível ou imaginada, como uma guerra santa contra os inimigos de Deus. Além disso,

Esse sentido de eleição, que originalmente redundava na obrigação de ser um bom exemplo e garantia de liberdade para o mundo todo, levou desde o início ao desprezo e opressão dos negros e dos indígenas, por parte dos anglo-saxões brancos. Daí decorreram o racismo, a discriminação, os preconceitos, comuns em todos os seguimentos sociais, contra todos os que não fossem brancos, tivessem um idioma ou uma religião diferente da sua, assim como a convicção de que a América deve impor seu tipo de vida, suas estruturas e sistemas ao resto do mundo, e que seus interesses, e antes de tudo sua segurança nacional, têm primazia frente aos de qualquer outro país. A política exterior dos Estados Unidos é dominada em grande parte pela arrogância e complexo de superioridade que nascem desse sentido de eleição e destino manifesto.⁵⁷

Como a revista *Seleções do Reader's Digest* trazia nas suas narrativas o imaginário norte-americano, também vinculava a superioridade daquele país em relação aos outros povos. Assim, apresentava os países latino-americanos de uma forma deturpada, depreciando a pobreza, a mestiçagem e a religião católica de uma região atrasada e por isto tão distante e diferente dos Estados Unidos.

⁵⁴ MULLER, Edwin. Para o bem-estar da humanidade. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1946, p. 45.

⁵⁵ Ibidem, p. 48.

⁵⁶ GALINDO, op. cit. p. 146.

Esta é a tese central da pesquisa feita por Mary Anne Junqueira, publicada no seu livro “Ao sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)”⁵⁸.

De acordo com a sua pesquisa, a revista *Seleções* interpretou a América Latina com base nos mitos da fronteira, relacionando o atraso econômico da região à grande quantidade de terras desocupadas. O norte-americano, excepcional porque ocupou um vasto território, controlou a natureza para utilizá-la ao seu favor, e através do cultivo da terra, formou o pioneiro, um novo homem que teve oportunidade para trabalhar e que por isto alcançou a abundância econômica. Ao contrário destas características, a América Latina não conseguiu ocupar todo o seu território nem controlar a natureza exuberante, por isto, de acordo com a revista, a maior parte da região era habitada por animais selvagens, tinha uma população esparsa e não era controlada pelo homem civilizado. Assim, na maioria das reportagens sobre a região

A revista fazia um diagnóstico dos problemas da América Latina e propunha imediatamente o remédio: a única iniciativa a tomar a fim de sanar os males da região era seguir o exemplo norte-americano, especialmente o posto em ação no século XIX, quando os norte-americanos tomaram os territórios do Oeste (...). Na perspectiva da Revista, este era o único modelo possível, não porque fosse considerado o mais adequado ou o mais viável, mas porque era entendido como universal.⁵⁹

Esse pensamento não era contrário à própria imagem preconceituosa que a população norte-americana fazia em relação aos vizinhos que habitavam no Sul do Continente Americano.⁶⁰ Manifestada desde o processo de Independência norte-americana por Congressistas interessados nas regiões produtivas da América Central, esta visão permaneceu e foi detectada por Nelson Rockefeller em uma pesquisa realizada em 1941, sobre as visões que os norte-americanos possuíam em relação aos latino-americanos.

Na pesquisa de Rockefeller, (...) os respondentes recebiam uma página contendo 19 adjetivos e eram indagados: “desta lista, que palavras lhes parecem descrever melhor o povo que vive na América Central e do Sul?” Os cinco adjetivos **menos** selecionados

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Junqueira, M. op. cit.

⁵⁹ JUNQUEIRA, M. Representações políticas do território latino-americano na Revista *Seleções*. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 42, p. 323-342, 2001, p. 338.

⁶⁰ Este tema foi trabalhado por Lars Schoultz em uma pesquisa publicada no Brasil em 2000. In.: SCHOULTZ, L. **Estados Unidos: Poder e Submissão**: uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru, EDUSC, 2000.

foram “eficiente” (5%), “progressista” (11%), “generoso”, “valioso” (ambos 12%), e “honesto” (13%). Os adjetivos mais frequentemente selecionados (por 77% dos respondentes) eram “de pele escura”, seguido por “genioso”, “emocional”, “atrasado”, “religioso”, “vagabundo”, “Ignorante”, “desconfiado” – e, então, finalmente, o primeiro traço inequivocadamente positivo: 28% diziam que os latino-americanos eram amistosos. Estes eram apenas 1% a mais dos que disseram que eles eram sujeitos.⁶¹

Diante deste preconceito, Junqueira acredita que a grande quantidade de exemplares vendidos de *Seleções* também reflete o imaginário brasileiro. Segundo a autora, o Brasil não se considerava como parte da América Latina.

Desde a Independência, o Brasil se colocou contra seus vizinhos: uma nação coesa, unida pelo Império, impunha-se contra a forma republicana de governo, a fragmentação territorial e a ‘barbárie’ da América hispânica. Com o advento da República não foi diferente; intelectuais como Eduardo Prado, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, entre outros, estabeleceram a distinção entre a América Latina de língua espanhola e o Brasil, numa visão predominantemente negativa daqueles países.⁶²

No século XX este pensamento permaneceu e estava retratado nas revistas nacionais de grande circulação. A revista também afirmava que o atraso brasileiro era resultado das terras desocupadas. Essa era a mesma idéia defendida pela política brasileira entre os anos 40 e 60, materializada em projetos como a Marcha para o Oeste, a Construção de Brasília, da Rodovia Belém-Brasília e da Transamazônica.

1.3 *Seleções* chega ao Brasil

Nos primeiros anos da década de quarenta, os Estados Unidos, de acordo com a ‘Política da Boa Vizinhança’, se preocuparam em aumentar o contato com países latino-americanos para facilitar as relações políticas e econômicas entre todo o continente. O principal objetivo desta ação era garantir a sua influência política, estabelecer um grande mercado consumidor para os seus produtos industrializados e assegurar a compra de diversas matérias-primas e produtos agropecuários. Essas medidas também eram interessantes para a economia interna dos Estados Unidos, pois aumentar as exportações norte-americanas era uma das principais soluções propostas pelo então presidente Franklin Roosevelt

⁶¹ Ibidem, p. 347.

⁶² Ibidem, p. 339.

para sair da Grande Depressão.

Ao mesmo tempo, no Brasil buscava-se diminuir a influência européia e a dissimulação de valores nazistas e fascistas, tanto pelas relações comerciais como pela presença alemã no território nacional – principalmente na região sul do país, devido ao número considerável de imigrantes alemães. Assim, buscou-se aumentar e fortalecer a influência norte-americana, atraindo a simpatia da população brasileira para os Estados Unidos.

Com este objetivo, algumas medidas foram colocadas em prática. Dentre elas se destaca a criação em 1940, pelo presidente Roosevelt, de um escritório do governo, subordinado ao departamento de defesa norte-americano, chamado *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs - Office*, comandado pelo empresário Nelson Rockefeller, cuja função era transmitir uma visão favorável dos Estados Unidos no Brasil e incentivar o intercâmbio cultural entre os dois países. Para facilitar as relações políticas e econômicas, atuou na imprensa, no cinema, no rádio, na educação e na saúde brasileira⁶³. Em relação aos Estados Unidos o *Office* deveria difundir uma imagem positiva dos países latino-americanos.

Para aumentar as exportações de matéria-prima e, conseqüentemente, o consumo de produtos industrializados, o escritório também procurou garantir o desenvolvimento da região através de projetos que visavam o controle de doenças contagiosas e a melhoria nos transportes, na habitação, no saneamento básico, na nutrição e no tratamento médico dos brasileiros. Entretanto, tantos investimentos tinham como objetivo final assegurar a segurança do território norte americano.

Logo depois do ataque a Pearl Harbor, Rockefeller foi à Casa Branca com uma pasta de gráficos, mapas e ilustrações e traçou uma consistente lógica baseada na idéia de segurança nacional para assistência de desenvolvimento da América Latina: a defesa do hemisfério dependia de comunicações eficazes; comunicações eficazes em tempo de guerra dependiam de guardas de segurança; guardas de segurança necessitavam ser saudáveis; sua saúde dependia da erradicação de doenças tropicais; o controle de doenças tropicais requeria programas de saúde pública; os governos latino-americanos não podiam dar conta desses programas – e, portanto, em prol da segurança nacional, os Estados Unidos tinham que ajudar a pagá-los.⁶⁴

O início da publicação da revista *Seleções do Reader's Digest* para o Brasil ganhou grande apoio de Nelson Rockefeller. Participando da Política da Boa

⁶³ TOTA, A. **O Imperialismo Sedutor**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000, p. 93.

⁶⁴ SCHULTZ, op. cit., p. 116.

Vizinhança, Rockefeller tinha a responsabilidade de fortalecer as relações políticas, econômicas e culturais estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos na década de 40. Segundo o seu pensamento, *Seleções* seria extremamente útil neste projeto à medida que trazia mensagens favoráveis sobre os Estados Unidos.⁶⁵

Como um dos interesses do governo norte-americano era aumentar a venda dos seus produtos industrializados na América Latina, a publicação de *Seleções* no Brasil seria um ótimo meio de divulgar estes produtos. Para baratear o custo da publicação os diretores da revista promoveram uma campanha entre os assinantes norte-americanos que incentivava uma colaboração, feita através do envio de dinheiro, para auxiliar a publicação e a distribuição da revista nos outros países do Continente em nome do esforço de guerra e do intercâmbio entre as Américas. Os seus proprietários também permitiram a publicação de anúncios comerciais desde a primeira edição das revistas latino-americanas para o mesmo fim. Cada periódico trazia uma média de 65 anúncios comerciais, apresentando as últimas novidades tecnológicas das décadas de 40 e 50⁶⁶. Cosméticos, alimentos enlatados, produtos para higiene e saúde, automóveis, canetas, relógios, eletrodomésticos, roupas, anúncios de empresas de transporte aéreo e marítimo, agências internacionais de viagens, bancos, construtoras, máquinas e equipamentos industriais, que enriqueceram as páginas da revista.

Foi nesse contexto que os brasileiros aprenderam a substituir os sucos de frutas tropicais onipresentes à mesa por uma bebida de gosto estranho e artificial chamada *coca-cola*. Aprenderam a mascar uma goma elástica chamada *chiclets* e começavam a usar palavras novas que foram se incorporando à sua língua falada e escrita. Passaram a ouvir o *fox trot*, o *jazz*, o *boogie-woogie* entre outros ritmos e começaram a ver muito mais filmes produzidos em Hollywood. Passaram a voar nas asas da Panair (*Pan American*), deixando para trás os 'aeroplanos' da Lati e da Condor.⁶⁷

A primeira edição em português se esgotou rapidamente com 100 mil exemplares vendidos em diversas cidades do país, número este além das expectativas da própria revista. Para surpresa dos seus editores, a primeira edição de *Seleções* vendeu mais exemplares do que o número destinado a suprir

⁶⁵ Conforme TOTA, op. cit., capítulo 1; e MOURA, G. **Tio Sam Chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 54.

⁶⁶ A revista, após o início da década de 50, apresentou um aumento significativo no número de páginas, resultando no aumento de reportagens e de anúncios publicitários.

⁶⁷ MOURA, op. cit., p. 8 e 9.

toda a América Latina. Em menos de seis meses a circulação cresceu para 150 mil revistas, tornando-se uma das publicações mais lidas do Brasil.

A grande aceitação de *Seleções* entre a população brasileira e em outros países relacionava-se com uma minuciosa escolha dos conteúdos que seriam abordados. A revista evitava publicar reportagens que poderiam chocar-se com as crenças e os costumes dos novos leitores. Por isso a revista abriu escritórios e contratou funcionários nos países em que era vendida para filtrar o conteúdo e indicar assuntos locais interessantes para novas reportagens. Em 1951 *Seleções* transferiu o seu escritório para o Rio de Janeiro, fator que aumentou o número de anúncios de empresas nacionais e abriu espaço para o trabalho de funcionários e jornalistas brasileiros⁶⁸. O escritório da revista *Seleções* ficou no Brasil até o ano de 1970, quando se mudou para Portugal devido a irregularidades com o imposto de renda.

Além de estar presente na revista *Seleções*, a propaganda norte-americana aparecia em outras áreas, como na Feira Internacional de Nova York, em 1939. Tal como uma vitrine, a feira tinha como objetivo apresentar ao consumidor as últimas novidades tecnológicas produzidas pela indústria norte-americana. O Brasil também participou deste evento, levando o café e apresentando alguns artistas nacionais, como Carmem Miranda e Cândido Portinari⁶⁹. Os participantes brasileiros ficaram encantados com os novos produtos e passaram a considerar os Estados Unidos como exemplo modernizador a ser seguido.

Os brasileiros que (...) visitaram a feira, ou que consultaram jornais e revistas, mal puderam conter a admiração. Ficaram atônitos diante de aparelhos de barbear, máquinas de lavar roupas, primitivos aparelhos de televisão e robôs. Enfim, os *gadgets* exerceram tamanho fascínio que, de volta ao Brasil, esses visitantes trouxeram na bagagem a idéia de que a modernização brasileira deveria seguir o modelo americano.⁷⁰

Outras iniciativas foram utilizadas na divulgação da imagem positiva do modelo norte-americano. Foram realizados intercâmbios entre artistas nacionais e internacionais promovidos pelo *Office*, que incentivou o ensino da língua inglesa, implantou uma agência de notícias e estimulou o cinema norte-americano e a publicação da revista *Seleções do Reader's Digest* no Brasil. Além disso,

⁶⁸ O sistema de venda por assinatura também foi uma novidade aqui no Brasil, fator este que ajudou a aumentar a venda de exemplares. Conforme JUNQUEIRA, op. cit., p. 9.

⁶⁹ Cabe ressaltar que nesse período Carmem Miranda e Cândido Portinari desenvolveram trabalhos nos Estados Unidos.

incentivou a vinculação de propagandas de produtos desenvolvidos nos Estados Unidos nas revistas nacionais. O principal resultado foi a aproximação dos valores do *american way of life* do cotidiano do brasileiro, que passou a tratar o individualismo, a valorização do consumo, o otimismo em relação aos problemas pessoais e aos hábitos da sociedade norte-americana como paradigma.

Durante a Segunda Guerra Mundial, como a produção industrial dos Estados Unidos foi adaptada para a fabricação de armamentos, as empresas foram estimuladas a colocar anúncios comerciais nas revistas de circulação no território brasileiro para garantir o consumo dos seus produtos industriais após o final do conflito. “O projeto se casava bem com as noções de ‘esforço de guerra’ de todo o continente: os anúncios explicavam as razões da escassez naquele momento e a necessidade de sacrifícios imediatos (no consumo), de modo a garantir a abundância do futuro (pós-guerra).”⁷¹

Nas revistas *Seleções do Reader's Digest* editadas durante a Segunda Guerra Mundial foram encontradas diversas reportagens e anúncios comerciais que informavam ao leitor a situação do conflito e a contribuição que as empresas estavam fazendo para o estabelecimento da paz e da democracia na humanidade. Incentivados por Rockefeller, os empresários norte-americanos passaram a investir em propagandas em nome da Política de Boa Vizinhança, para garantir mercado consumidor e para transmitir uma imagem positiva do capital privado norte-americano. Nesta imagem, além dos lucros, os empresários também estariam preocupados com a paz e o futuro da humanidade, como se pode perceber no anúncio da Ford Motor Company publicado na revista *Seleções* de outubro de 1943. Nele, a empresa Ford explicava aos seus clientes que momentaneamente não estava fabricando os esperados automóveis para auxiliar os soldados que, sozinhos nos campos de batalha, fortaleciam-se com as lembranças dos entes queridos. Entretanto, essa tecnologia bélica serviria para ‘garantir a felicidade futura... em toda a América’.

Quando cessa o troar da artilharia, e reina o silêncio na noite, a mente do soldado transpõe o horizonte, deixando atrás de si a macabra visão do campo de batalha, e chega ao seu lar longínquo. A voz da mãe, da esposa, o riso das criancinhas, como recordações angélicas, tangem no coração do homem, fortalecendo-o para conseguir na luta que lhes garantirá a felicidade futura.

⁷⁰ TOTA, op. cit. p. 95.

⁷¹ MOURA, op. cit., p. 69.

Por isso é que, para lograr, com a liberdade, essa felicidade, a Ford Motor Company dedica todos os seus recursos à fabricação de bombardeiros, tanques e armas de combate, em lugar dos novos e ansiosamente esperados modelos de automóveis.

E dessa nova atividade industrial nascerão, quanto a sorrir a *aurora de paz*, melhores produtos para os milhões de habitantes do Hemisfério Ocidental. Com os novos recursos da ciência, e os nossos esforços, *toda a América desfrutará de felicidade sem precedentes*.

Para além do horizonte de hoje, veremos uma era grandiosa para a Humanidade.⁷²

Com o final da Segunda Guerra as ações políticas norte-americanas na América Latina começaram a enfraquecer, já que a ameaça nazi-fascista perdia força mundial. Nos anos seguintes a América Latina pedia importância devido aos interesses econômicos e políticos demarcados pelo começo da Guerra Fria. Era necessário garantir a influência política e econômica na maior parte do mundo. Entretanto, o maior foco de atenção foi dado à Europa, não tanto pela destruição resultante da Segunda Guerra, mas porque era a região mais próxima, e por isso mais sujeita, à ameaça comunista.

Como a América Latina estava geograficamente distante da União Soviética, a ameaça comunista era vista como menor. Por este motivo, a partir de 1946, as relações político-econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos tomaram um rumo não desejado pela política nacional. O governo brasileiro solicitava auxílio econômico que alcançasse as mesmas proporções do Plano Marshall. Mas o auxílio foi negado porque o governo norte-americano não pretendia gastar dinheiro público para ajudar o desenvolvimento econômico da América Latina. Uma das soluções apresentadas pelos Estados Unidos foi oferecer ajuda através do capital privado, que investiria na região e poderia ajudar a distribuição de riquezas entre a população mais pobre.⁷³

Mesmo não sendo o principal interesse do governo norte-americano, preocupado com a defesa do seu território e com a disseminação do comunismo em outras regiões do planeta, era importante preservar e expandir a influência norte-americana no Brasil para a venda de produtos industrializados, para o estabelecimento e manutenção de empresas norte-americanas na região e para explorar matéria-prima. Era importante também conter o fortalecimento de um sentimento nacionalista anti-americano e estabelecer uma unidade anticomunista no Continente Americano. Estas metas foram defendidas pela política externa norte-americana durante os anos 40 e 50, por considerar o Brasil um influente

⁷² **Seleções do Reader's Digest**, edição de outubro de 1943, s/p. (grifo meu)

aliado na América Latina devido a sua importância territorial, econômica e militar.⁷⁴

Assim, tanto em reportagens, como o Repórter Esso, programa diário de radiojornalismo brasileiro, iniciado em 1941, que transmitia músicas e reportagens sobre o cinema norte-americano cuja propaganda era anunciada regularmente no periódico, como no entretenimento proposto pelos meios de comunicação de massa, o imperialismo e a penetração cultural norte-americana continuou se fortalecendo na América Latina no pós-guerra.

Neste processo o *american way of life* se estabelecia gradativamente no Brasil devido à exportação de hábitos comportamentais transmitidos em grande quantidade pelos meios de comunicação. Nesse sentido se destacou o papel de *Seleções*, pois trazia uma visão de mundo que sustentava sistemas de representações “capazes de inspirar atitudes concretas, orientando gestos e ações”⁷⁵ através das reportagens “que focalizassem o americano médio: alguém que gosta do lar, vai à Igreja, ouve rádio, vai ao cinema e faz seguro de vida para a família”⁷⁶.

O cinema norte-americano também teve o mesmo papel. A dominação do mercado cinematográfico brasileiro por Hollywood fez com que a transmissão de filmes produzidos em outros países, e até mesmo os filmes nacionais, acabassem diminuindo. A influência no comportamento das pessoas, seja no modo de se vestir, se expressar ou se comportar, passou a ser ditada pelos artistas hollywoodianos, bem como pela publicidade norte-americana.⁷⁷

Nesse contexto mais amplo que *Seleções* começou a ser vendida no Brasil. Por ser a única revista elaborada fora do país e, justamente por isto destinar a maior parte da sua publicação aos artigos que tratavam de política, economia, sociedade e do cotidiano da sociedade norte-americana, se diferenciou das revistas nacionais e só perdia, no número de edições vendidas, para a revista ‘O Cruzeiro’.

Seleções difundia os valores da cultura norte-americana oficial – branca, masculina e

⁷³ Conforme SCHULTZ, op. cit., p. 381.

⁷⁴ HAINES, op. cit., p. 12.

⁷⁵ CASA NOVA, V. **Lições de Almanaque**. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 1996, p. 13.

⁷⁶ MOURA, op. cit., p. 74.

⁷⁷ Conforme TOTA, op. cit., p. 132 e seguintes, e MENEGUELLO, C. **Poeira de Estrelas: O cinema hollywoodiano na mídia brasileira de 40 e 50**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

protestante – e apresentava a sua sociedade como modelo a ser copiado, por se constituir, na sua visão, em forma universal do bem viver. Segundo pesquisas do Ibope, foi considerada pelos brasileiros a revista mais confiável do país, já que trazia as “últimas novidades” não só dos Estados Unidos, mas de todo o mundo. Passando a idéia de que também os brasileiros se atualizavam e podiam acompanhar os últimos passos da tecnologia moderna, dos avanços da medicina e das descobertas científicas.⁷⁸

Mesmo tendo um público definido, a família média urbana, a revista tinha uma circulação muito maior do que este grupo social. Através de uma rede informal de leitores, baseada no empréstimo ou na doação dos números antigos, outras pessoas tiveram acesso às reportagens e aos anúncios comerciais, ainda que não comprassem a revista.

Este público, ao ler ou folhear as páginas, entrava em contato com outra realidade, baseada na liberdade de consumo e na qualidade de vida do cidadão médio norte-americano. Por uma relação de identificação com as narrativas sobre a vida de pessoas comuns e com as diversas situações do cotidiano colocadas nas reportagens e nos anúncios comerciais, o leitor acabava moldando o seu gosto e a sua visão de mundo de acordo com os valores civis e morais norte-americanos, como o individualismo, a livre iniciativa e o otimismo, constantemente transmitidos em *Seleções*.

Até nas seções mais inocentes como os ‘Retalhos do drama cotidiano’, que relatavam situações sobre o comportamento honesto e solidário da classe média norte-americana, as contribuições para a valorização dessa sociedade apareceram muitas vezes de forma sutil. Dessa forma, a constante leitura de *Seleções* poderia influenciar atitudes nos seus leitores, pois “mesmo se as mensagens da indústria cultural fossem tão inofensivas como se diz (...) o comportamento que elas transmitem está longe de ser inofensivo”.⁷⁹

⁷⁸ JUNQUEIRA, M. **Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções:** Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970). Tese de doutoramento, mimeo., p. 254, apud. PRADO, M. Davi e Golias: As Relações entre Brasil e Estados Unidos no Século XX. In.: MOTA, C. **Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira (1500-2000):** A Grande Transição. São Paulo, Senac SP, 2000, p. 339.

⁷⁹ ADORNO. A Indústria Cultural. In: COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno.** São Paulo, Ática, 1986. p. 99.

Capítulo 2

Trabalho e Consumo

2.1 Patrões norte-americanos, uni-vos!

Muitas reportagens e narrativas sobre os benefícios que o capitalismo proporcionava aos operários norte-americanos foram encontradas nas revistas *Seleções* em todo o período estudado. Todas elas destacavam as qualidades do sistema capitalista, no qual os operários trabalhavam em um ambiente agradável e eram recompensados conforme o empenho e a dedicação dada à empresa. Nestas representações, ao contrário da União Soviética, nos Estados Unidos os trabalhadores recebiam salários consideráveis e conseguiam adquirir a casa própria, o automóvel e diversos bens de consumo anunciados pelas revistas *Seleções*.

A maioria das narrativas versava sobre as experiências positivas vividas por empresários que descreviam novos métodos administrativos aplicados nas empresas. Havia também, em menor quantidade, relatos sobre a trajetória de pessoas que alcançaram a realização pessoal com trabalho e dedicação, como é o caso de Thaddeus Ashby, personagem principal da reportagem “Quando voltará você a ser um cidadão respeitável?”¹, que em dez páginas contou o início da sua trajetória profissional.

De acordo com a narrativa, por não ter mais condições financeiras de

¹ ASHBY, Thaddeus. Quando voltará você a ser um cidadão respeitável? **Seleções do**

continuar estudando na Universidade de Harvard, Ashby abandonou a faculdade para trabalhar em uma usina de aço, único lugar onde havia emprego disponível. Começou na função de faxineiro mas, como sugeriu uma melhoria no sistema produtivo, logo foi promovido. Como arquivista "... estava aprendendo coisas não previstas nas aulas de Harvard. E o que é mais importante: estava ganhando tanto quanto se estivesse começando uma carreira qualquer num escritório."² No dia do aniversário do patrão houve uma terrível tempestade de neve e a metade dos operários não compareceu ao trabalho. Entretanto, ele e alguns outros trabalhadores conseguiram bater o recorde mundial de laminação a frio para fazer uma surpresa ao patrão. Com o resultado positivo, eles ganharam o reconhecimento de todos.

Motivado pelo salário Ashby começou a trabalhar com aço em uma usina. Interessado em aprender mais sobre o trabalho, comprou alguns livros sobre o assunto e passou a estudar com um amigo. "Aprendemos a proteger a abóbada do forno contra o desgaste pelo gás e os resultados mensais da produção, com a economia de tempo em reparos, nos proporcionavam mais dinheiro."³ Mesmo com o cansaço, "Comecei a viver mais para as minhas oito horas na usina do que para as horas de descanso. Sentia-me superior ao resto do mundo ..., certo de que nenhum deles dava tão duro como eu, ou enfrentava uma responsabilidade tão grande."⁴

Um dia Ashby recebeu uma carta do seu primo, "Quando voltará você a ser um cidadão respeitável? Quando pretende deixar essa usina?"⁵ Respondeu após aumentar a produção da usina em plena noite de Natal.

Se eu pudesse transmitir a você o que sinto trabalhando aqui, você compreenderia melhor as minhas razões. Você devia fazer esta experiência também. (...) Você perguntava quando eu deixaria o aço pra me tornar um cidadão respeitável. Hoje sou mais respeitável que nunca. Mas para bem compreender o que digo, você precisaria subir a uma plataforma comigo, ver o aço correndo do forno e poderia dizer a si mesmo: 'Eu ajudei a fazer isso!'⁶

Esta narrativa é importante por mostrar o orgulho que Ashby sentia como operário. Este sentimento foi o fruto do envolvimento com o serviço, que resultou

Reader's Digest, novembro de 1950, p. 57.

² Ibidem, p. 59.

³ Ibidem, p. 65.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem, p. 66.

em sugestões capazes de melhorar a produção, e da extrema dedicação para superar as metas da empresa – mesmo em dias difíceis e feriados. O orgulho veio como recompensa pelo reconhecimento dos colegas e da própria indústria, que promovia seus funcionários e pagava salário superior ao dos trabalhadores de escritório. Esses sentimentos influenciaram a decisão de Ashby quando preferiu abrir mão da faculdade para continuar trabalhando na indústria, lugar onde se sentia um cidadão respeitável, a despeito da opinião de seu primo.

Como essa, várias narrativas sobre as condições de trabalho nos Estados Unidos destacavam a importância do envolvimento do operário com o seu trabalho. Quando os operários ajudavam a gerenciar a produção e sugeriam melhorias, eram recompensados com aumentos salariais e até participação nos lucros da empresa. Todos estes benefícios, segundo as informações contidas na revista, eram fruto do sistema capitalista. Por isto, a presença de reportagens sobre este tema mostrava a importância que a revista dava ao capitalismo. Uma delas, “Um capitalismo que interessa ao operário”⁷, explicava aos leitores o significado do socialismo e do capitalismo:

Em teoria, no regime socialista os cidadãos trabalham para o Estado, do qual recebem garantias de segurança contra as vicissitudes da vida. O Estado é o seu amo perpétuo, e eles, seus servos leais e felizes. No regime capitalista, pelo contrário, a teoria é de que os homens são cidadãos livres, ainda que trabalhem para outrem. Ninguém tem o direito de impor-lhes um emprego ou fixar limites à sua duração. Significa isso não ser possível impedir que um empregado se converta em patrão.⁸

A reportagem afirmava que o capitalismo, plenamente desenvolvido nos Estados Unidos, era um sistema benéfico por garantir a livre iniciativa e permitir distribuição igualitária dos benefícios entre todos os cidadãos. Entretanto, era evidente que nem todas as pessoas poderiam ter os lucros resultantes das transações comerciais. “Se não podem estabelecer-se por sua conta, devem pelo menos ter o direito de associar-se a seus empregadores e partilhar das suas probabilidades de êxito”.⁹ Por isto os empresários incentivavam a conversão das empresas norte-americanas em gerências mistas para integrar os interesses dos patrões e dos operários. Dentro deste sistema os operários poderiam ajudar nas

⁶ Ibidem, p. 66 e 67.

⁷ JOHNSTON, Eric. A. Um capitalismo que interessa ao operário. **Seleções do Reader's Digest**, agosto de 1946, p. 69.

⁸ Ibidem.

⁹ Ibidem, p. 70.

decisões dos patrões, contribuindo com a sua experiência de trabalho e interferindo, inclusive, nas questões referentes ao lucro da empresa.

O espírito de iniciativa dos indivíduos era a base do regime capitalista e se fosse utilizado pelas empresas, seria melhor para os operários que poderiam receber os resultados através da participação nos lucros. Segundo o autor da reportagem, esta era a principal vantagem que ajudaria o capitalismo na disputa com o socialismo.

A reportagem mostrava como o sistema capitalista proporcionava benefícios para todos os cidadãos ao destacar a importância da cooperação entre patrões e operários. Para tanto, os próprios empresários estavam incentivando a participação dos operários na gerência e nos lucros da empresa. Essa era a maneira utilizada pelo capitalismo para beneficiar todos os trabalhadores. Caso o indivíduo tivesse ambição e livre iniciativa, poderia tornar-se patrão e possuir o seu próprio negócio, ao contrário do sistema socialista que, mesmo garantindo as necessidades dos indivíduos, mantinha uma estrutura rígida, onde todos serviam e dependiam do Estado.

As vantagens do capitalismo também foram tratadas em “Precisa-se: Um novo nome para *Capitalismo*”¹⁰, sobre as transformações sofridas pelo capitalismo desde a sua criação. Segundo a reportagem “a redefinição de um simples vocábulo poderia ajudar a conter a expansão mundial do comunismo”¹¹, pois os comunistas afirmavam que o capitalismo servia para alienar as pessoas e aumentar a pobreza por visar apenas o lucro. Entretanto, o único objetivo do capitalismo era “... proporcionar mais mercadorias e maior bem-estar a um número cada vez maior de pessoas.”¹² Por isto o capitalismo reduziu a utilização de mão-de-obra escrava e infantil, diminuiu as horas de trabalho, melhorou o padrão de vida, quase resolveu o problema do desemprego e passou a preocupar-se mais com a segurança dos operários.

E a transformação continua. Gratificações, aposentadorias, reajustamentos, aumentos para atender à alta do custo de vida e outros meios de distribuir lucros vêm sendo adotados, sempre com o objetivo de dar a um número cada vez maior de pessoas uma cota cada vez maior da produção, sob a forma de salários mais altos, preços mais baixos

¹⁰ NICHOLS, William I. Precisa-se: Um novo nome para *Capitalismo*. **Seleções do Reader's Digest**, agosto de 1951, p. 92.

¹¹ Ibidem.

¹² Ibidem.

ou produtos de melhor qualidade.¹³

Pelas informações da reportagem, o capitalismo melhorou tanto que deveria mudar seu nome para apoiar “a batalha mundial pela conquista do espírito dos homens”¹⁴. Este simples fato poderia enfraquecer o comunismo e as mentiras que ele difundia.

Ao destacar tantas transformações positivas trazidas pelo capitalismo para a sociedade como a *redução* (e não o fim) da utilização de mão-de-obra infantil, a *quase* eliminação do desemprego e as crescentes gratificações *fornecidas* pelos empresários, a reportagem questionava as mentiras proclamadas pelos comunistas, já que o capitalismo não aumentava a pobreza. O mais interessante foi a sugestão dada pela reportagem para vencer a batalha contra o comunismo, como se apenas mudar o nome do capitalismo fosse suficiente.

Durante a Guerra Fria os benefícios descritos pelas reportagens eram os mesmos das propostas dos governos democráticos Ocidentais. Naquele momento histórico era necessário oferecer melhores condições de vida para a população com o intuito de evitar a presença e o crescimento das esquerdas em geral. Através destes benefícios as promessas feitas pelo comunismo de estabelecer uma sociedade mais justa após a conquista do poder pela classe operária se deparavam com um contra-discurso, que associava distribuição de renda com expansão econômica.

Ao contrário do que transparece nas reportagens analisadas, nos Estados Unidos a maior preocupação dos empresários não era conter o avanço comunista. Ao invés disso, eles queriam conquistar os privilégios econômicos perdidos com a Depressão, diminuir a interferência do Estado na economia e enfraquecer o movimento operário.

Durante a década de 20, os empresários norte-americanos não tinham a interferência do Estado no comando dos negócios e agiam livremente nas resoluções dos problemas surgidos com os operários. Desta forma, reprimiam violentamente as greves, controlavam a presença dos sindicatos dentro das fábricas e esperavam que os trabalhadores fossem leais ao capitalismo e à livre empresa.

¹³ Ibidem, p. 93.

Com estes meios, os empregadores associaram os valores do negócio com os 'tradicionais' valores americanos. Eles anunciaram um modo americano enraizado no individualismo, na independência, na liberdade e na harmonia social. A publicidade fazia com que o público igualasse estas idéias com o consumo... O negócio também alcançou profundamente as instituições religiosas e educacionais.¹⁵

Com a crise de 1929 bancos quebraram, empresas faliram, várias pessoas perderam seus empregos e passaram a viver na miséria. Esta grave situação acabou com os privilégios econômicos e enfraqueceu a crença na iniciativa privada e nos bons resultados da economia, sustentados pelos empresários. Ao invés da liberdade e do individualismo, os operários passaram a privilegiar a justiça e a igualdade social, buscando apoio nos sindicatos e no governo. As empresas perderam o prestígio popular e começaram a sofrer restrições do governo, que passou a controlar a economia e a beneficiar os operários através da regulamentação dos salários e da carga horária, além de garantir o direito à organização sindical, entre outros benefícios assegurados pela Lei Nacional de Relações Trabalhistas, conhecida como Lei Wagner. Como consequência o sindicalismo norte-americano se fortaleceu e passou a lutar por seus direitos.

Este panorama não sofreu transformações com a chegada da Segunda Guerra Mundial, pois o Estado continuou a controlar a produção destinada à guerra e a necessidade de mão-de-obra fez com que os empresários perdessem o controle sobre os operários, que reivindicavam mais benefícios sociais.

Quando, em 1945 e 1946, os sindicatos norte-americanos mostraram a sua força em uma greve que envolveu mais de cinco milhões de operários, "a maioria dos empresários estava convencida de que os Estados Unidos estavam vivendo uma crise social, política e econômica. Isso era contra a pressuposição da comunidade empresarial norte-americana fortemente mobilizada para reduzir o poder do operariado na fábrica e tomar o controle do poder político."¹⁶

Para recuperar os antigos privilégios econômicos, os empresários voltaram a defender a redução do controle estatal na economia e passaram a lutar para enfraquecer os sindicatos na sociedade e nas fábricas. Para defender a livre iniciativa e acabar com a interferência do Estado nas relações entre patrão e empregado, os empresários voltaram a influenciar a opinião pública para reforçar

¹⁴ Ibidem, p. 94.

¹⁵ FONES-WOLF, E. **Selling Free Enterprise**: the business assault on labor and liberalism, 1945-60, University of Illinois Press, 1994, p. 16. Esta citação, e todas as seguintes, foram traduzidas pela autora.

que a função do Estado de controlar a livre empresa passaria a ser desnecessária diante do crescimento econômico e dos benefícios alcançados por todos os cidadãos em um período interpretado como de prosperidade e abundância.

Resumidamente, a visão dos negócios ligava o sucesso econômico com a liberdade, o individualismo e a produtividade. Projetando esta visão, os empresários voltaram a alcançar a linguagem política dos anos vinte, mais uma vez associando o *American way* com uma sociedade harmoniosa e sem classes, nacionalista, com direitos individuais, livre empresa e crescente abundância a partir do aumento da produtividade.¹⁷

As associações dos empresários, como a Associação Nacional dos Industriais (*National Association of manufacturers* – NAM), passaram a divulgar uma imagem que destacava as boas relações estabelecidas entre patrão e operários, apresentando uma sociedade harmoniosa e abundante para quem seguisse os princípios da livre iniciativa. Os empresários também divulgaram essas imagens nas próprias empresas, em reuniões realizadas após o expediente, onde “pequenos grupos de trabalhadores assistiam seriados e participavam de discussões que focalizavam os valores e os símbolos associados ao *American way of life*, incluindo patriotismo, liberdade, individualismo, competitividade e abundância através da crescente produtividade.”¹⁸

Além de investir na doutrinação dos operários, os empresários difundiram as suas idéias em escolas e Igrejas Protestantes para influenciar a opinião pública a favor dos seus interesses. Utilizaram também diversos meios de comunicação para transmitir as vantagens do capitalismo para a sociedade, como em programas de rádio e televisão, documentários, filmes destinados às massas, jornais e revistas semanais, panfletos, cartas e muitos outros materiais.

Dentre as publicações utilizadas, *Reader's Digest* vinculou textos sobre este tema não só na sua publicação norte-americana como também na revista brasileira. A maioria das reportagens destacava a importância de estabelecer relações agradáveis no ambiente de trabalho e incentivava a divisão de parte dos lucros entre os trabalhadores. Segundo a revista, estes métodos apresentavam resultados positivos para a empresa porque conseguiam resolver diversos problemas entre patrões e operários e serviam como um reconhecimento do esforço individual, fazendo com que o operário se identificasse com a empresa e

¹⁶ Ibidem. p. 22.

¹⁷ Ibidem, p. 5.

passasse a produzir mais, como mostrava a narrativa “Agora sabem para quem trabalham”¹⁹. Em uma fábrica de veludo norte-americana, os anos de insatisfação com baixos salários e a ausência do proprietário no comando dos negócios, acrescidos de uma grave crise econômica, levaram os operários a organizar uma greve por melhores condições de trabalho.

O texto informava que, como os proprietários estavam insatisfeitos com a ação dos trabalhadores e não estavam dispostos a ceder, após dezesseis meses de greve decidiram fechar a fábrica. A situação dos trabalhadores também era desesperadora, pois há muito não recebiam e por isto se encontravam na mais completa penúria. O novo patrão, porém, começou a trabalhar com a divisão dos lucros e os operários conseguiram melhores salários e conquistaram alguns benefícios trabalhistas. Conseqüentemente,

Não tem havido greves, horas perdidas por desentendimentos, nem quaisquer arbitragens exteriores durante os seus 11 anos sob o regime de distribuição de lucros. (...) Os trabalhadores possuem casa própria, depositam dinheiro no banco semanalmente, mandam seus filhos para a universidade e gozam dos mais altos padrões de vida (...). A prosperidade é evidente em toda a cidade, progredindo com uma rapidez jamais vista em sua longa história.²⁰

O sucesso na resolução deste problema tornou-se um exemplo, pois “a divisão dos lucros é a maior resposta ao comunismo, socialismo e qualquer outro ismo que negue aos homens e às mulheres o direito de trabalhar e de falar livremente.”²¹

De acordo com os interesses dos empresários, ao invés de garantir uma base salarial para todos os operários, era mais interessante que cada empresa tivesse o direito de pagar o salário e oferecer os benefícios que lhe conviesse. Daí o incentivo aos empresários implantarem a participação nos lucros mediante o envolvimento do trabalhador com propostas e idéias que melhorassem o processo produtivo. Este propósito era coerente à livre iniciativa e ao imaginário norte-americano, já que os Estados Unidos eram interpretados como o lugar onde a prosperidade era o resultado do esforço e da dedicação de cada cidadão, que recebia os méritos conforme o empenho em trabalhar melhor.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ DRAKE, Francis e Katharine. Agora sabem para quem trabalham. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1951, p. 62.

²⁰ Ibidem, p. 66.

²¹ Ibidem, p. 67.

Além de evitar greves, a divisão dos lucros também era utilizada pelo discurso anticomunista para fortalecer o capitalismo e enfraquecer o comunismo, como mostra a reportagem “Que é lucro”²². Demonstrando uma preocupação com a opinião dos sindicalistas a respeito dos lucros das empresas, o autor explicou que lucro é “o rendimento líquido, depois de deduzidas todas as despesas inclusive os impostos pagos. O lucro não é, portanto, pago aos dirigentes de uma empresa. Estes recebem apenas os salários respectivos”²³. Por esse motivo o lucro não deveria ser condenável. Se fosse eliminado como no comunismo, o governo passaria a intervir nos sindicatos e a liberdade individual acabaria. Assim, os líderes trabalhistas deveriam compreender que o sistema de lucros também era um sistema de perdas, afinal o capital gasto poderia não ter o retorno pretendido.

As representações trazidas nas revistas *Seleções* refletiam a preocupação dos patrões em manter os lucros das suas indústrias sem sofrer a interferência dos operários e do Estado. Ao sustentar a livre iniciativa através das negociações estabelecidas entre os patrões e os operários, a revista depreciou a interferência estatal e as greves na solução dos problemas trabalhistas, pois acabariam com a liberdade individual.

Para garantir a eficácia deste projeto os empresários apropriaram-se do discurso anticomunista. Nele a ameaça comunista representava o fim da livre iniciativa e da liberdade individual porque controlaria a economia, o trabalho e a distribuição de renda para garantir os benefícios da classe trabalhadora. Desta forma, se os sindicatos e até mesmo o próprio Estado fornecessem benefícios aos trabalhadores com o estabelecimento de leis que controlassem o livre desenvolvimento do capitalismo e os salários dos operários, acabariam prejudicando o pleno desenvolvimento da sociedade norte-americana, que centralizava a sua tradição na liberdade política e econômica e no desenvolvimento pessoal.²⁴

Em paralelo a tais reportagens *Seleções* freqüentemente escrevia sobre as condições de trabalho na União Soviética. Valendo-se de narrativas de viajantes e exilados, a revista denunciava as péssimas condições de vida e de trabalho que

²² LAWRENCE, Davlbidem. Que é lucro. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1952, p. 94.

²³ Ibidem.

²⁴ De acordo com FONES-WOLF, op. cit. p. 6.

todas aquelas pessoas experimentavam sob o regime comunista, buscando desconstruir o mito da revolução e legitimar o capitalismo e a livre iniciativa. A exemplo, destacamos duas reportagens.

A primeira, “Paraíso dos operários”²⁵ descreveu a vida dos trabalhadores que viviam em países dominados pela União Soviética. A justificativa para este governo era de exercer o poder em nome dos trabalhadores, mas ao contrário do que a propaganda governamental afirmava,

O trabalhador (...) é obrigado a trabalhar mais, e mais horas, por menor salário. Se deixa de produzir a sua quota de trabalho, é punido com severidade. Não pode fazer greve. Não pode nem protestar respeitosamente contra uma decisão do seu empregador, que é o Estado onipotente. Sua promoção depende, não de sua perícia como artífice, ou de sua iniciativa, mas de sua habilidade de fazer crer aos superiores que é um servidor devotado da causa soviética.²⁶

Na Hungria, país dominado pelo regime soviético, os trabalhadores eram vigiados todo o tempo pela polícia política e ainda eram obrigados a contribuir para aumentar os fundos do Partido Comunista através da “subscrição popular” (cota recolhida mensalmente dos salários dos trabalhadores para o Partido). A diminuição drástica dos salários tornava impossível para os trabalhadores manterem o padrão de vida que tinham antes da ocupação soviética. Com a alta dos preços, “o operário mal pode comprar hoje a comida que é concedida pelo cartão de racionamento (com uma única refeição boa por semana), pagar o aluguel duma moradia que há cinco anos ele não teria considerado habitável, e substituir as roupas que lhe caem do corpo aos pedaços.”²⁷

Duas vezes por semana os trabalhadores também eram obrigados a assistir a “seminários operários”, organizados pelos sindicatos, com palestras sobre as vantagens do Comunismo e os *horrores* do Capitalismo. Numa dessas reuniões um líder sindical “afirmou que o operário norte-americano... é um pobre mendigo explorado, que vegeta em condições pouco superiores à escravidão.”²⁸ Repleto de comunistas, os sindicatos deixaram de defender os direitos dos trabalhadores e passaram a obedecer às ordens soviéticas.

Sem liberdade para escolher os líderes sindicais nem os líderes políticos,

²⁵ NAGY, Ferenc. Paraíso dos operários. **Seleções do Reader's Digest**, agosto de 1949, p. 75.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem, p. 77.

²⁸ Ibidem, p. 76

muitos húngaros começaram a fugir para a Áustria. Um deles arrependeu-se de ter sido um comunista: “Que tolos que fomos em não percebermos que estávamos trocando um patrão com o qual podíamos discutir, por um patrão que nos faz frente com os *cassetetes* dos policiais e com a metralhadora, sempre que abrimos a boca.”²⁹

Em reportagens como essa a revista fazia questão de destacar que o regime comunista não oferecia nenhum benefício ao trabalhador. Longe de realizar as promessas de ser o *paraíso dos operários*, os comunistas doutrinavam os operários com mentiras e exigiam contribuições para o Partido, diminuindo o salário já insuficiente. As pessoas trabalhavam mais horas do que no regime Ocidental, não podiam reivindicar melhores salários nem melhores condições de vida simplesmente porque não tinham direito à liberdade de expressão. Sofriam as injustiças de um regime que privilegiava a delação, a mentira e a dedicação cega a um ideal político como mérito para promoções e viviam sobre constante pressão política.

As reportagens reforçavam a existência de um controle moral e político que os comunistas exerciam sobre os trabalhadores. Se eles não produzissem a cota diária estipulada, não receberiam o valor combinado e começariam a ser vigiados pela polícia secreta russa. Da mesma forma, se eles não freqüentassem os cursos doutrinários do partido não teriam nenhum benefício e seriam perseguidos.

A reportagem “Se você trabalhasse na Rússia Soviética”³⁰ reforçou essas informações. Nela alguns fugitivos, entre eles um operário, um gerente de fábrica e um contra mestre, relataram suas “terríveis” condições de trabalho. A imagem utilizada como âncora (Figura 03) reforçou ainda mais o controle político do Estado em relação aos trabalhadores através da utilização de fios presos aos operários. Isso faz referências aos marionetes, bonecos que são manipulados através de fios presos em partes do seu corpo. No caso desta imagem, os trabalhadores manipulados pelo governo soviético, representado pela grande mão, mostram que não têm liberdade porque são controlados.

²⁹ Ibidem, p. 79.

³⁰ Se você trabalhasse na Rússia Soviética. **Seleções do Reader's Digest**, agosto de 1951, p. 85.



Figura 3

Na reportagem, o operário Ivan informou que recebia salário baixo devido a uma série de descontos:

Dois e meio por cento de impostos governamentais, dois por cento de impostos culturais (que compreendiam serviços médicos) e o desconto especial de dez por cento para a conclusão dos Planos Quinquenais – um empréstimo ‘voluntário’ ao governo. E havia ainda sempre descontos ‘voluntários’ especiais: para a China comunista e até para os norte-americanos desempregados.³¹

Ivan também disse que na sua carteira de trabalho estava registrada a sua dedicação ao Partido e as suas ações dentro da fábrica. Caso ele por algum motivo chegasse atrasado, sofreria o julgamento de um Tribunal Popular e teria que fazer trabalho forçado na própria fábrica, recebendo apenas 25 por cento do salário. Se isso acontecesse por mais duas vezes, ele seria enviado a um campo de trabalhos forçados, lá ficando por seis anos.

Nicolas, um gerente de fábrica, contou que as cotas de produção não eram estabelecidas pelos seus diretores e gerentes, mas sim por um ministério especial e, mesmo que as cotas fossem muito altas, deveriam ser produzidas a todo custo. Ele disse ainda que os seus funcionários poderiam fazer queixas para o sindicato, entretanto “...são poucas as queixas, e essas giram sempre em torno de casos pessoais, como, por exemplo, de ter o contramestre sido injusto na distribuição de

³¹ Ibidem, p. 85 e 86.

ferramentas ou materiais. Nem uma só vez o comitê decidiu a favor do operário.”³²

Boris, o contramestre, falou que na União Soviética os trabalhadores dificilmente davam sugestões para melhorar a produção, “... a gente tem medo de correr ‘risco técnico’. Suponhamos que um engenheiro ou um contramestre descubra um novo método de fazer alguma coisa, e que o método não dê certo. Imediatamente ele será acusado de sabotagem e poderá acabar num campo de trabalhos forçados pelo resto da vida.”³³

Além de não terem o apoio dos sindicatos para exigirem melhores condições de trabalho, os trabalhadores russos não tinham liberdade para sugerir melhorias no sistema produtivo com medo de serem julgados e condenados à escravidão.

Na União Soviética ainda funcionavam campos de concentração, onde principalmente os presos políticos trabalhavam em regime de escravidão. A denúncia desta situação foi o tema de diversos textos de *Seleções*. Dentre eles, a narrativa que melhor descreveu a situação dos trabalhadores escravos chamava-se “Fui escravo dos soviéticos”³⁴ que em vinte e duas páginas descreveu as experiências de John H. Noble, condenado em 1946 a quinze anos de prisão pela polícia soviética. Sem ter um julgamento justo, John ficou sob a guarda da MVD (Polícia Secreta Russa) por nove anos e meio sem ao menos saber o motivo de sua condenação. Antes de retornar aos Estados Unidos, nos quatro últimos anos ele foi trabalhador escravo no campo de Vorkuta, sofrendo pelas condições precárias de trabalho, de alimentação e de vida.

Cercado por arame farpado e vivendo “como animais”³⁵, os escravos trabalhavam nas minas de carvão conhecidas como “a terra da morte branca”³⁶ em virtude da neve que se acumulava nas montanhas e do frio. Esse era um dos piores inimigos dos prisioneiros que eram obrigados a trabalhar em temperaturas inferiores a quarenta graus negativos. Muitos deles morreram constantemente de doenças provocadas pelas baixas temperaturas.

Os próprios policiais soviéticos não gostavam desse lugar pois sofriam com

³² Ibidem, p. 88.

³³ Ibidem.

³⁴ NOBLE, John H. Fui escravo dos soviéticos. **Seleções do Reader's Digest**, maio de 1956, p. 181.

³⁵ Ibidem, p. 195.

³⁶ Ibidem, p. 182.

as saudades da vida em Moscou e “com exceção de um homem, todos eles estavam longe de ser comunistas fanáticos. O Partido era para eles simplesmente um meio de fazer carreira. Poucos alimentavam qualquer ideal em relação ao comunismo.”³⁷

A rotina diária naquele “purgatório” era extremamente cansativa. Após uma refeição matinal, os escravos caminhavam dois quilômetros e meio para chegar às minas de carvão e trabalhavam em “uma escavação primitiva, onde quase não existia equipamento moderno e não se tinha qualquer noção de segurança. Quase toda semana havia desabamentos.”³⁸ Não havia uma vigilância muito rígida sobre o desenvolvimento do trabalho dos escravos, mas todos eles deveriam cumprir uma cota diária de serviço chamada de “... *norma* comunista, mais diabólica do que qualquer senhor de escravos do tempo antigo. (...) Os que não cumpriam as suas normas eram submetidos a rações de castigo, de menos da metade da dieta normal.”³⁹ Segundo o autor esse sistema se transformava em um círculo vicioso, pois a alimentação já era normalmente precária para o ritmo de trabalho exercido.

O desgaste físico e emocional era tão grande que os prisioneiros se auto mutilavam para não trabalharem mais:

Um prisioneiro asiático, um calmuco de ar feroz, estava de pé no centro do salão, com uma machadinha na mão esquerda. (...) Colocando a mão direita sobre um tamborete, ele gritou: - Demônios russos! De mim vocês não terão mais trabalho! Ao soarem estas palavras, a machadinha desceu violentamente e atingiu a mão pouco acima das articulações, decepando os quatro dedos desde a base. Com os olhos brilhantes de contentamento, o calmuco enrolou dois trapos sujos no que lhe restava da mão e arrastou-se de novo para a sua prateleira. (...) Outros esfregavam terra em ferimentos causados de propósito, ou pediam a amigos que lhes esmagassem os pulsos com cacetes. Alguns eram transferidos, outros apenas recebiam pesadas penas carcerárias por “sabotagem”⁴⁰

Até mesmo os soldados comunistas não estavam isentos destes atos. Cansados de não terem liberdade nem para escolher a própria profissão, também cometiam atos violentos, chegando ao suicídio: “Muitos dos guardas estavam igualmente fartos (...) Este inverno dez rapazes que estavam de guarda na tundra se suicidaram.”⁴¹

³⁷ Ibidem, p. 198.

³⁸ Ibidem, p. 195.

³⁹ Ibidem, p. 190.

⁴⁰ Ibidem, p. 192.

⁴¹ Ibidem, p. 201.

Um fato marcou a experiência traumática do autor, uma greve feita em 1953 quando os cem mil escravos pararam de trabalhar e expulsaram os soldados do campo de Vorkuta. Durante quatro dias os prisioneiros, entre eles padres, ministros protestantes e líderes políticos dos países ocupados do Leste Europeu, controlaram Vorkuta. Após este período, a greve acabou com centenas de feridos e dezenas de mortos, em uma brutalidade gigantesca. A imagem colocada na primeira página da reportagem (Figura 04) apresentava o momento da tomada do campo pelos soviéticos onde, escondido atrás de um dormitório, Noble assistia o assassinato dos seus colegas.

As representações presentes nessa história sustentavam que os presos políticos sofriam com o frio da região, não tinham condições de trabalhar e viver em segurança e tinham grandes dificuldades em cumprir as altas cotas de serviço. Tal condição de vida era tão insuportável para alguns presos que preferiam perder uma parte do corpo para não ser comandado por um comunista. Atitudes desesperadoras não era exclusividade dos escravos, até mesmo os soldados que estavam no campo acabavam com a própria vida para não trabalhar naquele lugar.

Por outro lado, nas reportagens e narrativas presentes nas revistas *Seleções*, trabalhar nos Estados Unidos era no mínimo recompensador. No sistema capitalista os operários recebiam bonificações quando melhoravam o sistema produtivo e ganhavam participação nos lucros conforme as propostas das empresas.

A diferença entre estes dois mundos foi explorada pelos empresários norte-americanos para valorizar o sistema capitalista e, indiretamente, diminuir a interferência governamental na economia. Segundo os seus argumentos, se a livre iniciativa fosse controlada, traria o comunismo para a sociedade Ocidental.

Essas representações também foram úteis à política externa do governo norte-americano. Nos primeiros anos da Guerra Fria era importante fortalecer os pontos positivos do capitalismo e denegrir as promessas comunistas de lutar pela liberdade de todos os operários do mundo. Vinculadas constantemente, as propagandas anticomunistas estavam presentes em todos os países que foram influenciados pelos norte-americanos a partir do pós-guerra através de revistas, filmes, artigos de jornais, programas de rádio e em outros meios de comunicação.

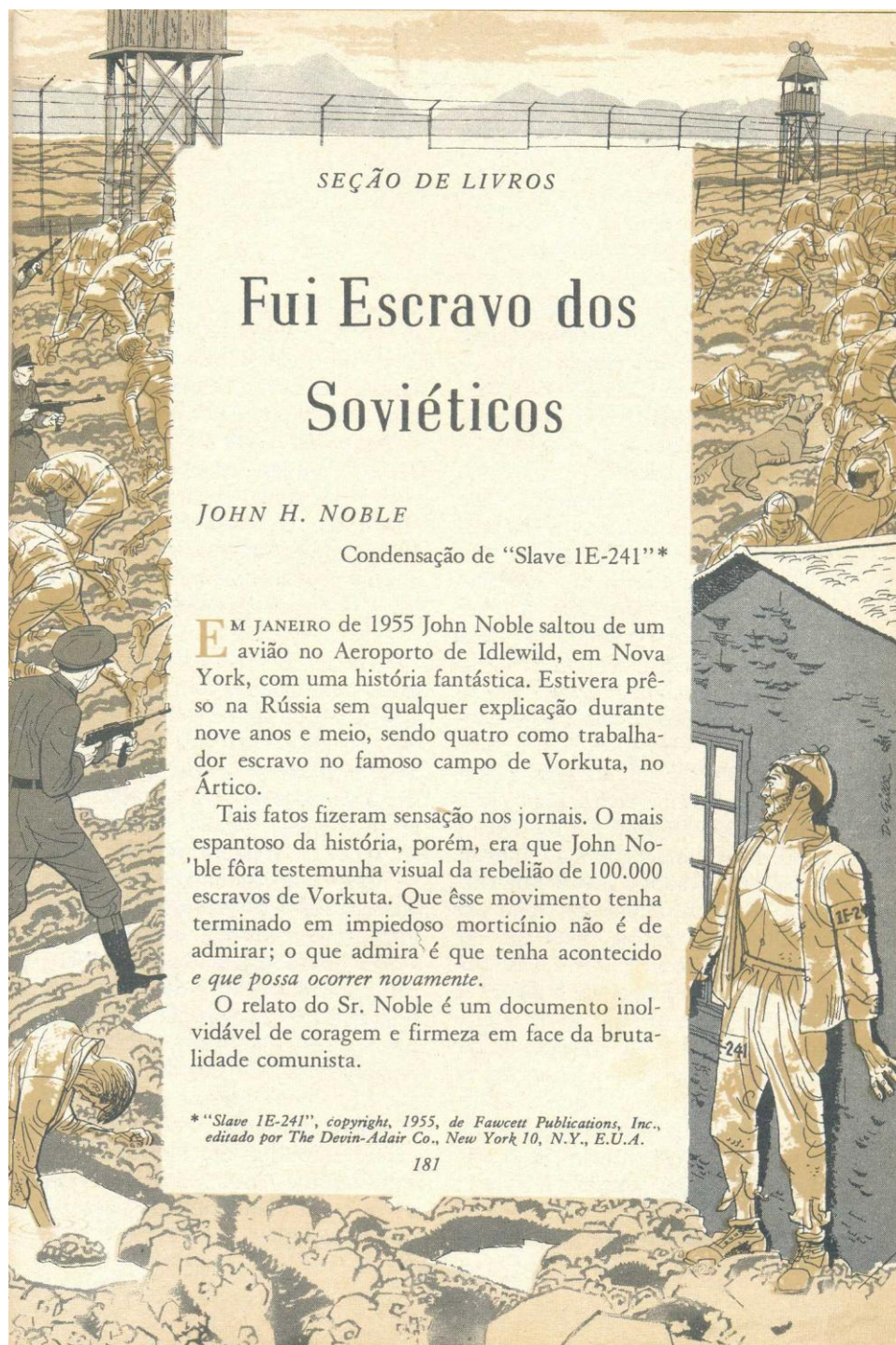


Figura 04

Os textos que valorizavam a livre iniciativa, a liberdade econômica e os ganhos resultantes da produção de mercadorias também não eram estranhos para a sociedade brasileira. No mesmo período os empresários brasileiros também estavam preocupados com a crescente interferência estatal na economia e com a possibilidade de uma transformação social resultante das reivindicações das classes populares.

Em Curitiba, por exemplo, as elites econômicas incentivavam os empresários locais a estabelecerem melhores condições de trabalho para os seus funcionários com o intuito de evitar as greves e enfraquecer os movimentos sociais. Para tanto, os empresários paranaenses utilizaram-se do discurso anticomunista para influenciar a opinião pública a respeito do perigo de uma infiltração comunista dentro do movimento operário e dos grupos que exigiam reformas sociais e promoviam as greves.

Entre os anos de 1947 e 1964 a pressão por reformas políticas, sociais e econômicas, feitas pelos movimentos sociais do campo e da cidade se fortalecia porque encontrava uma situação política favorável. Nesse momento havia um campo propício para buscar o desenvolvimento nacional e a modernização do país através de reformas sociais que proporcionassem melhores condições de vida para toda a sociedade brasileira. Essa movimentação, que se destacou durante a presidência de Getúlio Vargas e de João Goulart, contava com o apoio do próprio governo que tentava implantar reformas sociais capazes de beneficiar as classes médias e trabalhadoras e de fortalecer a autonomia econômica brasileira frente aos Estados Unidos.

Essas propostas se confrontavam com os interesses das elites econômicas curitibanas que, preocupadas com o fortalecimento dos movimentos sociais, começavam a buscar medidas que assegurassem seus privilégios políticos e econômicos. Nesta empreitada, a Federação do Comércio e a Associação Comercial do Paraná começaram divulgar entre os empresários curitibanos algumas medidas capazes de conter as reformas sociais e manter a ordem vigente. Através de reportagens publicadas em revistas destinadas aos empresários, começavam a divulgar a importância de manter o “espírito de cooperação” e “um clima de paz social” nas relações entre os patrões e os trabalhadores como a melhor solução para evitar as greves e os movimentos sociais, que sofriam a influência comunista.

Os empresários também criticavam as ações governamentais que beneficiavam os trabalhadores, como a Legislação Trabalhista da Constituição de 1946 que legalizava as greves, e que justificavam a intervenção estatal na economia. Por isto defendiam a livre iniciativa e denunciavam as intervenções estatais como práticas capazes de implantar o comunismo no Brasil.

Desde a década de 50, em diversos momentos as elites econômicas buscaram disseminar o “alarme do comunismo” na sociedade brasileira, na perspectiva de desmoralizar as greves, os movimentos sociais e até as propostas consideradas comprometedoras para seus interesses particulares, como ocorreu com o nacional-reformismo durante todo o período 1945-1964. Percebe-se que houve uma ansiedade crescente, por parte das lideranças dos grupos econômicos locais, por buscar conscientizar sua coletividade sobre a necessidade de tomada de posição frente às greves, às eleições e às práticas governamentais. Amplificava-se o caráter mobilizatório do imaginário anticomunista em função da busca por construir a coesão dos grupos econômicos em torno da defesa de suas crenças e interesses particulares.⁴²

A análise do imaginário anticomunista presente na sociedade paranaense entre os anos de 1947 e 1964 foi o objeto da pesquisa realizada por Andrea Wozniak Giménez em sua dissertação de mestrado chamada *O medo da “Revolução Social” na “Terra dos Pinheirais”*. Além dos grupos empresariais, Giménez também analisou o discurso anticomunista dos grupos católicos tradicionais, considerados os principais difusores dos medos em relação ao comunismo e mobilizadores sociais para a causa anticomunista. Os grupos católicos curitibanos desejavam manter a influente posição na sociedade local e se posicionavam diante da pressão por reformas sociais que combatessem o avanço comunista. A pesquisa tratou ainda das ações desenvolvidas pela sociedade paranaense diante da ameaça comunista.

Tanto os empresários brasileiros como os norte-americanos procuraram fortalecer os valores de liberdade, de livre iniciativa e de abundância junto à opinião pública e valeram-se do discurso anticomunista para enfraquecer o controle do Estado na economia e para garantir os seus benefícios políticos e econômicos. Todavia, o trabalho ainda não estava completo.

2.2 A harmonia entre patrões e operários

Outra questão que esteve constantemente em *Seleções* quanto às relações de trabalho norte-americanas referiam-se às reivindicações dos operários e ao papel que o sindicato deveria desempenhar naquela sociedade. Os textos publicados descreviam a preocupação dos empresários com as reivindicações dos operários sobre os salários e as horas trabalhadas, com a

⁴² GIMÉNEZ, Andrea W. *O Medo da “Revolução Social” na “Terra dos Pinheirais”: imaginário anticomunista na sociedade curitibana (1947-1964)*. Dissertação (Mestrado em História)

atuação dos sindicatos na resolução destes problemas e com a qualidade do serviço oferecido pelos trabalhadores.

Esta preocupação justificava-se no crescimento da força sindical nos Estados Unidos durante a década de 30 e na pressão realizada pelos sindicatos para exigir do governo aumentos salariais e direitos trabalhistas garantidos por lei nos anos 40.

Nos anos 30 o presidente Franklin Delano Roosevelt, membro do partido Democrático, promulgou diversas leis que beneficiaram as organizações sindicais como a Lei Norris – LaGuarda de 1932, que dificultava a emissão de interditos judiciais emitidos contra as organizações trabalhistas e tornavam ilegais os contratos *yellow-dog*, a partir do qual o empregador exigia que o trabalhador não ingressasse nos sindicatos para ter a garantia do emprego.⁴³

Ainda nos anos 30 o governo norte-americano tentou garantir a organização dos trabalhadores em sindicatos que poderiam negociar sem sofrer interferência dos empregadores conforme a seção 7A da Lei Nacional de Recuperação Industrial de 1933. Apesar do esforço do governo, a lei foi declarada inconstitucional pela Corte Suprema dos Estados Unidos em 1935, que na época tinha a maioria republicana. No mesmo ano o Congresso aprovou a Lei Wagner, a qual “sustentava que os empregadores contribuíram para as greves e as recessões nos negócios ao se recusarem a negociar coletivamente.”⁴⁴

A partir desse momento os empresários deveriam negociar com os sindicatos escolhidos pelos seus empregados. Isso fortaleceu o poder de negociação dos sindicatos ao conquistar maior liberdade para organizar-se coletivamente, conseguindo atrair a opinião pública a seu favor.

A opinião pública retirava seu apoio ao *big business*, já que muita gente acreditava que os empregadores eram quem tinham causado a Grande Depressão da década de 1930. A opinião pública apoiava a idéia de que o homem trabalhador individual merecia melhor descanso e talvez somente através de sua união numa causa comum como um sindicato o trabalhador teria voz ativa no setor patronal.⁴⁵

No pós-guerra o amparo legal e o apoio da sociedade aos sindicatos diminuiu drasticamente depois que diversas greves organizadas pelos sindicatos

– Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR. Curitiba, 2003. p. 171.

⁴³ Conforme MARSHALL, F. Ray; RUNGELING, Brian. **O Papel dos Sindicatos na Economia Norte-americana**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1976, p. 58.

⁴⁴ Ibidem, p. 59.

aconteceram em 1945 e 1946. Durante a guerra os sindicatos se comprometeram a não fazer greves para não prejudicar a produção destinada ao conflito. Para efetivar este acordo o governo controlou, no mesmo período, o aumento de preços dos produtos industrializados. No final da guerra a alta de preços fez com que os sindicatos entrassem em greve, solicitando aumentos salariais correspondentes à inflação.

É neste contexto que os empresários, representados pelas suas Associações, começam a agir para controlar o poder dos sindicatos ligados à indústria. Em 1947 várias leis anti-sindicais foram promulgadas em diversos estados e mesmo com o veto do presidente Harry Truman (1945-1952), a Lei Talf Hartley foi aprovada pelo Congresso, agora em maioria Republicana, que

declarou ilegal os estabelecimentos industriais que admitiam somente empregados sindicalizados e boicotes secundários, manteve os sindicatos responsáveis pela inadimplência do contrato e danos devidos a greves entre sindicatos rivais que competiam por grupos específicos de trabalhadores, legalizou injunções contra greves que colocassem em risco a prosperidade e segurança nacionais, obrigou trabalhadores na eminência de greve a cumprir um período de negociação ("cooling-off") de sessenta dias e exigiu que os líderes sindicais fizessem um juramento de não comunista.⁴⁶

Ao mesmo tempo, para evitar novas transformações nas relações de trabalho que prejudicassem os seus interesses, os empresários norte-americanos estavam difundindo uma nova solução para os problemas trabalhistas que poderia ser alcançada sem a utilização das greves. Era basicamente uma tentativa de estabelecer o trabalho conjunto entre sindicatos e patrões.

Alguns grupos sindicais e mesmo parte dos trabalhadores não acreditavam que as greves eram a melhor solução para os problemas trabalhistas. Escrita por um líder sindical da Federação Americana do Trabalho – AFL, a reportagem "Os operários não fazem greve por prazer"⁴⁷, explicava aos empresários que as greves poderiam ser evitadas se eles demonstrassem interesse pelos problemas dos seus funcionários.

Segundo a reportagem muitos proprietários preocupavam-se apenas com a produção e a venda da mercadoria. Os seus funcionários eram "pouco mais que

⁴⁵ Ibidem, p. 58.

⁴⁶ DIGGINS, John Patrick. **The Proud Decades**. America in war and peace, 1941-1960. New York, W. W. Norton & Company, 1989, p. 101.

⁴⁷ McINTYRE, Marty. Os operários não fazem greve por prazer. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1947, p. 32.

máquinas vestidas de macacões”⁴⁸ que recebiam salários insuficientes para o sustento de uma família. Como os empresários não se interessavam pelo operário, a única forma deles serem ouvidos era através das greves. Entretanto esta não era a solução desejada pelos operários. “Em geral os operários sindicalizados não são radicais exaltados, e não estão dispostos a perder dias de salário e caminhar em linhas de piquetes, a menos que sejam suas condições de trabalho... intoleráveis.”⁴⁹

Nas empresas onde não havia demissões arbitrárias, onde os empresários pagavam bons salários, ofereciam benefícios e tornavam o ambiente de trabalho agradável, os trabalhadores não faziam greves nem se envolviam com os sindicatos. Por isto era importante que o empresário compreendesse quais eram os descontentamentos dos operários para atender às suas solicitações. O autor ressaltava ainda que

É verdade que algumas greves são provocadas, não por questões tais como conflitos de jurisdição entre sindicatos, protesto contra decisões governamentais, influência comunista, etc. (...) Muitos patrões e muitos observadores vêem sinistras tendências políticas em simples e legítimas solicitações de salários menos exíguos e de melhores condições de trabalho. Os que pensam que o operariado em geral está procurando minar o sistema capitalista, devem lembrar-se de que os trabalhadores estão reclamando apenas uma participação maior e mais eqüitativa nesse mesmo sistema.⁵⁰

Das reportagens que tratavam da função do sindicato na resolução dos problemas trabalhistas, essa tem uma conotação especial. Escrita por um líder sindical da AFL, a reportagem apresentava um posicionamento favorável às negociações estabelecidas entre os operários e os seus patrões e acreditava que as greves deveriam ser a última tentativa para o operário lutar pelos seus direitos.

Desde o final do século XIX, quando foi fundada, a AFL já defendia o mesmo posicionamento. Organizando sindicatos regionais a AFL “interessava-se principalmente pelos salários e pelas condições de trabalho dos associados dos sindicatos a ela filiados.”⁵¹ Em oposição às ideologias do período, como o anarquismo, o sindicalismo e o socialismo, a AFL não se envolvia em projetos utópicos, grupos revolucionários e mesmo com intelectuais.

A AFL também sofreu influência do imaginário social norte-americano ao

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Ibidem, p. 34.

⁵¹ MARSHALL, op. cit. p. 48.

valorizar a autonomia e a liberdade, se posicionando contrária à participação do Estado na resolução dos problemas trabalhistas⁵². Por isto sempre priorizou solucionar os problemas dos trabalhadores filiados através da negociação com os patrões. Uma das suas primeiras propostas era a utilização do “salário consciente” (wage consciousness), uma filosofia que incentivava o pagamento de benefícios para os trabalhadores como meio de transformação social.⁵³

Com propostas como essa a AFL tornou-se o maior sindicato norte-americano e recebeu o apoio da maioria dos trabalhadores ao priorizar as questões sociais e conseguir afastar definitivamente a presença do comunismo em suas federações. Isto agradou tanto os trabalhadores, interessados em receber melhores salários e desejosos de manter um afastamento da política, como os empresários, que preferiam negociar com os trabalhadores ao invés de sofrer as consequências de uma legislação trabalhista.

A AFL também apoiou diversas campanhas lideradas pela NAM para enfraquecer o Congresso das Organizações Industriais – CIO, associação de sindicatos rivais, ligada aos operários industriais, com um posicionamento político mais radical. A AFL chegou até a apoiar a promulgação da lei Talf-Hartley argumentando a necessidade de defender a liberdade, a democracia e o homem livre, diante da expansão do comunismo.⁵⁴

Por esses motivos a reportagem indicava que a melhor solução para os problemas trabalhistas deveria ser alcançada através do reconhecimento do trabalhador, materializado no pagamento de melhores salários, na estabilidade, no pagamento de benefícios e no estabelecimento de um ambiente agradável para o operário. Se essas medidas fossem colocadas em prática não haveria greves.

A reportagem comentou sobre a existência de algumas greves motivadas por problemas políticos ou ainda por influência comunista, mas essa atitude não predominava, pois para muitos trabalhadores as greves eram só uma forma de alcançar melhores condições de vida.

⁵² A tentativa de conseguir benefícios para os trabalhadores sem contar com o apoio legislativo e governamental diminuiu no início do século XX, depois que a AFL sofreu diversas interdições que dificultavam as suas ações. A partir de então ela passou a lutar por amparo legal, mas manteve o afastamento da política partidária.

⁵³ Conforme HAYNES, J. **Red Scare or Red Menace?** American communism and anticommunism in the Cold War era. Chicago, Ivan E. Dee, 1996., p. 111.

⁵⁴ O apoio que a AFL deu a NAM para enfraquecer o CIO foi analisado por FONES-WOLF, op. cit. p. 44 e seguintes.

Como aponta a reportagem existia uma ligação do movimento trabalhista norte-americano com o comunismo. Mas não era uma ligação forte, pois poucas associações de trabalhadores permitiam a presença de comunistas, como o CIO. Ele era a segunda associação de sindicatos mais atuante nos Estados Unidos entre a segunda metade da década de 30 e o início dos anos 50 e, ao contrário da AFL, tinha uma participação política e partidária mais radical e permitia o envolvimento de intelectuais nos seus sindicatos.

O CIO foi fundado em 1935 por um grupo dissidente da AFL que organizou os operários industriais semi-especializados e não-especializados. Além de agregar trabalhadores que não despertavam o interesse da AFL, o CIO defendia a assistência governamental e participava ativamente da política norte-americana, principalmente no apoio dado aos candidatos do Partido Democrático.

A preocupação com a infiltração de membros do Partido Comunista e espões nos sindicatos e nas indústrias começou em 1945. Nesse ano o governo canadense prendeu vinte e duas pessoas acusadas de levar informações sobre os Estados Unidos e a Inglaterra para a NKVD (Polícia Secreta Soviética). Com estas informações o governo norte-americano, através da *Congress's House UnAmerican Activities Committee* (HUAC) passou a investigar vários setores da sociedade como o governo, os sindicatos, o cinema e as universidades, para evitar a espionagem e barrar presença de comunistas.⁵⁵

A existência de poucos comunistas no CIO foi um importante instrumento utilizado a favor dos empresários⁵⁶ que no contexto da Guerra Fria anunciaram este fato como uma ameaça nacional. Utilizaram o discurso anticomunista para defender as soluções pacíficas nas relações trabalhistas e descartar as ações mais radicais dos sindicatos ligados ao CIO, tratando dessas metas como um assunto de fundamental importância para o país, à medida que elas enfraqueciam o movimento comunista norte-americano. A força dessas enfraqueceu o CIO, que perdeu prestígio entre os trabalhadores mesmo quando denunciou todos os comunistas infiltrados. Como consequência em 1955 o CIO uniu-se a AFL.

Como os empresários tinham o apoio da AFL, não pretendiam invalidar a função de todos os sindicatos na sociedade. Ao invés disto buscavam fixar acordos de cooperação, em que os sindicatos ficavam responsáveis por controlar

⁵⁵ In.: DIGGINS, op. cit., p. 111.

a produção e resolver as questões trabalhistas através de diálogos e negociações, recursos estes mais eficientes que as greves. Em contrapartida os empresários se comprometiam a oferecer benefícios como a participação nos lucros, promoções e estabilidade de emprego, mediante a contribuição dos operários com idéias para o aumento da produção.⁵⁷ Por isso as narrativas sobre as relações trabalhistas afirmavam que as negociações deviam ser a ferramenta mais importante na solução dos problemas relacionados ao trabalho, pois apenas elas conseguiam trazer benefícios para todos.

As vantagens resultantes do trabalho em conjunto desenvolvido pelo patrão e pelo sindicato foi o tema da reportagem “Como ganhar dinheiro *com* os operários”⁵⁸. A Empresa *Continental Paper Co.* tinha muitas dificuldades para fazer com que os operários economizassem a matéria-prima utilizada no processo produtivo. Além disso não havia condições de cumprir as freqüentes correções salariais exigidas pelo sindicato.

Para evitar mais uma correção salarial a empresa “persuadiu o sindicato a retirar as novas reclamações de aumento de salário e aceitar um contrato que garantia aos empregados 30,51% do valor em dinheiro acrescentado pelo seu trabalho.”⁵⁹ Com o apoio do sindicato foi implantado o ‘Plano de Participação’ que rendia aos operários quase o dobro das correções salariais exigidas pelo sindicato. Para conseguir tal valor os operários deveriam economizar a matéria-prima e encontrar uma utilidade para as sobras da produção. Do valor adquirido, 30,51% era repassado aos operários. “Dessa importância, metade é paga em dinheiro e metade sob a forma de seguro e de direito a pensão anual”⁶⁰, que poderia ser revertida em uma aposentadoria ou em um poupança, necessária se o operário fosse demitido antes de completar 65 anos. A parte destinada ao seguro transformava-se em um fundo de reserva que poderia ser utilizado pela empresa para pagar horas extras ou o salário dos operários se eles não produzissem o suficiente para cobrir o salário básico.

A partir da adoção deste plano as greves acabaram e os operários

⁵⁶ SELLERS, C. et. al. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990, p. 327 et seq.

⁵⁷ Fones-Wolf, op. cit., p. 68.

⁵⁸ HEATH, S. Burton. Como ganhar dinheiro *com* os operários. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1948, p. 55.

⁵⁹ Ibidem, p. 56.

⁶⁰ Ibidem.

aumentaram a produção. A reportagem finalizou destacando o exemplo da empresa Continental que conseguiu resolver os problemas com os operários a partir do momento em que todos começaram a ganhar em conjunto. Desta forma, “Não há necessidade de medidas disciplinares.”⁶¹

Segundo a reportagem a cooperação do sindicato dos operários e da empresa trazia benefícios para todos. Os operários adquiriram ganhos maiores do que a proposta inicial do sindicato e os empresários fizeram com que os operários economizassem a matéria-prima e conseguissem reverter em lucro o material desperdiçado durante a produção. O resultado foi a diminuição dos custos, o aumento da produção e o estabelecimento de um fundo de reserva que poderia ser gasto para pagar despesas esporádicas, como baixa produtividade e horas extras. Daí a importância dos empresários conseguirem o apoio dos sindicatos para aumentar o lucro da empresa.

Quando os empregados não estavam satisfeitos com o ambiente do serviço ou com os salários, o sindicato deveria ter um papel conciliador para evitar conflitos, paralisações na produção e greves. Por isto todos os textos sobre a convivência entre os patrões e empregados defenderam a idéia de que os sindicatos e até os próprios empresários buscassem apaziguar os problemas surgidos no cotidiano da empresa. Quando eles não eram resolvidos dentro da fábrica, cabia ao sindicato encontrar a melhor solução para ambos os lados.

Em dezembro de 1947 a reportagem “Um árbitro salomônico”⁶² apresentou um bom exemplo desta relação. Ela contava a história de Harry Shulman, professor catedrático da Universidade de Yale, que trabalhou como juiz nas pendências cotidianas da fábrica Ford. Nos últimos três anos ele julgou mais de três mil casos e ficou conhecido pelo seu bom senso em resolver os problemas trabalhistas. Desta forma garantia a ordem da rotina diária e evitava greves e divergências entre patrões e empregados.

O juiz era pago pela empresa e pelo sindicato e conseguiu tal posição graças ao sistema de arbitragem entre as partes que era “um modo rápido de decidir litígios. O operário continua trabalhando enquanto se processam os detalhes”⁶³

⁶¹ Ibidem, p. 58.

⁶² GALTON, Laurence. Um árbitro salomônico. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1947, p. 81.

⁶³ Ibidem, p. 85.

Em alguns casos Shulman chegou a opor-se a demissões que considerou arbitrárias e exigiu a recontração dos funcionários. Em outros contrariou a vontade do sindicato quando este exigiu que a empresa demitisse dois operários porque produziam mais que os outros trabalhadores. Defendendo a arbitragem, o juiz acreditava que se houvesse “boa vontade de ambas as partes, o sistema poderia contribuir grandemente para a paz entre o capital e o trabalho”⁶⁴.

Além de contarem com o apoio dos sindicatos da AFL, de estabelecerem algumas restrições legais às greves e de influenciarem a opinião pública a seu favor, os empresários buscaram conquistar o apoio e a lealdade dos funcionários para garantir o aumento da produtividade e a diminuição dos problemas internos. Para tanto começaram a implantar, dentro das fábricas, medidas capazes de melhorar as relações humanas e o bem-estar social.

Para reforçar essa proposta era necessário sustentar uma transformação na administração. A empresa deveria mostrar para a sociedade que estava preocupada em resolver os problemas políticos e sociais do mundo do trabalho para estabelecer a harmonia entre os interesses econômicos sociais.⁶⁵

De acordo com a teoria das relações humanas aplicadas à administração, os operários tinham outras motivações que influenciavam a qualidade do serviço prestado além do salário. O trabalho deveria oferecer aos indivíduos recompensas financeiras, pessoais e profissionais. Se algumas medidas capazes de oferecer estas recompensas fossem aplicadas o operário trabalharia com maior dedicação. Como consequência aumentaria a produção e os lucros da empresa pois “Aumentar a produtividade dependia da garantia da cooperação do grupo de trabalho através da participação nas tomadas de decisões, na melhor comunicação e na melhor preparação da supervisão, garantindo maior satisfação social e psicológica aos empregados.”⁶⁶

Como aumentar os rendimentos era a maior preocupação dos empresários, eles passaram a preocupar-se em estabelecer uma relação agradável e harmoniosa com os seus operários. Alguns empresários começaram a desenvolver campanhas que promovessem o reconhecimento dos operários através da participação no processo produtivo e no pagamento de benefícios salariais. Utilizada deste a década de 20, a teoria sobre as relações humanas só

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ FONES-WOLF, op. cit., p. 67.

começou a ser aplicada com maior intensidade durante a década de 50 por conseguir aumentar a produção e diminuir os conflitos trabalhistas.

Seguindo estes interesses várias narrativas destacavam que a insatisfação sobre o valor salarial, o horário de trabalho muito sobrecarregado ou a pressão exercida pelos chefes e proprietários poderia causar um ambiente de trabalho desagradável e conseqüentemente a diminuição da produção pelas horas mal trabalhadas, faltas e atrasos.

A narrativa “É melhor a fábrica pequena?”⁶⁷ resumiu todos os pontos abordados anteriormente. A fábrica, subsidiária da *Johnson & Johnson*, produtora de lumite – novo material plástico originário da mistura de petróleo e sal, adotou uma política de descentralização para aproximar patrão e empregados. Lá “os operários são remunerados pelas sugestões que fazem. É por meio dessas conversas que se resolvem questões do interesse dos trabalhadores: regulamentos de segurança, medidas profiláticas, divisão do pessoal em turnos de serviço, etc.”⁶⁸

Na fábrica os empregados eram independentes da empresa, pois nela trabalhavam 40 horas semanais e no restante do tempo dedicavam-se à agricultura. Como todos sabiam trabalhar em dois ofícios, caso perdessem o emprego na fábrica não se desesperariam porque já trabalhavam em outra atividade. “Já ficou comprovado que, quanto mais independente seja o operário, menos probabilidade terá de largar o emprego (...) o que leva um homem a mudar freqüentemente de trabalho é a insatisfação com o emprego e com a vida – e daí provêm, em muitos casos, as greves e os conflitos trabalhistas”⁶⁹. Concluiu afirmando que esse modelo deveria ser seguido por outras fábricas, afinal “não é necessário os governos imporem soluções, que estas são encontradas na cooperação entre patrões e empregados, e que a fórmula é simples: o operário precisa estar contente não só com o trabalho, mas também com a sua maneira de viver.”⁷⁰

De acordo com estas representações o respeito e a segurança eram as principais condicionantes nas relações trabalhistas, os problemas diários eram

⁶⁶ FONES WOLF, op. cit. p. 73.

⁶⁷ MULLER, Edwin. É melhor a fábrica pequena? **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1949, p. 51.

⁶⁸ Ibidem, p. 52.

⁶⁹ Ibidem, p. 53.

⁷⁰ Ibidem, p. 54.

resolvidos através de conversas e o desemprego não amedrontava os trabalhadores que tinham outra opção de sobrevivência. A harmonia estabelecida ainda disfarçava o condicionamento quanto ao pagamento de salários mais altos, pois só recebiam os trabalhadores que melhorassem o sistema produtivo.

Esta reportagem associou as greves e os conflitos como resultados da insatisfação dos trabalhadores com o emprego e até mesmo com a sua vida pessoal, despolitizando uma questão referente às reivindicações salariais baseadas na busca de melhores condições de trabalho e de salários mais justos.

Tratar das insatisfações dos operários apenas como frustrações pessoais não era uma prática anormal para os empresários, pois acreditavam que se os patrões e os funcionários tivessem interesses em comum, não existiriam motivos para a presença do sindicato. As reivindicações dos operários por salários mais altos era simplesmente uma expressão do descontentamento diante do fracasso da empresa em atender suas exigências mais altas. Preencher as necessidades não econômicas era a chave para a paz industrial na fábrica e além dela.⁷¹

Em novembro de 1948 Morris Sayre, presidente da *Corn Products Refining Company* e da *National Associations of Manufacturs*, estimulou os seus companheiros industriais a mudarem o seu comportamento em relação ao operário na reportagem “Humanizemos a indústria”⁷². Sayre acreditava que a estabilidade de emprego deveria ser uma meta da livre iniciativa, pois somente com trabalhadores “felizes e tranquilos” era possível obter sucesso e progresso para a civilização.

Dirigindo-se aos homens de negócios e aos dirigentes das empresas, pedia para que todos comesçassem a tratar da garantia da estabilidade dos seus funcionários e do fim do desemprego como um problema pessoal.

Trata-se duma responsabilidade que assumimos perante a pátria, perante os trabalhadores, perante os acionistas, e perante nós mesmos. Não se trata duma tarefa que possamos jogar para o lado, com um erguer de ombros, alegando a falta de tempo, até que chegue melhor ocasião. Já soou para os líderes industriais, no mundo inteiro, a hora de darem cumprimento a algumas das suas eloqüentes asserções de ‘responsabilidade social’.⁷³

Os gerentes deveriam assegurar aos seus funcionários que a empresa

⁷¹ Ibidem, p. 74.

⁷² SAYRE, Morris. Humanizemos a indústria. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1948, p. 96.

tinha preocupação com o progresso humano e com o bem-estar do público da mesma forma que se preocupavam em aumentar os seus lucros. Essa era a responsabilidade dos empresários, lutar contra o sentimento de frustração que assolava grande parte da humanidade para garantir o futuro da liberdade econômica e da civilização ocidental.

No mesmo ano da publicação desta reportagem a NAM, a Câmara do Comércio e outras associações locais de empresários estavam desenvolvendo campanhas para incentivar os proprietários a utilizar os princípios das relações humanas nas suas empresas. Como na reportagem, estes grupos apresentavam as vantagens da aplicação destes princípios aos empresários em cursos, conferências e panfletos que destacavam as seguintes qualidades nos operários:

Sessenta milhões de pessoas neste país passam aproximadamente metade das horas despertas sob o gerenciamento. Ao lado de suas famílias, a maioria delas está mais interessada nos seus empregos do que em qualquer outro assunto. Elas são as mesmas pessoas que votam, que se filiam aos sindicatos e que usam os seus produtos. E o que as pessoas que trabalham para você pensam sobre você e a sua empresa determinam suas opiniões sobre a totalidade do gerenciamento industrial e, conseqüentemente, sobre até onde vai a liberdade econômica sob a qual eles pensam que você deveria operar.⁷⁴

Na mesma edição outra história enfatizava a importância de ser um *bom patrão*. A narrativa “Prova de fogo de um industrial”⁷⁵ contava a história de Lewis P. Reese que teve a sua olaria destruída devido a um incêndio ocorrido em 1947. Ele “não inventou a partilha dos lucros, mas soube certamente aperfeiçoá-la e submete-la a um teste dos mais decisivos. E a experiência resultou em um verdadeiro milagre”⁷⁶, pois todos contribuíram para a reconstrução da empresa sem exigirem as horas trabalhadas devido a grande gratidão que os operários sentiam pelo patrão. Em 53 dias a olaria já estava pronta e funcionando a todo vapor, mostrando o resultado da dedicação de Lewis aos seus trabalhadores.

Muitas narrativas trouxeram relatos de empresários sobre as transformações realizadas após a implantação da participação dos lucros. Nelas, através da dedicação dos operários a produção de mercadorias aumentava e como conseqüência os lucros e o salário de todos aumentavam na mesma proporção, já que o crescimento da produção deixava de significar horas

⁷³ Ibidem.

⁷⁴ FONES-WOLF, op. cit., p. 79.

⁷⁵ ROBERTS, Harry R. Prova de fogo de um industrial. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1948, p. 115.

exaustivas de trabalho e a exploração do patrão passava a ser lida como ganho de todos que participavam do processo produtivo.

Para aumentar a produção os empresários estimulavam os seus operários das mais diversas formas. Ensinavam a todos o funcionamento do processo produtivo para que os operários pudessem sugerir melhorias, procuravam resolver os problemas diários através de conversas informais, davam responsabilidades e consultavam os operários sobre as suas funções, promoviam os operários que se destacavam, organizavam confraternizações e outras atitudes que objetivavam satisfazer as necessidades afetivas e aumentar a auto-estima dos operários.

Algumas empresas também anunciavam os bons resultados da participação dos seus empregados no processo produtivo em anúncios comerciais. Em agosto de 1946 a General Motors destacava o orgulho que os seus empregados sentiam por conhecer profundamente as tarefas diárias e por darem “valiosas sugestões... para melhorar a qualidade ou reduzir o custo da produção”. (Figura 05) Por estes motivos os produtos da General Motors eram “melhores produtos acessíveis a mais pessoas”. A imagem mostrava os operários trabalhando com satisfação e orgulho, reforçando ainda mais o ambiente agradável que havia na fábrica.

O Presidente da *Lincoln Electric Company*, por exemplo, incentivava os empregados a aumentar a produção através da resolução de situações problemáticas. Na *Seleções* de abril de 1947 ele narrou suas experiências na reportagem “Como estimular o trabalhador”⁷⁷. Após aplicar na sua empresa um fenômeno “...que visa tornar a indústria mais útil à própria humanidade”⁷⁸ cujos resultados permitiram o aumento do salário dos trabalhadores, a diminuição de horas trabalhadas e a redução do preço mínimo do produto trabalhado, o empresário decidiu divulgar o significado da *Gerencia Incentivadora*.

Basicamente resumia-se em uma forma de estimular os operários a resolverem as dificuldades surgidas durante o serviço.

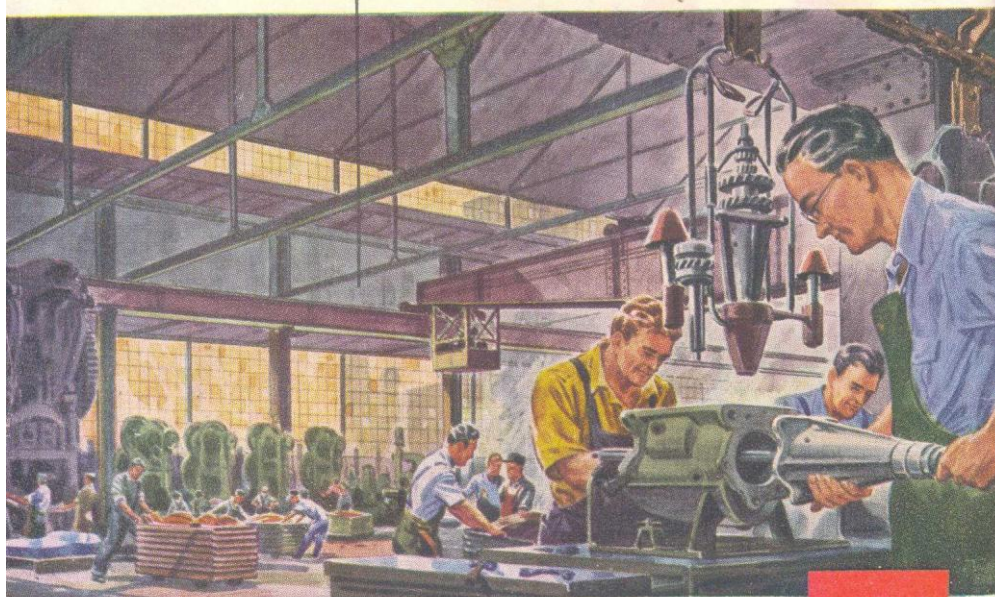
⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ LINCOLN, James F. Como estimular o trabalhador. **Seleções do Reader's Digest**, abril de 1947, p. 39.

⁷⁸ Ibidem.

**350.000
homens
côncios
da sua
importância**

Cada um dos empregados da General Motors—desde o especialista até o aprendiz—tem uma clara noção do que significa a respectiva tarefa. O seu trabalho está de tal forma organizado, que lhe desperta interesse e o faz sentir-se orgulhoso do fruto de seus esforços. Provam-no a grande assiduidade voluntária aos cursos internos gratuitos, em cada fábrica, e o número de valiosas sugestões apresentadas pelos próprios operários, para melhorar a qualidade ou reduzir o custo da produção. O resultado é obterem melhor retribuição. Ao mesmo tempo, os produtos que chegam às mãos do público são de qualidade superior: “melhores produtos acessíveis a mais pessoas”.



GENERAL MOTORS

Melhores produtos acessíveis a mais pessoas

Cadillac • Buick • Oldsmobile • Pontiac • Chevrolet • Vauxhall • Caminhões GMC,
Chevrolet e Bedford • Frigidaire • Motores Diesel • Peças e Acessórios



Figura 05

Nossa idéia é desenvolver o operário por meio de situações de crise e incentivo. A crise pode ser, por exemplo, uma tarefa que parece estar acima de sua capacidade, mas que ele vence por seus próprios esforços. O incentivo que mais age sobre os indivíduos em regra é a conquista do respeito, próprio e alheio. Salários que representem recompensa por qualquer realização de destaque; melhoria de posição; cargos de responsabilidade — eis aqui outros tantos meios de favorecer essa conquista. O operário deseja sentir-se parte duma turma em que seus esforços são necessários e sua habilidade se destaca.⁷⁹

⁷⁹ Ibidem, p. 39 e 40.

Esse plano só triunfou após algumas transformações como a implantação de um sistema de pagamento compensatório para os operários, o estabelecimento da promoção por mérito e a introdução da divisão dos lucros da companhia entre todos. Era importante também fazer com que os operários conhecessem todas as circunstâncias do negócio. Desta forma, se eles reivindicassem melhores salários, a gerência poderia explicar o que todos poderiam fazer para alcançar tal proposta.

Todas estas histórias, contadas e direcionadas aos empresários, reforçavam a importância da boa convivência de patrões e operários dentro da empresa. Essas recomendações não passavam de um modo de evitar o nascimento de qualquer descontentamento entre os operários já que, caso isso acontecesse, a dedicação ao trabalho não aconteceria da forma desejada. Conseqüentemente a qualidade do serviço e a produtividade diminuiriam com as horas desocupadas, as faltas e outras situações que causariam prejuízo. Mesmo que não fosse a meta dos patrões, as modificações implantadas pelos empresários trouxeram vantagens aos operários, que passaram a receber maiores salários e outros benefícios como estabilidade, participação nos lucros e seguridade social, variando conforme a empresa.

A reportagem “Disseminação do capitalismo popular”⁸⁰ mostrava as vantagens do capitalismo. O seu assunto era a popularização do capitalismo nos Estados Unidos, por meio da compra de títulos de proprietários na indústria norte-americana a preços baixos. Essa mudança econômica foi possível devido aos “...salários mais altos além da entrada neste setor de companhias de seguros e de fundos provenientes dos planos particulares de aposentadoria”⁸¹.

Desde janeiro de 1954 a Bolsa de Nova York lançou um Plano de Investimento Mensal (MIP) destinado a investidores constantes e de longo prazo. Os investimentos eram independentes das oscilações do mercado de títulos e tinham um contrato mínimo de pagamento trimestral de 40 dólares, de modo que qualquer pessoa com condições de economizar um pouco por semana poderia tornar-se um investidor de capital. O que mais impressionava era a participação de vários trabalhadores norte-americanos.

⁸⁰ MAHER, Edward. Disseminação do capitalismo popular. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1955, p. 123.

Muitas empresas estão tornando os seus próprios operários co-proprietários. ...Um empregado da General Electric pode solicitar um desconto até de dez dólares por semana um folha para a compra de bônus de economia do Governo Americano, depositar os bônus na companhia e recebê-los ao fim de cinco anos acrescidos de juros e mais 15% em ações da companhia. Vinte mil empregados da General Electric se tornaram acionistas em 1954 e mais 40.000 seguiram o mesmo caminho no corrente ano.⁸²

Todas essas transformações geravam uma aproximação entre os operários e os patrões e podiam diminuir os conflitos trabalhistas e beneficiar toda a sociedade.

É claro que a medida que a propriedade das grandes empresas ficar cada vez mais nas mãos do homem do povo, haverá crescente consciência da parte da administração das indústrias em relação às suas responsabilidades para com o resto da comunidade. Mas o fato mais impressionante... é o seguinte: milhões de trabalhadores nos Estados Unidos chegaram a tal nível de salários que podem tornar-se proprietários das empresas para as quais trabalham. É esse um novo gênero de capitalismo que se apresenta ao mundo – um capitalismo para muitos e não para poucos. O comunismo ou o socialismo vão ter muito trabalho para chegar a coisa parecida.⁸³

Segundo a reportagem a participação dos trabalhadores no mercado de ações ajudou a difundir o espírito empreendedor entre os cidadãos norte-americanos e fortaleceu o sistema capitalista. Essa situação ajudava na distribuição de renda entre as pessoas e beneficiava a comunidade, pois os *homens do povo poderiam* participar da administração das empresas e levar mais benefícios para todos. Diante de tantas vantagens ficaria realmente difícil para o comunismo e o socialismo aplicar estas medidas em seus países.

Apesar de estarem completamente fora da realidade essas informações transformavam o mercado de ações na alavanca que iria permitir a chegada dos operários, *homens do povo*, na administração das empresas. A partir desse momento eles poderiam fazer com que as empresas ajudassem mais as comunidades porque conheceriam os problemas do povo. Essas imagens aproximavam o capitalismo de um governo popular ao afirmar que todos teriam acesso aos investimentos, à riqueza e ao controle dos meios produtivos.

Entre 1946 e 1951 a revista *Seleções* publicou várias reportagens sobre as relações de trabalho nos Estados Unidos. A frequência dessas reportagens era tão intensa a ponto da revista dedicar duas ou mais seções para tratar desse tema. Isto se explica porque durante o governo Truman os empresários tentavam conquistar a opinião pública e se fortalecer politicamente. Com a chegada de

⁸¹ Ibidem.

⁸² Ibidem, p. 127 e 128.

Dwight Eisenhower (1952-1960) à presidência da República, os empresários passaram a ter o apoio da presidência, do Senado e do Congresso Nacional, todos comandados por políticos do partido Republicano. Por esse motivo durante a década de 50 os empresários tiveram mais benefícios políticos e, ao mesmo tempo, conquistaram a opinião pública e o apoio de grande parte dos trabalhadores.

Ainda assim, nesta década existiram problemas com a AFL, os sindicatos e as greves mas comparados ao pós-guerra, ocorreram em proporções bem menores. Por isto nos anos 50 a revista *Seleções* diminuiu drasticamente a quantidade de reportagens sobre as relações trabalhistas e sobre a administração das empresas. Entre as poucas reportagens que foram publicadas nesse momento, destacavam as que trataram sobre as vantagens do capitalismo, como mostrou “Disseminação do capitalismo popular”⁸⁴.

Todas as reportagens apontaram para o fato de que, no universo capitalista norte-americano, não eram as greves que propiciavam benefícios aos empregados, mas sim a sua dedicação e a vontade dos empregadores em dividir um pouco dos seu lucro. Parecendo favoráveis aos sindicatos e às organizações dos trabalhadores através de uma imagem positiva do capitalismo, os empresários buscavam reduzir a força destas organizações e ao mesmo tempo favorecer a livre iniciativa. O comunismo foi mais uma ferramenta utilizada para garantir os interesses dos patrões, pois

Depois de 1945, a enorme expansão do “bloco” socialista e a ameaça potencial que apresentava fez com que os governos ocidentais se concentrassem maravilhosamente, especialmente sobre a importância da previdência social. O objetivo desta ruptura deliberada com o capitalismo de livre mercado não era apenas eliminar o desemprego em massa (...), mas também estimular a demanda.⁸⁵

Como nos Estados Unidos, os empresários brasileiros também estavam preocupados com as relações trabalhistas. Nos anos 40 e 50 eles incentivavam a implantação da participação dos lucros e difundiam a importância da cooperação no ambiente de trabalho.

Além de reportagens sobre esse tema vinculadas em revistas de grande

⁸³ Ibidem, p. 128.

⁸⁴ MAHER, Edward. Disseminação... op. cit. p. 123.

⁸⁵ HOBSBAWN, E. Adeus a tudo aquilo. In.: BLACKBURN, R. (org.) **Depois da Queda**. São Paulo, Paz e Terra, 1992, p. 99.

circulação e em publicações voltadas para os empresários, muitos anúncios comerciais utilizavam a imagem de operários e trabalhadores sorridentes e “bem dispostos, realizando alegremente as tarefas que lhes são imputadas em ambientes muito agradáveis.”⁸⁶

Da mesma forma e com os mesmos interesses dos empresários norte-americanos, os empresários brasileiros buscaram medidas para diminuir os conflitos existentes nas relações de trabalho e aumentar a produtividade através de algumas modificações realizadas no sistema produtivo.⁸⁷ Baseados em princípios da administração taylorista e fordista, os projetos que visavam disciplinar o operário para o aumento da produção já estavam sendo implantados no Brasil desde os anos 30.

Nos anos 50 através de reportagens e de anúncios comerciais, as empresas e as indústrias começaram a serem vistas como lugares agradáveis porque proporcionavam segurança e conforto aos trabalhadores. Da mesma forma os trabalhadores eram representados como pessoas contentes e importantes para a empresa porque participavam do processo produtivo. A obtenção dos lucros também foi valorizada em algumas propagandas de associações de empresários que mostravam os benefícios que trazia aos trabalhadores como emprego e bem estar.

No Brasil este discurso também era utilizado pelo governo e pelas elites econômicas, defendendo que o crescimento econômico dependia da união dos esforços coletivos de trabalhadores e patrões. Este pensamento agregava ao trabalho uma importância maior do que a simples subsistência e fazia com que o operário também se sentisse responsável pelo crescimento nacional.

Como esse discurso estava presente em revistas de grande circulação e em anúncios comerciais destinados às classes que possuíam poder aquisitivo suficiente para consumir mais do que o necessário para a sobrevivência, ele não era questionado pelos seus receptores. “Ou seja, tais setores acolhiam com simpatia o ideal de um mundo harmonioso, no qual prevalecesse acima de tudo a ordem em que os indivíduos teriam possibilidade de “subir na vida”, desde que

⁸⁶ FIGUEREDO, Anna Cristina C. M. **Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada:** Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo, Ed. Hucitec História Social, 1998. p. 54.

⁸⁷ Estas reflexões fazem parte da pesquisa desenvolvida por Anna Cristina Figueredo na sua dissertação de mestrado, onde analisou os anúncios comerciais publicados em revistas de grande circulação.

demonstrassem empenho nesse objetivo e que o sistema não sofresse alterações muito radicais que pudessem interromper ou arriscar seu percurso dentro dele.”⁸⁸

Essa imagem harmoniosa da sociedade eliminaria as tensões sociais entre patrões e operários e entre as diferentes classes sociais, pois nela todos estariam satisfeitos com a sua condição econômica e social. Assim “mais do que manipular a consciência dos trabalhadores, elas visavam, portanto, alimentar os sonhos das camadas médias de um mundo agradável, harmonioso, ordeiro e por meio delas angariar o apoio daquelas camadas aos projetos dos grupos dominantes.”⁸⁹

A preocupação do governo e dos empresários em relação aos trabalhadores estava presente em outros meios de comunicação. Além das revistas de grande circulação, existiam programas de rádio que analisavam a política mundial através do olhar norte-americano. Um deles, chamado “Nos Bastidores do Mundo”, se direcionava a classe média e operária brasileira e transmitia uma visão favorável aos norte-americanos em 15 minutos de programação diária. O programa difundia ainda idéias anticomunistas para evitar a expansão do Partido Comunista Brasileiro – PCB. Para tanto, inflamava os medos em relação ao comunismo e alertava os brasileiros sobre o interesse do Kremlin em estabelecer alianças com os operários brasileiros.⁹⁰

Outro programa de rádio da mesma época, chamado “O Destino e a Esperança”, mostrava a existência de interesses comuns entre os operários brasileiros e norte-americanos. Transmitido três vezes por semana com duração de quinze minutos, o programa era uma

série dramática centrada em um operário de uma fábrica de São Paulo que vai aos Estados Unidos para trabalhar em uma usina de New Jersey. Um veterano brasileiro da Segunda Guerra Mundial, o personagem se casou com uma americana. O herói conta a história de sua vida entre os operários norte-americanos. Logo o herói, um brasileiro, conta sobre as experiências e preocupações comuns entre as classes operária brasileira e americana.⁹¹

Como no caso norte-americano, a influência comunista nos sindicatos e no movimento trabalhista também preocupava o governo e as elites econômicas brasileiras. Mas, ao contrário daquele país, no Brasil o PCB teve uma real

⁸⁸ FIGUEREDO, op. cit. p. 66.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ HAINES, Gerald K. **The Americanization of Brazil..** A study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954. Wilmington, Delaware, SR Books, 1989, p. 172.

⁹¹ Ibidem.

participação no movimento operário quando os membros do partido começaram a estabelecer alianças com os lideranças sindicais conservadoras para conseguir um espaço de atuação no movimento trabalhista nacional. Mesmo a partir de 1947, quando o governo Dutra levou à ilegalidade o PCB e passou a fiscalizar o posicionamento político dos sindicatos através de um controle legal, o partido continuou influenciando os sindicatos brasileiros através da presença dos seus membros que atuavam nestas entidades, pois “com o fechamento final do regime, a preocupação do partido com a centralidade da organização nos locais de trabalho faz com que os comunistas se dediquem bastante a esse trabalho”⁹². Entre os anos de 1954 e 1964 a atuação do PCB nos sindicatos vai se fortalecer ainda mais, preocupando as elites políticas e econômicas que, em 1964, apoiaram a implantação de um governo militar para evitar uma série de reformas sociais que fortaleceria a classe operária.

2.3 O sonho americano e o pesadelo comunista

Tantos incentivos ao pagamento de benefícios aos trabalhadores levaram ao aumento da produção e à venda de bens de consumo na sociedade norte-americana. Recém saídos de uma guerra com grandes vantagens econômicas, os Estados Unidos iniciaram um grande período de prosperidade, desfrutado pela maioria dos seus cidadãos⁹³. Toda essa abundância estava presente em diversos anúncios comerciais publicados em *Seleções*.

Logo após a Segunda Guerra Mundial e durante toda a década de 50, os meios de comunicação demonstravam as transformações sociais e culturais vividas pelos norte-americanos. De fato durante os anos 50 o sistema capitalista teve uma fase de expansão. Com o aumento da produção industrial resultante do crescimento econômico as taxas de desemprego diminuíram; conseqüentemente, com o reajuste dos salários pagos aos trabalhadores, cresceu o consumo dos

⁹² SANTANA, Marco Aurélio. **Homens Partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. Rio de Janeiro, Bom Tempo Editorial, 2001, p. 75.

⁹³ Desse grupo de *privilegiados*, entre um quarto e um terço da população não participava destas transformações porque vivia abaixo da linha de pobreza. Entre os pobres estavam quase 20% dos brancos, os negros, os latino-americanos e mais da metade dos idosos, que muitas vezes passavam despercebidos pela constante propaganda de prosperidade. In.: SELLERS, op. cit. p. 385.

mais novos produtos que proporcionavam à classe média um novo padrão de vida, jamais alcançado anteriormente.⁹⁴ John Patrick Diggins também destacou a importância da indústria militar, dos gastos com a defesa do território, as exportações e o crescimento populacional como fatores importantes do crescimento econômico⁹⁵. Nesse sentido

O compromisso político de governos com o pleno emprego e – em menor medida – com a redução da desigualdade econômica, isto é, um compromisso com a seguridade social e previdenciária, pela primeira vez proporcionou um mercado de consumo em massa para bens de luxo que agora podiam passar a ser aceitos como necessidades.⁹⁶

O resultado foi o crescimento de todos os ramos da indústria e do comércio. As inovações tecnológicas resultantes da indústria da guerra e os modernos produtos industrializados como o plástico e a indústria química trouxeram novos bens de consumo ao mercado, como os eletrodomésticos, que prometiam trazer à vida cotidiana o progresso e a modernidade; privilégios permitidos, confirme o imaginário presente em *Seleções*, apenas à sociedade ocidental.

O desenvolvimento da economia também foi sustentado pelo grande crescimento populacional que ocorreu nos Estados Unidos no pós-guerra, que proporcionou primeiramente um novo mercado consumidor e alguns anos mais tarde mão-de-obra para todos os setores da economia. Externamente, os empréstimos e as exportações dos produtos agrícolas e industrializados para os países destruídos pela guerra e para os novos mercados mundiais como o Brasil, além da posterior implantação de multinacionais nesse e em outros países, contribuiriam para o aumento do Produto Nacional Bruto, “que chegou a... US\$ 174 bilhões e continuava a subir.”⁹⁷

Diante de tanta prosperidade os trabalhadores esqueceram os anos de aperto vividos durante as décadas anteriores e com altos salários se tornaram consumidores compulsivos, adquirindo todos os produtos possíveis. No final dos anos 40, devido ao aumento da procura de bens industrializados a oferta tornou-se insuficiente para suprir a busca por produtos alimentícios, de vestuário,

⁹⁴ Entre os anos de 1950 e 1958, a economia cresceu em torno de 4.7%. De acordo DIGGINS, op. cit. p. 178.

⁹⁵ Ibidem, p. 180.

⁹⁶ HOBBSAWM, E. **A Era dos Extremos**. São Paulo : Cia. das Letras, 1995, p. 264.

⁹⁷ SELLERS, op. cit. p. 384.

eletrodomésticos e até casas e automóveis. Como os preços não eram controlados o custo de vida subiu 70% entre 1946 e 1950. As pequenas crises econômicas que aconteceram em 1949, 1952 e 1957 não foram suficientes para preocupar os norte-americanos que em 1970 viveram uma grande crise econômica devido também à Corrida Armamentista da Guerra Fria e da Guerra do Vietnã.

Essas transformações ocorreram de uma forma desigual em alguns setores da economia. Na agricultura a chegada de tratores, colheitadeiras e inseticidas resultou no aumento da produção das culturas básicas, contribuindo para a queda dos preços e para a expulsão dos pequenos agricultores, os quais perderam espaço para a agroindústria, que se estabeleceu definitivamente no mercado norte-americano. Essa mão-de-obra migrou para as grandes cidades à procura de melhores condições de vida e não ficou desempregada, já que as novas indústrias, em constante crescimento, precisavam de mão-de-obra disponível para o trabalho.

As indústrias de produtos tradicionais como o carvão, sofreram diminuições na produção. Por outro lado, a indústria de aço, construção civil, automobilística, aeronáutica, de produtos químicos, sintéticos e de aparelhos eletrônicos cresceram muito. O resultado foi o aparecimento de novos produtos que provocaram grandes transformações sociais. Esses fatores associaram a imagem de modernidade e desenvolvimento tecnológico aos Estados Unidos.

Seleções trazia em suas páginas diversos anúncios comerciais desses produtos, que utilizavam o discurso modernizador da produção industrial para valorizar a venda. Em fevereiro de 1946 um anúncio afirmava que a sua empresa estava contribuindo com a reconstrução dos países destruídos pela guerra através das suas centrais elétricas, que aceleravam o progresso industrial e a reconstrução, trazendo a “esperança no futuro” (Figura 06). A imagem reforçava o triunfo da modernidade ao apresentar, na parte superior, prédios bem iluminados que lembravam as cidades norte-americanas. Em baixo estavam os destroços causados pela guerra na Europa. Cabia aos Estados Unidos, através da Worthington, garantir a esperança.



As Luzes Voltam a Acender-se . . . Brilha de Novo a Esperança no Futuro



No sua retirada, os exércitos inimigos, executaram sem escrúpulos a política brutal da «terra devastada», deixando sua marca indelevel em todas as cidades libertadas; ao mesmo tempo, porém, sopraram a chama latente da reconstrução nos corações de povos invencíveis. Com a ajuda de «armas construtivas» fornecidas por firmas como a Worthington, as engrenagens dos *Serviços de Utilidade Pública*, dos *Transportes* e de *Produção* já recomeçaram a subir a ladeira que conduz à Prosperidade.

A Worthington Acelera a Reconstrução

Um dos exemplos da ajuda que a Worthington pode prestar à causa da reconstrução, são as centrais elétricas portáteis, encaixotadas de modo a se poderem transportar em vagões de mercadorias ou auto-reboques de estrada. Estas centrais, constituídas por acessórios premontados e inter-conetados, desencaixotam-se e põem-se a funcionar dentro de um dia e meio após a sua chegada, com a eficiência das mais modernas fábricas de eletricidade.

Outros meios que a Worthington tem para ajudar a reconstruir centrais elétricas, redes de águas e esgotos, estradas férreas, docas e caminhos, fábricas e fazendas, compreendem: motores Diesel, turbinas a vapor, compressores, ferramentas de ar comprimido, betoneiras e pavimentadores de concreto, bombas, máquinas de condicionamento de ar e refrigeração.

A Worthington Acelera o Progresso Industrial

Nas nações que a mão do destino tratou com mais brandura, esses mesmos produtos Worthington estão

ajudando os líderes industriais e agrícolas a elevar os níveis de existência nacionais e internacionais.

Quanto a V.S., quer a guerra haja quer não haja poupado o seu país, o Sr. tem projetos de *Reconstrução* ou de *Melhoramento Industrial* que o Programa de 3 Artigos da Worthington pode simplificar. Não há outra firma que possa fornecer tantos dos artigos essenciais para restaurar ou melhorar *Serviços de Utilidade Pública*, *Transportes* e *Produção*. Escreva-nos pedindo todos os pormenores.

WORTHINGTON PUMP AND MACHINERY CORP.
Harrison, New Jersey (U.S.A.)
Escritórios e agentes em todo o mundo



F5-8B

WORTHINGTON



Símbolo de Valor
no Mundo Inteiro

Figura 06

Anúncios como este reforçavam a importância política dos Estados Unidos no pós-guerra. Outros anúncios presentes na revista legitimavam a sociedade de consumo reforçada na sociedade norte-americana e em diversos outros países capitalistas. No Brasil o discurso modernizador dos anos 50 também relacionava-se à industrialização, que traria o desenvolvimento econômico para o país. O estabelecimento da industrialização foi desenvolvido durante o governo Juscelino Kubistschek (1956-1961) através da participação de recursos nacionais e

estrangeiros coordenados pelo Estado⁹⁸. Ao contrário de Getúlio Vargas que buscava a autonomia nacional, resistindo à entrada de capital privado estrangeiro, Kubitschek favoreceu o investimento desse capital em um novo setor industrial, os bens de consumo duráveis como automóveis, eletrodomésticos e similares.

Uma das transformações resultantes desse processo foi o crescimento da sociedade urbana e a formação de um novo grupo de trabalhadores empregados nas empresas nacionais e multinacionais. Parte deles, com o aumento do seu poder aquisitivo, conseguiu ter acesso aos novos bens de consumo produzidos em território nacional e anunciados na publicidade. De todos eles, o consumo de eletrodomésticos, que prometiam facilitar o trabalho doméstico, popularizou-se. O automóvel passou a ser o símbolo do consumo e do progresso, facilitando a locomoção e os momentos de lazer dos seus proprietários. Nas residências o entretenimento estava garantido com o rádio, meio de comunicação de maior abrangência, e a televisão, ainda que disponível apenas para as classes altas da sociedade.⁹⁹

O crescimento das cidades estimulou o aumento de um público freqüentador de cinemas e interessado em várias publicações como as revistas de fotonovelas e as histórias em quadrinhos. Conseqüentemente cresceu o número de jornais e revistas de grande circulação como *O Cruzeiro*, *Manchete*¹⁰⁰ e *Seleções*. De acordo com Gerson Moura e Maria Lígia Coelho Prado¹⁰¹, a partir deste período a população brasileira passou a associar a modernidade, o desenvolvimento e o saber técnico-científico aos Estados Unidos, ideal de nação desenvolvida.

As empresas multinacionais eram vistas como as responsáveis pela modernização do país porque traziam emprego e a tecnologia estrangeira. Ao mesmo tempo a valorização desta tecnologia e da vida urbana, interpretadas como as responsáveis pelo desenvolvimento e a modernização do país em oposição à economia agroexportadora, ajudaram a formar uma mentalidade e um

⁹⁸ Ibidem, p. 251-2.

⁹⁹ Ibidem, capítulos 2 e 3.

¹⁰⁰ Estas duas publicações foram estudadas nos trabalhos de Anna Figueredo e Lúcia Grinberg. In.: FIGUEREDO, Ibidem,; e GRINBERG, I., ESSUS, A. O Século Faz 50 Anos: Fotografia e Cultura Política em 1950. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo v. 14, n. 27, p. 129-149, 1994.

comportamento que incentivava o consumo dos mais diversos produtos industrializados, associados à modernidade e ao bem-estar. A partir deste momento “a ênfase no indivíduo, o estímulo à competição, a renovação permanente de hábitos e bens de consumo, (...) a valorização do lazer definido como “tempo economizado”, a noção de que a liberdade se conquista no ato do consumo, entre outras idéias...” passaram a estar presentes no cotidiano dos brasileiros. Neste processo, a liberdade de comprar e possuir bens tornou-se mais importante que uma participação política e social ativa. Estas reflexões fazem parte da dissertação de mestrado de Anna Cristina Figueredo, que analisou o estabelecimento da sociedade de consumo no Brasil nos 50 e 60 através da publicidade comercial publicada em revistas de grande circulação.¹⁰²

Circulando em grande parte dos países Ocidentais, *Seleções* forneceu um retrato do período pelas reportagens e pela grande quantidade de anúncios comerciais existentes. Durante a década de 40 cada anúncio ocupava uma página da revista. A parte reservada à publicidade estava separada das reportagens, localizando-se no início e no final da publicação. Grande parte dos anúncios comerciais eram de produtos norte-americanos, disponíveis ao mercado brasileiro através da exportação. No entanto, nos primeiros anos da década de 50 começaram a circular anúncios publicitários menores, localizados em todo o corpo da revista, inclusive entre as reportagens. A partir de 1951, com a abertura do escritório da revista no Rio de Janeiro, aumentaram os anúncios comerciais de produtos brasileiros, o que se fortaleceu com a implantação das multinacionais.

A maioria dos anúncios publicitários demonstrava a mesma estrutura visual. Apresentavam uma imagem localizada um pouco acima do centro da página, sobre ela havia uma frase utilizada para despertar a atenção do consumidor por apresentar letras diferentes do restante do corpo da revista. Na parte de baixo, em letras menores, havia um pequeno texto explicando as qualidades do produto e no canto direito encontrava-se o nome do produto e a sua marca.

O principal recurso utilizado para demonstrar as qualidades dos produtos era a utilização de imagens que deveriam despertar a atenção dos seus futuros

¹⁰¹ MOURA, G. **Tio Sam Chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986, e PRADO, M. Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX. In.: MOTA, C. **Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira (1500-2000): a grande transição**. São Paulo, Senac SP, 2000.

compradores. A maioria dos anúncios publicitários analisados colocava representações dos seus consumidores como homens, mulheres e crianças.

Como cada produto anunciado se destinava a um público específico, variando conforme o sexo, a idade, a classe social, o estado civil e outros; foi importante estabelecer o perfil mercadológico de *Seleções* para encontrar o seu consumidor ideal. Para isto os produtos foram classificados nas seguintes categorias:

Tabela 1: Média de anúncios publicados, segundo os produtos, de 1946 a 1960.

Classificação dos produtos	Quantidade de anúncios por edição mensal
Higiene e beleza (xampu, desodorantes, absorventes, loções, perfumes, maquiagem, cremes de barbear, etc.)	11
Meios de transporte, combustíveis, óleos lubrificantes e equipamentos (caminhão, automóveis)	10
Vestuário e acessórios (roupas, tecidos, sapatos, jóias, relógios, etc.)	8
Produtos para casa (móveis, eletrodomésticos, panelas, colchões, refrigeradores, rádios, etc.)	8
Alimentos e bebidas não alcoólicas (produtos industrializados e alimentos infantis)	7
Produtos químicos (plásticos, detergentes, inseticidas)	6
Lazer (agências de viagens, empresas aéreas, filmes, discos, livros, máquinas fotográficas, etc.)	6
Saúde (medicamentos e curativos)	5
Máquinas, motores e equipamentos	5
Máquinas de escrever, calcular e ditar	4
Bancos, seguradoras e empresas de importação	3
Bebidas alcoólicas e cigarros	2

De acordo com os produtos depreendeu-se que a maioria dos anúncios dirigia-se à família de classe média e alta. Nela estavam os consumidores dos produtos mais anunciados, as mulheres utilizando produtos de higiene, beleza, vestuário e produtos para a casa, e os homens interessados em automóveis e produtos para a higiene pessoal. Era para a faixa social consumidora desses bens

¹⁰² FIGUEREDO, op. cit.

que os produtos eram indicados e nela estavam as principais personagens dos anúncios comerciais de *Seleções*. Essas imagens eram utilizadas para estabelecer uma identificação entre o consumidor e os produtos desejados, incentivando o consumo.

Por outro lado, a pouca quantidade de anúncios de seguradoras, bancos e empresas de importação reforçavam o direcionamento da revista para a classe média. Nesse grupo, poucos seriam os interessados em adquirir seguros ou investir em bancos. A quantidade de anúncios de bebidas alcoólicas e cigarros, os produtos menos anunciados, justificava-se na própria postura editorial da revista *Seleções*. Uma revista conservadora, fundada por protestantes, e que valorizava a família e a vida religiosa não incentivaria o consumo de produtos que causam vícios e são prejudiciais à saúde.

Para vender os seus produtos, os anúncios comerciais precisavam estabelecer uma identificação com o consumidor. Por isso os anúncios utilizavam valores sociais que refletissem os desejos dos consumidores como a busca da felicidade, a ascensão social e a bela aparência, prometendo a satisfação desses desejos no consumo da mercadoria. Ao utilizar os desejos e as atitudes dos consumidores, a publicidade trazia o imaginário dos anos 40 e 50.

Nesse imaginário, presente na televisão, nos filmes e nas revistas de grande circulação, a família de classe média idealizada não tinha problemas com o lugar para morar. Em algumas séries televisivas norte-americanas como “I love Lucy”¹⁰³, as personagens habitavam em casas suburbanas, repletas de eletrodomésticos. Tal como as personagens, a maior prioridade da família norte-americana era a habitação. Para atender a demanda da população, o governo e a iniciativa privada iniciaram projetos de construção de casas nas regiões urbanas e suburbanas. Neste projeto, chegaram a construir mais de um milhão de moradias por ano e permitiram ao cidadão médio norte-americano a posse da residência. O número de proprietários cresceu em 50% entre 1945 e 1960.¹⁰⁴

As casas, normalmente pequenas, padronizadas e muitas vezes construídas com material ordinário, eram escolhidas por jovens casais de classe

¹⁰³ Uma das mais populares séries da televisão norte-americana, com duração de trinta minutos, sobre as situações divertidas do cotidiano de uma típica mulher norte-americana. Foi ao ar durante quase toda a década de 50 e até hoje é considerada um dos maiores sucessos televisivos daquele país.

¹⁰⁴ TINDALL, G., SHI, D. **America: a narrative history**. New York, W W Norton & Company, 1989, p. 817.

média que buscavam viver em lugares tranquilos. Longe dos centros urbanos, nessas regiões se desenvolveram vilarejos com igrejas, supermercados, lugares para o lazer e *shopping centers*. Para as pessoas pobres restavam apenas as regiões centrais das cidades, inclusive porque vários subúrbios selecionavam os seus moradores, excluindo “os membros que não pertencessem a raça Caucasiana.”¹⁰⁵

Mesmo com a crítica de arquitetos e outros intelectuais como Lewis Mumford, autor de *The city in history*, que censurava a padronização das construções das casas, das ruas, e do gosto dos seus habitantes¹⁰⁶, essas transformações foram muito valorizadas pelo governo, pela iniciativa privada e pela população.

Esse foi um dos assuntos tratados na reportagem “A revolução social americana”, publicada em novembro de 1954¹⁰⁷, que explicava aos leitores os motivos da elevação da renda da maioria dos norte-americanos. Este processo foi iniciado durante a Segunda Guerra Mundial e pelas transformações sociais que causou, foi chamado de “Revolução Social Americana”¹⁰⁸. O aumento salarial dos trabalhadores e as baixas taxas de juros foram um dos fatores que estavam proporcionando a “marcha para a igualdade de renda”¹⁰⁹. Nela

Os Estados Unidos estão hoje mais perto que qualquer outro país da igualdade “absoluta” de renda. A maioria dos norte-americanos são donos da casa em que residem. Sem falar nos agricultores, mais da metade – 54% – do povo dos Estados Unidos mora em casa própria. Mais ainda – e isso é muito importante – 56% dos que residem em casa própria têm-na livre de hipoteca.¹¹⁰

A *marcha para a igualdade* anunciava as vantagens de viver no capitalismo, pois a *quase completa* distribuição de renda permitia que 56% dos americanos tivessem a casa própria. A revista também mostrava que estes benefícios não estavam disponíveis para as pessoas que viviam fora do sistema capitalista. Várias reportagens de *Seleções* narravam as dificuldades vividas pelos russos sob o regime comunista. Devido aos constantes racionamentos faltavam os mais variados produtos, desde alimentos até roupas e calçados.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 821.

¹⁰⁶ DIGGINS, op. cit. p. 183.

¹⁰⁷ PRETER, Sylvia F. A revolução social americana. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1954, p. 73.

¹⁰⁸ Ibidem.

¹⁰⁹ Ibidem.

Como toda a produção era organizada pelo Estado, não havia interesse em melhorar a qualidade de vida e oferecer um mínimo de conforto às pessoas.

Muitas reportagens descreviam essa situação. Entre elas, “Assim é hoje Moscou”¹¹¹, escrita por um general norte-americano que trabalhou na embaixada dos Estados Unidos na União Soviética, trouxe várias informações sobre o cotidiano do povo russo. Para ele Moscou era uma cidade de fachadas falsas e parecia “uma vasta favela. As poucas avenidas largas que atravessam a cidade são decepcionantes. As ruas transversais não passam na maior parte dos casos de becos mal calçados. (...) Nos arredores da cidade, as avenidas se transformam em estreitas e sulcadas estradas de terceira classe.”¹¹²

Segundo o General o problema da habitação na Rússia era gravíssimo. As casas eram péssimas. “A grande maioria dos habitantes de Moscou prefere sair a ficar nos seus alojamentos superlotados, onde, de ordinário, duas ou mais famílias moram num pequeno aposento. Além disso, pode-se conversar na rua com mais liberdade do que nas casas onde tudo se ouve através dos finos tabiques.”¹¹³ Os novos edifícios de apartamentos também apresentavam sérios problemas de construção e “o preço dos aluguéis está acima das possibilidades do operário comum”¹¹⁴.

As maiores inovações tecnológicas valorizadas pela propaganda comunista não foram desenvolvidas por eles, mas por estrangeiros que ajudaram no desenvolvimento industrial. O autor ainda informava que a ausência da sociedade de consumo dificultava, para qualquer indivíduo, viver de um modo digno.

A falta da habitação e as dificuldades decorrentes deste fato no mundo comunista era um tema constante em *Seleções*. Diversas reportagens apontavam a ausência de jardins, as construções precárias e as dificuldades de dividir o mesmo apartamento com outras três ou quatro famílias. Rica em vários detalhes, a reportagem “Não há descanso para os russos”¹¹⁵ apontou os problemas da habitação. O tema central informava sobre o descontentamento do povo russo e ucraniano pelas péssimas condições de vida: os membros do exército não

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ O'DANIEL, John W. Assim é hoje Moscou. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1951, p. 96.

¹¹² Ibidem, p. 97.

¹¹³ Ibidem, p. 97 e 98.

¹¹⁴ Ibidem, p. 98.

¹¹⁵ FISCHER, John. Não há descanso para os russos. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1947, p. 53.

possuíam uniformes nem casas decentes, não havia segurança nas cidades já que o número de roubos e crimes era constante, além da fome – poucos alimentos invariáveis e sem gosto – e das péssimas condições de trabalho.

A Rússia não apresentava capacidade industrial para a produção de artigos de consumo, já que estava destinando toda a sua produção para a indústria bélica e pesada. Quanto ao sistema de moradia, o autor descreveu como habitavam os ucranianos:

Para que o leitor possa calcular como vive uma família ucraniana típica, basta que escolha o quarto menor de sua casa e se mude para lá com esposa e filhos, camas, roupas e os móveis absolutamente indispensáveis. A água quente do quarto de banho tem de ser dividida entre muitas outras famílias vizinhas. Depois, convide uma prima viúva com quatro filhos, para morar ali. Conheci casos em que quatro famílias ucranianas moravam num só quarto.¹¹⁶

Para uma sociedade que valorizava a individualidade e o conforto, viver com quatro ou mais pessoas em um quarto é assustador. A falta de espaço e de privacidade a ponto das pessoas preferirem ficar fora de casa porque há mais liberdade contraria todos os padrões de vida da sociedade Ocidental. Imaginar a vida neste sistema causaria pânico em muitas pessoas que viviam no capitalismo.

A construção de casas e estradas nos Estados Unidos também era o tema de um anúncio publicitário da Esso publicado em janeiro de 1948 (Figura 07). Com a imagem de um garoto que “...contempla uma vida melhor”, a Esso anunciava a construção de “belas casas, novas e modernas fábricas, estradas amplas e parques sombreados” para todos descansarem e se divertirem no futuro. O responsável por tudo isso era o petróleo. “Nos últimos 50 anos de livre concorrência, o petróleo contribuiu para melhorar as nossas vidas”, e agora era utilizado na medicina, na indústria de alimentos, em cosméticos e em vários produtos para realizar o sonho do menino e construir uma vida melhor. A postura do menino, sentado olhando para o horizonte, como se estivesse pensando no futuro, reforçava a esperança por uma vida melhor.

Como as casas suburbanas estavam afastadas dos centros urbanos e os meios de transporte públicos não cobriam estas regiões de uma forma adequada, a melhor opção para percorrer a distância entre a casa e o local de trabalho era

¹¹⁶ Ibidem,, p. 55.



Ele contempla uma Vida Melhor

Um dia surgirão belas casas, novas e modernas fábricas, estradas amplas e parques sombreados, nos quais poderemos nos divertir e descansar. Nos últimos 50 anos de livre concorrência, o petróleo contribuiu para a realização de tarefas consideradas "impossíveis", melhorou as nossas vidas, forneceu energia e lubrificantes para a indústria; está sendo agora usado na construção de estradas e na produção de alimentos, na medicina e nos cosméticos, na fabricação de tintas e de centenas de outros produtos.

Devemos esperar outras coisas no futuro. Cada experiência, nos Laboratórios Esso, revela novas possibilidades. Essas casas e essas fábricas serão construídas. O petróleo realizará o sonho do jovem da colina. O petróleo contribui para uma vida melhor.

UM EMBLEMA DE QUALIDADE **Esso** UM SÍMBOLO DE SERVIÇO

STANDARD OIL COMPANY
of Brazil

Figura 07

um automóvel. O seu consumo foi tão grande que a maioria das famílias brancas de classe média chegavam a possuir dois ou mais automóveis. A construção de rodovias e o preço da gasolina, que não era cara, facilitaram a disseminação dos carros nos Estados Unidos.

O maior símbolo de status e mobilidade social do período, o automóvel, reforçou a individualidade e transformou os hábitos dos norte-americanos. A grande quantidade de carros gerou a abertura de estradas, a construção de hotéis, postos de gasolina e restaurantes e cinemas *drive-in*. Tudo isto para

facilitar a vida dos motoristas que não precisavam mais sair do carro para encontrar lazer. A febre deste consumo quadruplicou a produção de automóveis entre os anos de 1946 e 1955, alcançando a quantidade de oito milhões de veículos produzidos anualmente. Como consequência, um dos anúncios mais freqüentes nas revistas *Seleções* era de automóveis e neles as imagens mais comuns mostravam a família desfrutando dos benefícios deste objeto de consumo.

Graças aos altos salários, ao crédito fácil e à publicidade massiva, o consumo dos mais diversos bens cresceu desenfreadamente. Bombardeados por campanhas publicitárias cada vez mais sofisticadas na imprensa e nos meios eletrônicos, os norte-americanos transformaram desejos em necessidades e se regalaram com o consumo de um monte de objetos variados. O crescimento da publicidade foi demonstrado no seu faturamento, que subiu de três bilhões de dólares em 1945 para doze bilhões de dólares em 1960.¹¹⁷

Com a grande quantidade de trabalhadores que recebiam bons salários, criou-se uma cultura do consumo. Qualquer produto que anunciasse a novidade e promettesse satisfazer os desejos mais supérfluos dos norte-americanos eram comprados. As maiores mudanças na vida cotidiana foram vivenciadas pela classe média, que passou a ter acesso aos bens de consumo que significavam luxo e status social.

Ao contrário dos Estados Unidos, a União Soviética constantemente era retratada pela revista *Seleções* como um país miserável. Sem grandes opções de consumo, quando as pessoas que viviam sob o domínio comunista entravam em contato com o mundo Ocidental ficavam maravilhadas com tantos produtos eletrônicos, com as roupas coloridas, os sapatos confortáveis e, principalmente com a fartura e a variedade de alimentos.

Para o cidadão Ocidental era fácil identificar os moradores dos países comunistas como mostra a reportagem “A fronteira vermelha da Europa”¹¹⁸, sobre os alemães que viviam próximos da fronteira dos países ocupados.

Quando se encontra num restaurante ou numa loja da fronteira, as pessoas olham logo para os sapatos do recém-chegado, a fim de saber de onde vem. Sapatos gastos ou remendados indicam os visitantes de leste, que são vistos nas barracas à beira da

¹¹⁷ SELLERS, op. cit., p. 387.

¹¹⁸ MUHLEN, Norbert. A fronteira vermelha da Europa. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1951, p. 95.

estrada, devorando iguarias que não podem obter onde moram – uma banana, um arenque, uma barra de chocolate. Essa gente passa uma porção de tempo olhando para dentro de modestas vendas ou confeitarias; mesmo quando não podem comprar ficam entusiasmados só com ver alimentos que desapareceram das vendas da Alemanha Oriental. E, quando voltam, tornam-se os melhores propagandistas que o Ocidente poderia ter, desmentindo a onda incessante de calúnias e invencionices soviéticas. (...) Apesar do perigo, centenas de visitantes ilegais, antes de voltarem para o terror e a fome, enchem as sacolas de revistas ocidentais, misturadas com barras de chocolate e laranjas.¹¹⁹

A narrativa “Assim é hoje Moscou” também abordou estes problemas:

Na realidade, o consumidor russo sofre de maneira incalculável. As roupas são caríssimas e viram farrapos ao fim de algumas lavagens. Os sapatos custam pelo menos o salário de duas semanas (...) e quase sempre ficam imprestáveis depois de poucas semanas de uso. Os móveis são tão ruins que o jornal *A noite de Moscou* chegou a publicar um artigo intitulado: ‘Por que não há bons móveis?’¹²⁰

Narrativas como essas foram mais uma arma para o anticomunismo, pois associaram o comunismo com problemas terríveis para qualquer sociedade como a falta de comida e de roupas de qualidade e os preços altos, dificultando a aquisição dos produtos que, ainda por cima, eram ruins. Nos países Ocidentais, problemas como estradas e apartamentos construídos irregularmente, famílias dividindo o mesmo apartamento sem privacidade, salários baixos e a ausência de bons produtos à venda eram capazes de assustar o cidadão que vivia com conforto e qualidade de vida.

Nos Estados Unidos, os investimentos em publicidade diluíram-se em anúncios dos mais variados produtos. Uma das novidades mercadológicas foi a chegada de novos bens de consumo como os utilizados pelos bebês. O resultado do *babyboom*, o grande crescimento demográfico já apontado anteriormente, criou um mercado promissor de fraldas, alimentos infantis, brinquedos, médicos, escolas e casas¹²¹, mostrados pelos os anúncios comerciais de *Seleções*.

Freqüentemente nos anúncios de produtos alimentícios, de higiene e de medicamentos, a imagem mais utilizada representava a mãe que se preocupava com a saúde e a segurança dos filhos. A utilização desta personagem era importante para garantir a venda do produto, já que a dona-de-casa era responsável por toda a família. Isto foi utilizado no anúncio do Leite de Magnésia ‘Phillips’ (Figura 08).

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ O’DANIEL, John. Assim é hoje... op. cit. p. 98.



Um auxílio é sempre bom

Como sabe que a mãozinha insegura do seu garoto requer o auxílio de um apoio para trabalhar com firmeza, saiba que também o seu delicado aparelho digestivo requer o auxílio do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS para funcionar com perfeição. Ajude o seu filhinho a ter saúde, normalizando-lhe o estômago e os intestinos com a inefável ação antiácida e laxativa do LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS



Tão suave para as crianças! Tão eficaz para os adultos.

Figura 08

Destacando a imagem de uma mãe ajudando o seu filho a escrever, o Leite de Magnésia de Phillips lembrava que “Um auxílio sempre é bom” para a criança. O texto reforçava a importância do auxílio prestado pelas mães. “Como sabe que a mão insegura do seu garoto requer o auxílio de um apoio para trabalhar com firmeza, sabia que também o seu delicado aparelho digestivo requer o auxílio do Leite de Magnésia de Phillips para funcionar com perfeição. Ajude o seu filhinho a ter saúde ...”

¹²¹ TINDALL, op. cit. p. 817.

Os produtos ‘Toddy’ também utilizavam as imagens das mães cuidando dos filhos (Figura 09). A justificativa para o consumo se relacionava à aparência

“Êstes são os meus filhos!...”

E quando observam a robustez, ela explica com satisfação: “todo o segredo se resume numa lata de TODDY, que mantenho sempre à mão... Com Toddy eu conquistei para êles mais pêso em pouco tempo!”

TODDY

Realmente, Toddy é uma fonte de saúde. Contém vitaminas, sais minerais, proteínas, carboidratos, ferro, cálcio — tudo que representa resistência e defesa para o organismo humano.

PEÇA, GRÁTIS, O “LIVRO DE RECEITAS TODDY” — RUA DOS INVÁLIDOS, 143 — RIO DE JANEIRO

Figura 09

saudável das Crianças: “Estes são os meus filhos...”. O orgulho maternal também era o resultado do consumo de Toddy, pois “quando observam a robustez, ela explica com satisfação: “todo o segredo se resume numa lata de TODDY, que mantenho sempre à mão... Com TODDY eu conquistei para eles mais peso em

pouco tempo.”

Ao mesmo tempo em que a revista publicava imagens de famílias perfeitas, mães cuidadosas e de tantos benefícios materiais, *Seleções* mostrava os sacrifícios que os habitantes da União Soviética faziam para viver no Ocidente, fugindo e arriscando suas vidas nesta empreitada. Este foi o tema de uma narrativa chamada “Não quis que meus filhos se criassem na Rússia.”¹²² Numa súplica desesperada ao governo norte-americano para morar no seu país, Alexeiev apontou os motivos que levaram a arriscar a sua vida e de seus familiares para não precisarem mais viver na Rússia. A imagem âncora do texto reforçava o desespero da mãe pois mostrava uma criança triste, sobre uma cidade que poderia lembrar a Rússia pela arquitetura (Figura 10).

A autora da reportagem e o seu marido pertenciam a um grupo privilegiado porque trabalhavam como técnicos especializados. “Mesmo ganhando de cinco a dez vezes mais que os operários, “éramos extremamente pobres. Em comparação, a vida de uma família operária nos Estados Unidos parecia opulenta. E eu não desejava condenar meus filhos ao destino que as condições soviéticas reservam a juventude.”¹²³

Uma das lembranças que mais influenciou a atitude dessa mãe foi a presença de várias crianças abandonadas, mendigando por alimentos. “Centenas de milhares de ‘crianças selvagens’, cobertas por uma crosta de sujo, e em farrapos, doentes e depravadas na sua maioria, vagueavam pelo país, roubando e mendigando. Morriam aos punhados.”¹²⁴ Na União Soviética as crianças eram doutrinadas para espionar e desrespeitar os mais velhos – exemplos de filhos que denunciavam a religião ou as opiniões dos pais não faltaram.

Por este abandono, as crianças constantemente praticavam crimes e estavam sujeitas à condenações como a pena de morte ou o trabalho forçado. “Não apenas a fome, senão também o terror da polícia, são coisas familiares às crianças russas quanto doces e presentes de Natal para as crianças de países mais afortunados.”¹²⁵ A violência contra as crianças era tão grande que o governo

¹²² ALEXEIEV, Nina. Não quis que meus filhos se criassem na Rússia. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1947, p. 43.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Ibidem.

¹²⁵ Ibidem, p. 46.

Uma mãe soviética conta por que arriscou a vida afim de trazer os seus filhos para os Estados Unidos.

Não quis que meus filhos se criassem na Rússia

(Condensado de «Liberty»)

Por Nina I. Alexeiev

A NOTÍCIA de que meu marido, Kiril Alexeiev, adido comercial da Embaixada Soviética no México, recusara-se a voltar com a família para a Rússia e estava procurando refúgio nos Estados Unidos, foi objeto em 1946 de grandes cabeçalhos nos jornais. O mesmo aconteceu com os esforços da Embaixada Soviética em Washington no sentido de conseguir a nossa extradição para que fôssemos depois executados. Os americanos, é claro, estavam curiosos por saber os motivos e razões do nosso gesto. Em verdade, meu motivo principal era que eu não queria que meus filhos se criassem e educassem na União Soviética.

Na Rússia, Kiril e eu pertencíamos a um grupo relativamente privilegiado de técnicos especializados e ganhávamos, os dois, de cinco a dez vezes mais do que os operários que trabalhavam sob nossa direção. Não obstante, vivíamos sobrecarregados de serviço e éramos extremamente pobres. Em comparação, a vida de uma



família operária nos Estados Unidos pareceria opulenta. E eu não desejava condenar meus filhos ao destino que as condições soviéticas reservam à juventude.

Minha meninice—eu tinha quatro anos quando os bolchevistas tomaram conta do poder — coincidiu com os anos terríveis de guerra civil, marcados pela fome e o terror policial crescente. Como morava na Ucrânia, entre camponeses, pude ver como a coletivização forçada arruinou a vida de família. Vi crianças sem lar, mendigando em aldeias cuja gente era outrora alegre e bem alimentada. Centenas de milhares de «crianças selvagens», cobertas por uma crosta de sujo, e em farrapos, doentes e depravadas na sua maioria, vagueavam pelo país, roubando e mendigando. Morriam aos punhados, enquanto as casas de assistência infantil mal podiam acomodar insignificante parcela desses milhares e milhares de necessitados.

Minha mãe tomava conta de uma des-

Figura 10

implantou um programa onde as crianças com mais de 13 anos eram obrigadas a trabalhar. “Desde então, milhões deles foram arrebatados às famílias afim de serem utilizados no trabalho das minas e das fábricas.”¹²⁶

Por viverem em uma sociedade violenta, onde a ameaça fazia parte do cotidiano, as brincadeiras infantis mais comuns eram “Prisão” e “Extermínio”. Entretanto, o pior problema era a vigilância mental, que distorcia e mutilava os

¹²⁶ Ibidem.

sentimentos de compaixão e justiça. “Na Rússia colete de aço revestir-lhes-ia a mente, seus melhores instintos seriam destorcidos, seus sentimentos mutilados... não há lugar para a brandura, simpatia, ou independência mental. O único meio de subsistir é conformar-se.”¹²⁷

O problema da habitação também foi lembrado pois a ausência de privacidade dificultava a educação dos filhos, “com um só quarto servindo de morada a toda uma família, não há como ocultar a realidade biológica, em defesa da inocência.”¹²⁸ Por passarem por tantos sacrifícios como a falta de alimentos e de medicamentos, a impossibilidade de manter uma habitação limpa e com privacidade, o casal decidiu viver nos Estados Unidos.

Ao contrário do ideal de maternidade utilizado pelos anúncios analisados anteriormente, o relato desta mãe soviética descrevia a forma utilizada pelo comunismo para tratar as suas crianças. A alegria, a alimentação farta, a preocupação com a saúde e a responsabilidade pela educação dos filhos eram substituídos pelo descaso e a crueldade que o regime comunista dispensava às crianças. Parte delas tinha se transformado em mendigas, outras foram arrancadas dos familiares para trabalhar em campos de trabalhos forçados, minas ou indústrias, outras delatavam a prática religiosa dos seus pais para sobreviver. Estas imagens causariam pânico e pavor em qualquer família, principalmente as mães, que se identificariam com a autora simplesmente porque eram mães como ela.

No Ocidente acontecia o contrário. As mães tinham como educar os seus filhos, o Estado não interferia na educação das crianças e a sociedade de consumo trazia novidades para auxiliá-la. Fraudas, cremes, comidas enlatadas e eletrodomésticos permitiam uma dedicação maior aos filhos, já que as outras tarefas tornaram-se mais fáceis com o uso dos novos eletrodomésticos.

Entre os anos 45 e 60, a compra de refrigeradores e lavadoras de roupas cresceu mais de 20%, fazendo com que estes produtos estivessem presentes nas casas de mais de 85% da classe média norte-americana. Outros utensílios, como o aspirador de pó, a lavadora de louça e a enceradeira, deixavam as casas repletas de novidades. O gigantesco consumo de eletrodomésticos no Brasil também foi percebido nos constantes anúncios destes produtos em *Seleções* e

¹²⁷ Ibidem, p. 47.

¹²⁸ Ibidem, p. 44.

em outras publicações nacionais como nas revistas *O Cruzeiro*, *Manchete* e até nos Almanques farmacêuticos de circulação regional, como o *Almanaque Renascim Sadol*.

A grande maioria dos anúncios dos produtos utilizados em casa como os eletrodomésticos e os móveis, se direcionavam às donas de casa. Como, naquela época, o modelo da mulher norte-americana de classe média não trabalhava fora de casa, a sua função social era cuidar da casa, da família e dos filhos. Uma reportagem publicada na revista *Life* de 1956 descrevia a mulher de classe média norte-americana ideal.

Com 33 anos, era uma bonita e popular dona-de-casa suburbana, mãe de quatro filhos, casada desde os dezesseis anos. Descrita como uma excelente esposa, mãe, anfitriã, voluntária e administradora do lar, ela fazia suas roupas, preparava dúzias de jantares por ano, cantava no coral da igreja (...) e era devotada ao seu marido. “Na sua rotina”, *Life* dizia, “ela ia em clubes e em encontros de caridade, levava os seus filhos à escola, fazia as compras semanais na mercearia, fazia cerâmica e planejava estudar francês”.¹²⁹

Como era uma *excelente dona de casa e administradora do lar*, a mulher era o tema central dos anúncios dos eletrodomésticos. Como elas conheciam os trabalhos domésticos, garantiam a qualidade dos produtos anunciados como o motor para máquina de costura Arno, que oferecia “Mais tempo livre para dedicar a seus filhos! Para cuidar do seu lar!” promessa esta reforçada pela imagem colocada ao fundo, onde aparecia a mãe brincando com as crianças (Figura 11). O ideal de mãe e esposa era utilizado para reforçar os benefícios do produto, pois uma das formas da mãe cuidar da casa e da família era costurar para elas.

Os anúncios de *Seleções* também refletiam as representações ideais da mulher brasileira. Nos anos 50 a sociedade valorizava a domesticidade e a maternidade. As revistas femininas e os almanques farmacêuticos da época apresentavam um modelo familiar similar ao norte-americano: a família ideal era branca, de classe média, consumidora dos produtos anunciados e com suas funções bem definidas: “os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade,

¹²⁹ Citado por TINDALL, op. cit. p. 822.

como instinto materno, pureza, resignação e doçura.”¹³⁰

mais tempo livre

para dedicar a seus filhos!
para cuidar de seu lar!

Suas costuras são feitas
num instante, graças ao

ARNO

MOTOR ELÉTRICO
-complemento indispensável em sua máquina de costura

Figura 11

Tal como o modelo feminino apresentado pela revista *Life*, as publicações nacionais indicavam qual seria o melhor comportamento para a mulher. Quando

¹³⁰ BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In.: PRIORE, Mary Del. (org.)

analisou as regras de conduta direcionadas às mulheres publicadas no *Almanaque Iza*, Margareth Brandini Park as resumiu assim,

Como rainha do lar é indispensável que faça deste um lugar atraente. O cardápio deve ser repleto de novidades, fugindo da rotina. Nos momentos de folga deverá informar-se sobre os negócios do seu marido para poder trocar idéias com ele. As adversidades devem ser superadas com coragem e resignação. A sogra e os parentes devem ser bem tratados. Privilegiar a harmonia, acomodando-se às pequenas diferenças. Atualizar-se com leitura, notícias para acompanhar seu marido e, além de tudo isso, ao fazer um vestido, preocupar-se com o gosto do seu marido em relação à cor e ao estilo!¹³¹

As invenções tecnológicas e modernas como enceradeiras, alimentos enlatados e produtos de limpeza também utilizavam as representações sobre a mulher, pois era ela quem comprava os produtos que prometiam facilitar a rotina dos trabalhos domésticos, garantiam economia de tempo e dinheiro, possuíam qualidade, traziam facilidades, etc.

Esta imagem ideal de maternidade e domesticidade transmitida nos meios de comunicação aplicava-se às elites, às classes altas e parte da classe média. Discordando da representação ideal, muitas mulheres norte-americanas, principalmente as casadas, tinham um trabalho regular. Com a Segunda Guerra Mundial mais de 6,5 milhões de mulheres foram trabalhar em funções consideradas até então masculinas em nome do esforço de guerra e contrariando as expectativas de retornar ao lar, 75% delas continuaram trabalhando. Em 1960, 40% das mulheres acima de dezesseis anos trabalhava, apontando um crescimento de 50% em relação a 1940.

No Brasil a participação feminina no mercado de trabalho também aumentou. Além dos fatores econômicos como ajudar o marido com os gastos familiares, as mulheres buscavam independência e trabalhavam como secretárias, caixas de banco, garçonetes, professoras, vendedoras, enfermeiras e em outros ofícios que não ofereciam resistência em empregar mulheres.

Na publicidade de *Seleções* foram encontradas várias representações de mulheres trabalhando. Durante os anos 40, elas apareciam indiretamente, em anúncios direcionados às empresas e ao público em geral. Nos anúncios de companhias aéreas estavam as aeromoças; as enfermeiras apareciam nos anúncios de medicamentos e, com uma frequência muito maior, as secretárias e

as auxiliares de escritório estavam nos anúncios de máquinas de escrever, calcular e ditar, como mostrava o anúncio das máquinas Burroughs (Figura 12). Nele, as secretárias apareciam para valorizar as diversas máquinas utilizadas em escritórios. Por isto elas estavam representadas em segundo plano e em traços simplificados, pois não deveriam despertar a atenção.

Falando uma Língua Universal . . .

Máquinas de Somar

Máquinas de Calcular

Burroughs

Máquinas de Contabilidade

Caixas Registradoras

As Máquinas Burroughs Aceleram os Cálculos dos Negócios do Mundo Inteiro

Fatos e cifras—tudo desde a simples adição até complexos estudos estatísticos—são a língua do comércio e da indústria em todas as partes do mundo. As máquinas Burroughs falam essa língua mundial, com precisão e autoridade, onde quer que se realizem negócios.

Por meio século, comerciantes em todo o mundo têm confiado nas máquinas Burroughs de somar, calcular, contabilidade, e estatística. Hoje, a Burroughs está em situação melhor que nunca para servir o comércio de todo o mundo—com uma linha de máquinas ampliada em variedade e capacidade . . . e com escritórios de vendas e serviço nas cidades principais de 76 países que circundam o globo.

Há representantes de Burroughs em todas as cidades importantes do mundo. A representante no Brasil é a Companhia Burroughs do Brasil, Inc., rua da Alfandega, 81A-1º, Rio de Janeiro; Largo do Paissando, 51-1º, São Paulo. A representante em Portugal é a Robinson Bardsley & Co., Ltd., 8, Cais do Sodré, Lisboa.

Burroughs

Máquinas de Somar, de Calcular, de Contabilidade, de Estatísticas e Caixas Registradoras

15

Figura 12

Em uma proporção bem menor apareciam mulheres trabalhando em

¹³¹ PARK, Margareth Brandini. **Histórias e Leituras de Almanques no Brasil.**

anúncios de produtos femininos como os de absorvente feminino (Figura 13). Ao apresentar os benefícios que o produto oferecia a mulher “*Durante ‘aquêles dias’*”, a imagem trazia uma mulher trabalhando em um consultório médico. Como ela estava ocupada o dia todo precisava de um produto confortável e seguro. A publicidade ainda enviaria às consumidoras um livro chamado “*Ser quase mulher ... e ser feliz*” para as consumidoras que enviassem um cupom. O livro prometia ajudar “as mulheres a passarem os dias críticos com despreocupação e conforto”.



*Eu trabalho
num Consultório
médico—*

(—e isso significa Serviço ininterrupto o dia todo)

Entre marcar consultas, atender clientes, fazer relatórios — mal me sobra tempo para pensar. Por isso, sou fã de Modess. Durante “aquêles dias”, confio na superabsorvência de Modess para evitar manchas embaraçosas. E é tão macio, adapta-se tão bem ao corpo, que garante completo conforto e segurança.

O Cinto Modess é ajustável ao tamanho da cintura. Em 2 tipos: com presilhas ou alfinêtes de segurança. Use-o, para conforto ainda maior.

GRÁTIS!

Para você ou sua filha!
Um interessante livreto de 25 páginas que ajuda as mulheres a passarem os dias críticos com despreocupação e conforto!

ANITA GALVÃO - Dept. IIII - 25-Cx. P. 5030 - S. Paulo

Desejo receber um exemplar de “*Ser quase Mulher... e ser feliz*”.

Nome _____

Rua _____ N.º _____

Cidade _____ Est. _____

8.746

Figura 13

Como o número de mulheres que trabalhavam fora de casa aumentou muito nos anos 50, também aumentaram as representações da mulher que trabalhava fora de casa nos anúncios direcionados ao público feminino. Como o trabalho poderia reduzir a feminilidade e a delicadeza da mulher, as revistas femininas traziam sugestões de comportamento e cuidados com a aparência para que as mulheres continuassem femininas.¹³² Por isso todos os anúncios de *Seleções* mostravam mulheres bonitas e felizes com o seu trabalho.

Ao contrário de tudo isso, para as mulheres que viviam sobre o jugo comunista as dificuldades não estavam apenas em casa. A maioria dos russos recebia salários baixos e sofria com o triste espetáculo do trabalho feminino, como apontou a reportagem que já foi analisada “Assim é hoje Moscou”¹³³.

Vêm-se nas ruas de Moscou mulheres que quebram gelo, carregam lixo e removem neve no inverno sob as ordens de capatazes masculinos. As mulheres também dirigem os bondes e os ônibus e é com razoável habilidade que recolocam a alavanca dos bondes no fio-trole, quando ela escapole, o que acontece várias vezes em todas as viagens. A Rússia Soviética sem dúvida alguma conseguiu tornar as suas mulheres suficientemente sujas para qualquer tarefa que lhes seja determinada¹³⁴

A situação da mulher também foi narrada na reportagem “Não há descanso para os russos”, já trabalhada anteriormente. A primeira página já destacava a situação das mulheres que trabalhavam. Na imagem utilizada como âncora apareciam algumas mulheres mal vestidas que trabalhavam em uma construção (Figura 14). Duas delas erguiam uma parede com tijolos.

Como a imagem reforça, as mulheres russas eram obrigadas a trabalhar até mesmo em serviços que necessitavam de força, considerados masculinos. Até uma senhora de 63 anos teve que construir a sua casa com as próprias mãos “seus utensílios foram uma pá, um machado e uma trolha. Os materiais eram gesso, que retirava do quintal e misturava com palha para fazer uma espécie de tijolo, e um carregamento de madeira que escolheu da demolição nas ruas.”¹³⁵

Como o marido ganhava pouco e não tinha condições de sustentar a

¹³² Bassanezzi, op. cit. p. 624.

¹³³ O'DANIEL, John. Assim é hoje.... op. cit. p. 96.

¹³⁴ Ibidem, p. 99.

família,

quase todas as mulheres russas trabalham... as mulheres nem sempre trabalham em ofícios simples. Muitas vezes dedicam-se a fazer muros de tijolo ou a nivelar estradas. A primeira equipe de mulheres soviéticas que vi estava ocupada em limpar neve de dez centímetros de altura e gelo nas ruas de Moscou. Embora a temperatura estivesse muito abaixo de zero, elas quebravam o gelo com barras de ferro e lançavam enormes pedaços, com as mãos nuas, para dentro do caminho.¹³⁶

*A beligerância soviética no estrangeiro parece
provir das preocupações do Kremlin*

Não há descanso para os russos

(Condensado do
«Harper's Magazine»)
Por John Fischer

*Membro duma missão da UNRRA que esteve dois meses
na Rússia e de lá regressou recentemente*

DURANTE os últimos trinta anos o povo russo levou uma vida bem dura. E essa situação continuará a manter-se. Os homens que governam o país estão convencidos de que uma terceira guerra mundial é quase certa e acreditam que o tributo da União Soviética para sobreviver consistirá em outros quinze anos de privações e sacrifícios.

Em 9 de fevereiro de 1946, Stáline disse a seu povo que tinha de pôr mãos à obra e iniciar nova série de três ou mais Planos Quinquenais, principalmente para construir uma indústria pesada que supere todas as do mundo. Enquanto não se conseguir esse objetivo, preveniu ele, a União Soviética não se poderá sentir salvaguardada dum outro ataque dos inimigos capitalistas.

A gravidade dessa declaração só foi compreendida pelos russos a 15 de março, quando o governo anunciou os pormenores do primeiro Plano Quinquenal. Esse documento exigia a restauração de todas as indústrias destruídas pela guerra e um aumento de produção de cerca de 50 por cento acima do nível anterior à guerra. Delineava o plano duma indústria de aço que, de futuro, produzirá 60 milhões de toneladas por ano—bem mais



do que os Estados Unidos produzem normalmente em tempo de paz—com 104 oficinas de laminar e 315 fornos a serem construídos nos próximos cinco anos. As companhias ferroviárias têm de reconstruir perto de 14 mil quilômetros de estradas de ferro e 1.800 pontes destruídas pelos alemães e completar 6.941 quilômetros de linhas novas. Devem ser postas em serviço mais de 7.500 locomotivas e 472 mil vagões de mercadorias.

Outros artigos industriais importantes —máquinas, utensílios, minas, turbinas, refinarias, fábricas de produtos químicos—têm de ser aumentados e ampliados na mesma escala grandiosa.

Esse projeto da Rússia futura não menciona a energia atômica. Os porta-vozes do regime soviético, porém, já declararam repetidas vezes que esperam também aperfeiçoá-la com a maior rapidez possível. Embora os cientistas russos tenham certamente descoberto o «segre-

Figura 14

¹³⁵ FISCHER, John. Não há descanso para ... op. cit. p. 54.

Além de trabalharem, elas enfrentavam dificuldades como donas de casa. Para conseguir comprar os mantimentos tinham que levantar cedo para adquirir os produtos antes que acabassem. Desta forma evitavam chegar atrasadas ao serviço para não receberem mais reduções salariais.

Apesar desses esforços a quantidade de alimentos era escassa. Com exceção dos funcionários privilegiados como cientistas, membros do exército e políticos, a maioria da população comprava os alimentos nos armazéns estatais, que estipulavam a quantidade a ser entregue por semana: “... tem-se direito a uma ração semanal de cerca de 750 gramas de carne e meio quilo de manteiga ou banha”¹³⁷. Quando faltavam eram substituídos por leite em pó. Nas vitrines os alimentos expostos, como queijos e presuntos, eram de plástico e quase não existiam na União Soviética. A única opção para variar o jantar, sopa de repolho com pão escuro, era passar nas feiras livres e tentar encontrar algum alimento de qualidade. Além destas privações, as mulheres russas não possuíam belas roupas – “só *trapos*” e quando podiam trocavam as roupas novas por comida.

No comunismo era difícil para as mulheres cuidarem da casa e dos filhos porque elas deveriam trabalhar para ajudar no sustento da casa. Mas a função executada pelas mulheres e as condições de trabalho eram completamente diferentes. A descrição do trabalho feminino em serviços pesados, tradicionalmente executados por homens, chocava-se com as representações do trabalho feminino no Ocidente. Ainda por cima no comunismo elas praticavam esforços sobre-humanos para conseguir comida.

Já no mundo Ocidental retratado pela revista, além da imagem da dona de casa cercada por produtos eletrônicos que proporcionavam conforto e abundância, e da mulher realizada porque trabalhava fora de casa, a publicidade da revista apresentou o ideal de beleza e sedução, utilizado nos anúncios de produtos para vestuário, beleza e higiene.

Nas publicidades tanto os produtos masculinos como os femininos apelavam para as carências pessoais quando ofereciam um auxílio para os consumidores. Utilizando-se de pessoas famosas, imagens de casais ou homens e mulheres bem apresentados, estes produtos afirmavam que os padrões de beleza só seriam alcançados com o consumo do produto anunciado, prometendo

¹³⁶ Ibidem, p. 55 e 56.

¹³⁷ Ibidem, p. 56.

resultados como a conquista de um novo emprego ou o encontro com a pessoa ideal para o casamento. Como estas eram as mercadorias mais anunciadas em *Seleções*, exemplos não faltaram.

Muitos anúncios traziam imagens de pessoas sedutoras, parecidas com os atores e as atrizes famosas. A publicidade da colônia perfumada *L'Origan*, da Coty, reforçava o ideal de beleza ao retratar o desenho de uma mulher bonita e elegante. (Figura 15).



Figura 15

Além de sofrer com a educação dos filhos, com a falta de alimentos e com os trabalhos pesados, as mulheres que viviam na União Soviética tinham problemas com a sua aparência. A leitura da reportagem “Terra de leite e mel”, uma narrativa da vida de um piloto que conseguiu fugir do comunismo informava sobre a dificuldade de encontrar uma mulher bonita e bem vestida nas ruas da Rússia Comunista. Apenas as atrizes, bailarinas, esposas de altos funcionários e estrangeiras tinham condições de vestir-se bem. “Há na Rússia, ainda, outra pequena classe de mulheres elegantes. Entretanto (...) são agentes da NKVD (polícia secreta comunista) e que empregam os seus encantos como arma”¹³⁸.

Reportagens como essa eram capazes de abalar qualquer indiferença em relação ao comunismo pois o controle do governo alcançava até a manipulação da beleza feminina para conseguir privilégios políticos. As mulheres que viviam nos países da União Soviética, como sustentou *Seleções*, não tinham a liberdade para educar os seus filhos como desejavam, não podiam escolher uma profissão agradável e não desfrutavam da abundância da sociedade de consumo. No comunismo não havia privacidade nem respeito à individualidade, pois as casas eram minúsculas e ocupadas por duas ou mais famílias. As roupas, os sapatos e os móveis eram péssimos.

Diante de tantas informações sobre abundância e felicidade, presente nas páginas de *Seleções*, ficaria difícil para um cidadão ocidental apoiar tal proposta política, principalmente porque trazia a pobreza, o controle, a violência, a fome, a prostituição e a escravidão.

No texto e nas imagens publicitárias dos produtos alimentares, das utilidades para a casa, dos produtos para a higiene pessoal e a saúde, do vestuário, da beleza e do lazer destacavam-se as representações que os indivíduos tinham da sociedade ocidental das décadas de 40 e 50. Nessas imagens foi identificado o modelo de família idealizada, com pais e filhos vivendo em um mundo de plena felicidade e harmonia porque usavam os produtos anunciados.

A prosperidade norte-americana também esteve retratada no cinema e na televisão. A grande circulação desses valores trazia a sensação de pertencimento a uma sociedade abundante. Neste processo, o consumo do olhar se satisfazia

¹³⁸ WHITE, W. L. Terra de leite e mel. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1949, p. 110.

com a grande oferta dos objetos, e a posse de apenas um deles equivalia ao consumo da totalidade de produtos. “A evidência do excedente, a negação mágica e definitiva da rareza, a presunção materna e luxuosa da terra da promessa”¹³⁹ encantam e valorizam ainda mais os Estados Unidos. Ao mesmo tempo a representação de tanta fartura denegria fortemente o comunismo, provocando o medo de carência, fome, falta de segurança e injustiça, valores estes importantes para qualquer ser humano.

¹³⁹ BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa, Edições 70, s/d, p. 16.

Capítulo 3

O Anticomunismo

3.1 A Cortina de Ferro ameaça os povos livres

Desde 1945 os Estados Unidos se depararam com uma nova situação na política mundial. A França, a Inglaterra e a Alemanha eram as maiores potências mundiais até o início da Segunda Guerra Mundial, porém a partir de 1945 elas não tinham mais condições de exercer o seu poder por estarem destruídas pela guerra. Os Estados Unidos, por outro lado, se beneficiaram com o conflito e já estavam assumindo a posição de potência mundial. Da mesma forma, mesmo com os problemas resultantes da guerra, a União Soviética também emergiu como uma potência.

Neste momento a política norte-americana já tinha consciência dos privilégios adquiridos e diante de um vácuo de poder internacional houve um debate sobre qual deveria ser a melhor direção para a política externa norte-americana, o isolacionismo ou o intervencionismo. Caso a direção tomada fosse influenciada pelo isolacionismo, os Estados Unidos continuariam sofrendo as consequências dos conflitos internacionais nos seus negócios.

A revista *Seleções* trouxe referências a esse debate nas primeiras publicações do pós-guerra. Em janeiro de 1946 a reportagem “São tão ricos os

Estados Unidos”¹ explicava que, ao contrário do que afirmava a imprensa internacional, os Estados Unidos não haviam enriquecido pelo aumento da produção durante o conflito mundial. Por isto as obrigações que os outros países desejavam impor aos Estados Unidos “de que, uma vez estabelecida a paz mundial, os Estados Unidos devem gastar umas quantas centenas de milhões nisto ou naquilo, ou que o governo americano deve garantir tais ou quais tipos de empréstimos, ou que será unicamente um benefício para todos, se emprestarmos alguns bilhões de dólares aqui ou ali”², não podem ser postas em prática sem que “não importe ao povo criar terríveis dificuldades no futuro”.³

Para sustentar tal argumento o autor explicava que o dinheiro dos Estados Unidos naquele momento não eram uma riqueza real, mas sim aplicações resultantes do lucro da venda de mercadorias: “os bilhões de dólares que o povo americano tem em bônus, em depósitos nos bancos e em dinheiro, não constituem riqueza real. Porque, em grande parte, eles representam simplesmente mercadorias que já não existem”.⁴

Ao apresentar um ponto de vista desfavorável sobre a possibilidade dos Estados Unidos emprestarem dinheiro aos outros países a reportagem mostrava a existência de um pensamento contrário ao intervencionismo. Segundo a reportagem, se Estados Unidos assumissem tal posição, seriam prejudicados no futuro.

Por outro lado, na mesma edição da revista outra reportagem tinha um posicionamento favorável ao fornecimento de mercadorias aos países que sofreram as conseqüências da guerra. Através de uma explicação simplificada sobre o funcionamento do comércio exterior a reportagem “O perigo dos saldos favoráveis”⁵ questionava como os estrangeiros pagariam os produtos norte-americanos se eles não tinham dólares disponíveis. Existiam quatro formas. “Em pagamento de mercadorias que foram enviadas aos Estados Unidos. Em pagamento de serviços que foram prestados a este país. Como empréstimo. Como presente.”⁶

¹ ROBEY, Ralph. São tão ricos os Estados Unidos? **Seleções do Reader's Digest**, janeiro de 1946, p. 74.

² Ibidem.

³ Ibidem. p. 75.

⁴ Ibidem.

⁵ CHASE, Stuart. O perigo dos saldos favoráveis. **Seleções do Reader's Digest**, janeiro de 1946, p. 97.

⁶ Ibidem, p. 99.

Emprestar dólares para incentivar o comércio internacional não era a melhor forma de resolver o problema de abastecimento dos países que participaram da guerra. “Eu não me oponho que um país dê mercadorias a outro. Os países aliados em guerra precisam de armamento. Tanto amigos como inimigos, com a terminação da guerra, precisam de alimentos, produtos médicos e material de construção.”⁷ Adotar esta prática seria vantajoso, pois

não nos esqueçamos de que os presentes voltam àquele que nos dá, de muitos modos, e muitas vezes multiplicados. Não podemos esquecer que a poderosa situação econômica dos Estados Unidos poderá vir a necessitar de algum modo de subscrição livre, para que seja preservada a paz do mundo. Não existe virtude especial alguma em mandar mercadorias para o estrangeiro, somente pelo prazer de fazê-lo. Isso vem a dar no mesmo que dizer, que quanto menos tivermos, em melhor situação estaremos.⁸

A reportagem informava que o envio de mercadorias para os países aliados e até mesmo para os inimigos da guerra não era prejudicial à economia norte-americana. Ao contrário do que afirmava a primeira reportagem, essa já comentava que os Estados Unidos possuíam uma “poderosa situação econômica”. Entretanto, ele poderia precisar de aliados para manter a estabilidade mundial. Ou seja intervir na economia mundial traria benefícios futuros aos Estados Unidos.

Para preservar a sua segurança política e econômica e evitar qualquer ameaça aos seus interesses, passou a ser mais proveitoso para os Estados Unidos manter a estabilidade mundial.

Inicialmente, essa percepção indicava os riscos que a desestabilização interna do continente europeu e do mundo, depois da Segunda Guerra, representavam para os interesses norte-americanos e, depois de 1946, os riscos do comunismo. A possível expansão do comunismo trazia a necessidade de construir redes de proteção contra os soviéticos regional e globalmente, contendo a sua disseminação – duplamente, visava-se construir uma ordem internacional estável e duradoura e que prevenisse a consolidação e o aumento da influência do poder rival.⁹

O final da Segunda Guerra trazia para os norte-americanos o desafio de promover uma ordem mundial que favorecesse os seus interesses. As primeiras medidas foram estabelecidas em 1944 nas Conferências de Dumbarto Oaks e Bretton Woods, onde foi decidida a criação das Nações Unidas, do Banco Mundial

⁷ Ibidem, p. 100.

⁸ Ibidem.

⁹ PECEQUILO, Cristina Soreau. **A Política Externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2003, p. 128.

e do Fundo Monetário Internacional – FMI. Estas instituições deveriam submeter os países a uma regulamentação sobre as relações internacionais para evitar um novo conflito mundial e, através da defesa do livre comércio, evitar a deflagração de uma grande crise econômica.

No pós-guerra a revista *Seleções* trouxe diversas reportagens sobre a importância de regulamentar as relações internacionais para o estabelecimento da paz mundial. De acordo com a revista esta não era só uma preocupação dos líderes norte-americanos, mas de toda a população daquele país. Um texto publicado em 1946 mostrava a mobilização da própria comunidade norte-americana em defesa da paz.

A reportagem “Heraldo da federação mundial”¹⁰ narrava a história de Robert Lee Humber, um advogado que lutava pela formação de uma federação mundial, “uma organização dentro da qual cada país conservaria sua soberania interna, delegando a um governo mundial somente aqueles poderes necessários para manter a lei e a ordem entre as nações. A seu ver, essa é uma finalidade vital superior a da ONU.”¹¹

O seu projeto começou em 1939 quando Humber passou a difundir suas idéias entre os vizinhos. Como todos gostaram, ele palestrou em Igrejas, clubes cívicos, hospitais até que, em 1945, apresentou a proposta sobre a formação da federação mundial na Câmara Legislativa de Missouri. Nesse local já superou as primeiras barreiras quando convenceu um deputado isolacionista sobre a importância da existência de uma regulamentação mundial. O próprio deputado compreendeu “que a paz e a segurança em nossas comunidades são baseadas na lei. Isso é verdadeiro em relação a nosso estado e a nosso país. Por que não seria entre as nações?”¹² Em Missouri e em outros 14 estados o seu projeto foi aprovado e estava sendo discutido em outros 19 estados norte-americanos.

A narrativa finalizou comentando que Humber conseguiu falar com 40 delegados que estavam na conferência das Nações Unidas realizada em São Francisco. “Muitos deles ... prefeririam uma organização mundial mais forte do que a representada pela ONU.”¹³ Mesmo questionando a eficiência dos tratados internacionais, já que acreditava ser mais eficiente uma legislação regulamentada

¹⁰ ARMSTRONG, O. K. Heraldo da federação mundial. **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1946, p. 79.

¹¹ Ibidem, p. 80.

¹² Ibidem, p. 89.

e controlada pela ONU, Humber destacava que as nações “deram um passo na direção acertada. Em consequência, devemos apoiá-las e trabalhar para o próximo e inevitável passo: a federação mundial. A oportunidade dessa idéia já chegou.”¹⁴

A valorização do espírito de iniciativa do cidadão norte-americano que privilegiava as ações e a praticidade na resolução dos problemas, bem como a federação, lugar onde a garantia da igualdade está na eficiência de uma lei, contribuiu para formar o imaginário da excelência da sociedade norte-americana. A história de Humber, um cidadão repleto de iniciativa que agia para estabelecer a igualdade entre os povos, reforçava a imagem de uma nação preocupada em estabelecer o bem-estar mundial porque esta era a sua missão. Naquele momento histórico, quando as Nações Unidas iniciavam suas atividades, a reportagem favorecia os interesses norte-americanos através de um homem que lutava pela paz sem buscar nenhum benefício para si.

Ainda sobre o estabelecimento da paz mundial, em dezembro de 1946 a reportagem “Tenho fé na paz”¹⁵ foi escrita pelo ex-Chefe das Delegações Americanas na elaboração da Carta das Nações Unidas. Apesar de todas as dificuldades impostas pela União Soviética em resolver os limites dos membros do Conselho de Segurança, o autor “confiava, cada vez mais, na capacidade desta de manter o mundo a salvo de outra guerra mundial”¹⁶.

As constantes imposições colocadas pela União Soviética, como afirmava a reportagem, eram uma maneira dos comunistas defenderem-se de todas as resoluções que acreditavam ser prejudiciais aos seus interesses “mesmo quando ... são... um gesto de amizade sincera.”¹⁷ Essa insegurança manifestada em uma luta pela auto-preservação era a própria consciência dos líderes soviéticos que o comunismo não representa a maioria da humanidade.

A vasta maioria do povo do mundo pratica uma economia que é predominantemente o capitalismo privado. O comunismo da União Soviética é um modo de vida minoritário; e a Rússia se vê desafiada por um modo de vida oposto, que é imensamente superior em

¹³ Ibidem, p. 82.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ STETTINIUS, Edwar R. Jr. Tenho fé na paz. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1946, p. 20.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem, p. 23

matéria de população, recursos naturais e capacidade produtiva, e em número de votos nas Nações Unidas.¹⁸

O texto de Stettinius ainda afirmava que alguns líderes industriais soviéticos já valorizavam a eficiência e a produtividade, como todos os industriais norte-americanos, e reconheciam o exemplo benéfico de “habilidade e poder produtivo”¹⁹ dos Estados Unidos “numa época de prosperidade e paz para todos os povos.”²⁰

Isso significava que todos os povos, até mesmo os comunistas, segundo Stettinius, desejavam conquistar melhores condições de vida. “Com seu capital e sua técnica, são justamente os americanos que, tomando a liderança na demolição das barreiras ao comércio mundial, estão mais habilitados a manter os altos padrões de vida que serão a consequência inevitável de tal desenvolvimento.”²¹ Até mesmo os povos mais atrasados, com o seu próprio esforço poderiam alcançar o desenvolvimento com a assistência norte-americana. Todos estes benefícios, garantidos pelas Nações Unidas, ajudariam no estabelecimento da paz e diminuiriam até mesmo as diferenças entre os comunistas e os capitalistas.

Quanto mais nos concentrarmos coletivamente numa paz como essa, menos discutiremos divergências ideológicas. Creio, na realidade, que essas divergências tendem a enfraquecer, e isso acontecerá, aliás, em favor da democracia. Quanto mais os russos virem os regimes democráticos em atividade de cooperação internacional, tanto mais cedo atingirão maior liberdade no seu próprio modo de vida. Há uma raiz de liberdade em toda alma humana. Os Estados Unidos, não somente por exemplos constantes no seu país, mas por aplicação útil da mesma no estrangeiro, podem ajudar essa semente a florescer no mundo inteiro.²²

O mito da excelência norte-americana também foi encontrado nessa reportagem. Nela os Estados Unidos eram o exemplo de sistema produtivo, de sucesso econômico, de bem-estar e de qualidade de vida. Por isso eles deveriam levar o seu modo de vida aos outros povos e ajudar no desenvolvimento e no estabelecimento da paz mundial. A missão norte-americana era a garantia do sucesso das Nações Unidas e justificava a necessidade dos Estados Unidos participarem ativamente da ordem mundial. Mas em nenhum momento o texto

¹⁸ Ibidem, p. 22.

¹⁹ Ibidem, p. 23.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem, p. 24.

destacou quem seria a nação que mais se beneficiaria com o livre comércio. Esta era mais uma propaganda positiva em favor do intervencionismo.

Os únicos empecilhos eram impostos pela União Soviética, que tentava defender os seus interesses porque tinha consciência de ser minoria. Mas o próprio sistema econômico era capaz de resolver estes problemas porque traria desenvolvimento para todos os povos. Isto seria capaz de fazer com que os comunistas percebessem as vantagens da democracia e comesçassem a mudar a favor da liberdade.

No caminho trilhado para a hegemonia mundial dos Estados Unidos, estava a União Soviética. As duas potências começaram a entrar em desacordo ainda no final da Segunda Guerra, quando os três líderes vencedores se encontraram para decidir qual seria o destino da Alemanha e dos países do Leste europeu. A União Soviética não abdicou dos seus interesses em manter o controle sobre os países da Europa Oriental, uma compensação pelas perdas da guerra e também uma faixa de segurança que evitaria possíveis invasões vindas do Oeste europeu.

No mesmo ano a revista *Seleções* já trazia reportagens que informavam sobre a resistência soviética em abrir mão dos seus interesses em favor da paz. Em Janeiro uma reportagem de oito páginas explicava qual deveria ser o melhor caminho para estabelecer acordos com a União Soviética. Escrita por William Hard, “Oito passos no sentido da concórdia com a Rússia”²³ informa aos leitores quais eram os problemas que estavam dificultado a elaboração dos acordos mundiais entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Os líderes comunistas estavam tentando estruturar um império econômico nos países ocupados.

Em quase toda a Europa Central, ‘libertada pelo Exército Vermelho’, a União Soviética leva avante uma política de degredos e perseguições, afasta ou constrange os observadores estrangeiros e instala governos controlados por comunistas responsáveis unicamente perante Moscou. Trata de fazer de meia dúzia de países - desde a Polônia no Báltico até a Iugoslávia no Adriático - meros apêndices.²⁴

Estas ações não foram evitadas, de acordo com o autor, pelos Estados Unidos e pela Inglaterra porque todos estavam tentando estabelecer esferas de

²³ HARD, William. Oito passos no sentido da concórdia com a Rússia. **Seleções do Reader's Digest**, janeiro de 1946, p. 45.

²⁴ Ibidem, p. 46.

influência na Europa, onde cada país se responsabilizaria pela administração da sua região. A Grécia, por exemplo, estava na esfera britânica, a Itália, nos Estados Unidos, e assim foi feito em todos os países. Como o Leste Europeu estava na esfera soviética, os norte-americanos e os ingleses não pretenderam interferir.

Um dos problemas que dificultava as relações internacionais referia-se aos poços de petróleo do Irã. Os Estados Unidos, sem consultar a União Soviética, permitiram “que as companhias de petróleo norte-americanas se dirigissem ao governo do Irã para obter novas concessões. Mais uma vez, a União Soviética pôde ver nisso uma tentativa da ‘frente’ ou ‘esfera’ anglo-norte-americana... no lado de sua fronteira.”²⁵

Os ataques feitos pelos norte-americanos aos soviéticos eram cada vez mais constantes. Como exemplo, o questionamento que os norte-americanos faziam aos soviéticos sobre a legitimidade do seu governo na Polônia, pois todos os responsáveis pelo governo eram comunistas submetidos a Moscou. A censura e o controle sobre a educação e a cultura também estavam nas mãos de comunistas. “Que garantia há nisso das eleições ‘livres’ prometidas à Polônia pelas três grandes potências em falta?”²⁶

Diante destes desentendimentos o autor se questionava sobre o sucesso na efetivação da paz. Para evitar uma nova guerra, que não estava distante, Hard apresentou oito passos capazes de solucionar todos estes problemas.

1 – Convidar a União Soviética para todas as conferências internacionais em que ela possa ter interesse... como as conservações e o desenvolvimento dos poços de petróleo do Irã ... ou ... sobre a questão vital do Dardanelos; ...

2 – Nomear para a toda a Europa libertada uma comissão de representantes autorizados da União Soviética, da Grã-Bretanha, da França e dos Estados Unidos, que tracem e executem uma política que elimine quaisquer restrições ao esclarecimento da opinião pública naquelas regiões; ...

3 – Encarregar a Comissão da Europa Libertada, mencionada no segundo ponto, de acompanhar de perto as próximas eleições em todos os países libertados; ...

4 – Convidar a Rússia Soviética, bem como quaisquer outros países interessados, a chegar a acordo no sentido não só de negar a toda nação estrangeira qualquer privilégio político; ...

5 – Imitar as duas atitudes soviéticas que melhores resultados têm dado, no trato com os povos asiáticos. A primeira é ausência completa de discriminação racial. O segundo é o esforço sincero da Rússia de melhorar as condições econômicas do povo asiático; ...

6 – Colocar diante da União Soviética, imediatamente, o problema do desarmamento;

7 – Dar a União Soviética ... o auxílio dos Estados Unidos na reparação das tremendas devastações infligidas ... pelos alemães; ...

²⁵ Ibidem, p. 47.

²⁶ Ibidem, p. 48.

8 – E para entrar no caminho da paz a passos seguros, devemos dar o máximo de autoridade à Assembléia Geral de *todas as nações* na nova Sociedade das Nações fundada em São Francisco.²⁷

O autor concluiu destacando que a União Soviética era a nação mais poderosa, pois possuía o maior contingente humano disponível para formar um exército. “Não vamos, para que haja equilíbrio de poder, formar combinações de outras grandes potências contra ela. O único equilíbrio de poder de que os Estados Unidos devem participar é o de todos os seres humanos contra qualquer excesso de poder, onde quer que seja.”²⁸ Por isto era importante pedir a Deus para que o idealismo e o bom senso assegurem a paz mundial.

Os problemas existentes entre as duas nações como o controle político exercido pelos soviéticos no Leste europeu e as articulações políticas que beneficiaram apenas as empresas norte-americanas na extração de petróleo no Irã, deixando de fora os soviéticos; eram a causa dos desentendimentos do pós-guerra. Além de não culpar apenas os soviéticos a reportagem também alertava sobre o perigo dos Estados Unidos articularem com outras nações contra a União Soviética. Como o seu poder era muito grande, cabia aos Estados Unidos estabelecer o equilíbrio no poder e lutar pela confraternização universal. Essa defesa relacionava-se ao receio de muitos norte-americanos entrarem em guerra novamente. Por isso era importante tentar concordar com a União Soviética.

A reportagem também fez referências indiretas aos problemas mundiais na Polônia, na Turquia, na Grécia e no Irã. Em 1946 efetivou-se o desentendimento com a União Soviética depois da sua intervenção na Turquia, na Grécia e no Irã. Essas ações foram interpretadas pelo governo norte-americano como amostra do interesse que os soviéticos tinham de expandir os seus domínios pela Europa e Ásia.

No Irã, os soviéticos tentaram controlar a exploração de petróleo, enquanto na Turquia visavam o controle do estreito de Dardanelos, influenciando eventos na Grécia. Somados, esses acontecimentos reforçavam a imagem de que a União Soviética continuava sendo um poder expansionista e agressivo, ameaçando os Estados Unidos e seus aliados, não somente ao agregar novos territórios, mas ao deter e propagar uma visão de mundo diferente da norte-americana, sinalizando a expansão do comunismo.²⁹

²⁷ Ibidem, pp. 48-52.

²⁸ Ibidem, p. 52.

²⁹ PECEQUILLO, op. cit., p. 136.

Nesse clima de tensão internacional, em 1946 Winston Churchill anunciou as primeiras representações que formaram o imaginário sobre a Guerra Fria. Primeiramente, o mito da expansão da União Soviética, que já dominava o Leste Europeu e estava disposta a conquistar toda a Europa, e a segunda referia-se a necessidade dos Estados Unidos assumir a liderança mundial contra a tirania que se estabelecia em alguns países da Europa.

A expansão de uma doutrina oposta aos interesses norte-americanos deixou de ser interpretada como uma ameaça imaginária após a tentativa soviética de controlar as vias marítimas do Bósforo na Turquia. A ação dos guerrilheiros comunistas gregos contra o protetorado Britânico aumentou ainda mais a preocupação em torno da expansão soviética e acabou influenciando a decisão dos Estados Unidos em assumir a defesa dos países que estavam sofrendo estas intervenções e garantir a liberdade do Ocidente.

Estas ações serviram para influenciar a opinião pública e o governo norte-americano a apoiar a Doutrina Truman, que pregava a necessidade de tomar algumas atitudes que assegurassem a segurança do território (ante a ameaça comunista) e garantissem os interesses da política externa norte-americana e a estabilidade do sistema econômico mundial. A reação norte-americana diante da ameaça comunista, a necessidade de intervir no conflito e a forma encontrada pela política externa norte-americana para reagir aos problemas internacionais originaram a contenção.

Como a revista *Seleções* publicava algumas reportagens sobre os acontecimentos mundiais, em setembro de 1947 trouxe uma sobre os problemas da Grécia. Escrita por Winston Churchill, a reportagem “O que realmente aconteceu na Grécia”³⁰ descrevia a atuação da Inglaterra no conflito grego, influenciado pelo comunismo, em 1944.

Churchill dizia que, após a libertação da Grécia, dominada pelos nazistas durante três anos, cabia aos aliados decidirem quem se responsabilizaria pela sua reconstrução. “Em tais circunstâncias o que havia a fazer, de acordo com os costumes do mundo de língua inglesa, era entregar o caso ao povo comum e humilde, para que este decidisse por votação secreta e sem intimidação.”³¹

³⁰ CHURCHILL, Winston. O que realmente ocorreu na Grécia. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1947, p. 25.

³¹ Ibidem, p. 26.

Todos os aliados mandaram representantes para controlar as eleições, que foram consideradas válidas e leais aos interesses gregos. Entretanto, este processo democrático “foi ridicularizado em muitos círculos de esquerda. E os comunistas, naturalmente, deram largas aos seus lúgubres guinchos e miados”³², pois eram contrários ao estabelecimento do processo democrático.

De acordo com a reportagem, após as eleições os comunistas realizariam um golpe de estado para tomar o poder. Em um processo “imposto por métodos de violência sangrenta em alta escala”³³, os “bandos de guerrilheiros comunistas”³⁴, que em nada tinham ajudado no processo de libertação dos nazistas, “iniciaram uma campanha de violência e assassinio contra os postos policiais e outras repartições do governo”³⁵. Com uma violência sem limites “os piratas comunistas”³⁶ infiltrados no governo e que até então não estavam envolvidos na tentativa de tomar o poder, “retiraram-se do governo que parecia desmoronar-se, correndo como ratos a reunir-se aos guerrilheiros”³⁷.

Quando Churchill foi autorizado pelo monarca grego, que estava em Londres esperando os resultados das eleições, a defender a Grécia a todo custo, recebeu muitas críticas em Londres e nos Estados Unidos. Eles censuravam a “agressão imperialista britânica” que estava abrindo fogo contra a população para defender os seus interesses. Mas a imprensa internacional não sabia que “os intrusos comunistas foram repelidos e finalmente expulsos (...). Em sua retirada, assassinaram pelo menos 20.000 homens, mulheres e crianças que não eram do seu agrado ou que eles encontravam pela frente”³⁸.

Mas Churchill assegurou que o saldo foi positivo uma vez que não foi implantado um governo comunista totalitário naquele país. Por isto “todas as denúncias de imperialismo britânico na Grécia não passam de meros disparates.”³⁹ O autor destacou a importância de recordar tais fatos quando escreveu a reportagem, pois a partir destas informações era possível conhecer

³² Ibidem.

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ibidem, p. 27.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem.

“todas as tendências e ansiedades das potências vitoriosas, e do juízo que dela fizermos dependem a paz e o futuro da humanidade.”⁴⁰

Churchill contribuiu com a formação do imaginário anticomunista ao apresentar o inimigo da pior forma possível. Os comunistas eram ratos, seres sujos que viviam nos esgotos e que transmitiam doenças. Eram também piratas, homens sem valores morais que roubavam e saqueavam apenas para beneficiar-se, eram homens traidores que se infiltravam no governo para dar um golpe de estado e finalmente, eram os piores assassinos, pois mataram milhares de pessoas simplesmente porque não gostavam ou estavam atravessando o seu caminho. Segundo o autor, esses seres vis iriam tomar o poder. Por isto a Coroa Britânica não lutou por interesses imperialistas na Grécia, mas defendeu a população do inimigo. Churchill destacou a importância de lembrar tais fatos para o estabelecimento da paz.

Tanta violência praticada pelos comunistas seria útil para fazer com que a opinião pública apoiasse a intervenção norte-americana na Grécia e a Doutrina Truman.

Juntamente com as preocupações sobre qual deveria ser a melhor estratégia norte-americana na ordem mundial, a contenção já estava sendo estruturada desde 1945 através das questões sobre a defesa dos interesses norte-americanos. Ao invés de estabelecer o confronto direto a melhor opção foi assumir uma posição defensiva para dificultar todas as ações soviéticas e evitar a sua expansão. Apesar das críticas realizadas à política de contenção, ela conseguiu “sintetizar em seus termos a importância da ‘missão’ que cabia aos Estados Unidos no pós-guerra: a expansão dos povos livres e a sua proteção contra a ameaça comunista.”⁴¹

No seu trabalho sobre a política externa norte-americana, Cristina S. Pecequillo encontrou as bases da contenção em quatro documentos. O discurso de Truman no Congresso americano em 1947 sobre a intervenção da Grécia e da Turquia, o texto de George F. Kennan “Mr. X Paper”, publicado em 1947 e as resoluções do Conselho de Segurança Nacional NSC-20 de 1948 e o NSC-68 de 1950.

⁴⁰ Ibidem, p. 28.

⁴¹ PECEQUINO, op. cit., p. 141.

No discurso de Truman de 1947 ficou demarcado o perfil da política externa norte-americana durante a Guerra Fria. Para conter o comunismo os Estados Unidos deveriam ajudar os povos que estivessem sofrendo ataques comunistas em nome da liberdade e da democracia. Baseada na impossibilidade da União Soviética e dos Estados Unidos entrarem em acordo por possuírem diferenças ideológicas, políticas e econômicas, a contenção decidiu combater o avanço comunista primeiramente na Grécia e na Turquia e depois na Europa Ocidental.

Novamente a revista *Seleções* contribuiu para apoiar as ações governamentais norte-americanas quando em dezembro de 1947 publicou a reportagem “A França em crise”⁴², escrita pelo embaixador norte-americano naquele país. Segundo o artigo a França, esgotada após a ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial, estava sofrendo com a ameaça comunista. Durante a guerra o Partido Comunista francês também contribuiu para a expulsão dos alemães. Entretanto, assumindo inteiramente a responsabilidade por tal fato, o partido começou a acumular grandes somas de dinheiro devido ao roubo dos bancos e dos civis, “prenderam ricos industriais, cujas fábricas tinham trabalhado durante a ocupação, e ameaçaram-nos de morte caso não contribuíssem generosamente para os fundos do partido.”⁴³

O embaixador informou que os comunistas também estavam infiltrados nos sindicatos franceses, entre os camponeses, nas prefeituras das pequenas cidades e na própria política francesa. “Nas eleições de novembro de 1946, surgiram como o partido mais forte da França, com 169 dos 618 deputados à Assembléia. (...) Em oposição, encontra-se o Movimento Republicano Popular ... que recebe forte apoio dos sindicatos cristãos e dos elementos católicos mais conservadores.”⁴⁴

O perigo de uma invasão ordenada por Moscou, de acordo com o texto, era eminente. Em uma possível invasão os comunistas podiam contar com os membros do partido, com os operários, políticos e “com o seu exército subterrâneo, cujo efetivo sobem a aproximadamente 150.000 homens, bem

⁴² BULLITT, William C. A França em crise. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1947, p. 89.

⁴³ Ibidem, p. 90.

⁴⁴ Ibidem, p. 91

organizados e equipados.”⁴⁵ A única alternativa para o governo francês era contar com o auxílio dos países democráticos, capazes de assegurar as liberdades políticas. Para que não caia nas mãos de comunistas, “os Estados Unidos deverão dar ao governo da França auxílio adequado”⁴⁶, pois a crise econômica e a falta de produtos de primeira necessidade a deixavam mais vulnerável. O perigo era grave, caso os comunistas tomassem o poder,

a França ficará reduzida à condição da Polônia, no império dos satélites de Stáline. Um governo comunista na França significaria o controle de Stáline sobre todo o Império Francês: a África do Norte; o Senegal, com o seu grande porto de Dacar; em frete à saliência oriental do Brasil; Madagascar; Indo-China; Martinica, Guadalupe, e a Guiana Francesa, perto do Canal do Panamá; São Pedro e São Miguel, na embocadura do Rio São Lourenço.⁴⁷

Alarmando o público sobre as conseqüências de uma possível invasão comunista na França, o embaixador norte-americano reforçava a importância da ajuda norte-americana aos países europeus. A reportagem indiretamente afirmava que os norte-americanos não poderiam fechar os olhos diante de tamanha ameaça já que a tomada da França e do seu império significaria a presença de comunistas em todos os continentes, dando uma força gigantesca ao desejo soviético de expandir os seus domínios por todo o mundo.

A pequena reportagem publicada em junho de 1949 (Figura 16) mostrava aos leitores alguns dados sobre o Plano Marshall. Ao contrário do que era difundido pelos comunistas, os Estados Unidos enviavam para outros povos alguns produtos que precisavam como o aço. “...o povo americano está se privando até de coisas de que carece desesperadamente.(...) Faltam aço aos americanos, mas estes exportam para além-mar uma tonelada de cada vez, destinada àqueles cuja carência é mais aguda do que a deles.”

Ainda em 1947 foi publicado o documento “Mr. X Paper”, de George Kennan. Neste artigo o autor justificava a contenção através de uma análise da política soviética. Kennan acreditava que o comunismo justificava o autoritarismo e a política de expansão do seu governo no antagonismo dos dois sistemas econômicos e na necessidade de levar a revolução socialista para acabar com o capitalismo. Kennan também apontava os problemas internos e o controle sobre a

⁴⁵ Ibidem, p. 92.

⁴⁶ Ibidem, p. 93.

⁴⁷ Ibidem.

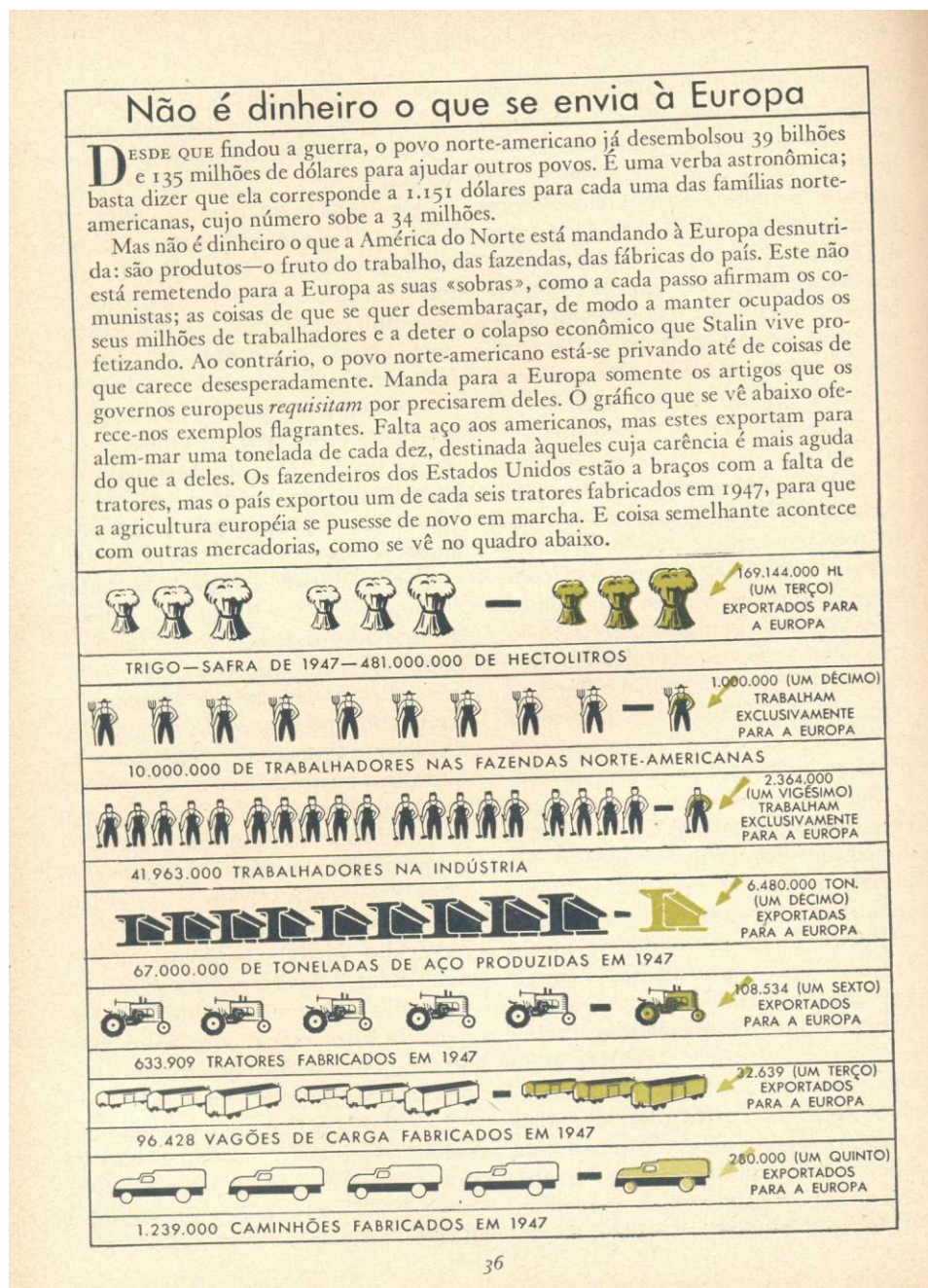


Figura 16

população como o veículo motor que iria destruir o comunismo a longo prazo. Mas nem por isto os Estados Unidos deveriam permitir a sua expansão na Europa e na Ásia.

Assim justificava-se a implantação do Plano Marshall. A recuperação econômica da Europa era uma forma de evitar a formação de governos totalitários. Com a estabilidade da região, os próprios países europeus começariam a defender-se do comunismo. Os Estados Unidos, ainda por cima, teriam como aliados as antigas potências mundiais para juntos protegerem a

ordem mundial. Apesar de enfrentar a oposição de parte da sociedade, o Plano Marshall

constituiu o maior sucesso da política norte-americana no pós guerra. Lançou as bases de uma espantosa recuperação européia e ampliou o mercado de exportações norte-americanas. Uma vez que fornecia créditos e não dinheiro – e assim assegurava que os dólares de ajuda seriam gastos nos Estados Unidos – o plano promoveu um dos maiores surtos de prosperidade em tempos de paz da história norte-americana.⁴⁸

No início de 1948 a União Soviética recusou o convite para participar do Plano Marshall. No mesmo ano, ela estabeleceu o *Koninform*, que passou a organizar os Partidos Comunistas da União Soviética, do Leste europeu, da França e da Itália para garantir a sua influência na Europa. A repercussão destas ações nos Estados Unidos fizeram com que a opinião pública e o Legislativo apoiassem o plano Marshall já que o controle comunista estabelecido na Tcheco-Eslováquia comprovava o projeto expansionista soviético.

Como a União Soviética não se submeteu ao acordo norte-americano e agiu com uma postura mais agressiva, ainda em 1948 o Conselho de Segurança norte-americano publicou a resolução NSC-20. Ela alertava sobre o perigo da União Soviética tomar o poder na Europa e na Ásia pela força ou pela política. Mais uma vez foi reforçada a necessidade de conter a expansão do poder soviético e do comunismo “por meio de pressões e ações políticas em áreas geográficas onde fosse identificada a expansão soviética, ajudando e garantindo a independência e a liberdade dos regimes e povos que não desejassem ser inseridos na órbita soviética.”⁴⁹ Vale lembrar que esta recomendação se limitou apenas à Europa ocidental, pois nada foi feito a respeito dos países satélites.

Com o aprofundamento das diferenças existentes entre os Estados Unidos e a União Soviética, a revista *Seleções* começou a publicar um número cada vez maior de reportagens que pretendiam denunciar o expansionismo soviético como “A nova luta pela Alemanha”⁵⁰; “Notícias sobre a Polônia”⁵¹, “O temor visa

⁴⁸ SELLERS, C. et. al. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990, p. 367.

⁴⁹ PECEQUILO, op. cit. p. 147.

⁵⁰ NIEBUHR, Reinhold. A nova luta pela Alemanha. **Seleções do Reader's Digest**, abril de 1947, p. 17.

⁵¹ WHITE, W. L. Notícias sobre a Polônia. **Seleções do Reader's Digest**, abril de 1947, s/p.

Viena”⁵², “Fuga na Bulgária”⁵³, “Como os russos se apoderaram da Albânia”⁵⁴ e muitas outras. Com elas haviam reportagens que explicavam aos leitores quais eram os “reais” interesses de Moscou, de acordo com a interpretação norte-americana, que indiretamente justificavam a contenção. Em janeiro de 1948 a reportagem “Objetivos e razões do Kremlin”⁵⁵ seguiu este modelo quando afirmava que era

uma verdadeira chave para o leitor que tente explicar com crescente perplexidade as presentes atitudes e a política futura dos russos. Além disso é a chave empregada com o mesmo objetivo pelo Departamento de Estado. Suas opiniões se assemelham muito às emitidas em documentos ultra confidenciais dos arquivos oficiais de Washington.⁵⁶

Segundo a reportagem, os homens do Kremlin sempre desejaram tornar absoluto o poder que conquistaram em 1917 no interior do país e no exterior. Isto era influenciado pelo arraigado conceito soviético do antagonismo entre capitalismo e socialismo. Desse antagonismo “nascem muitos fenômenos que consideramos espantoso na política exterior do Kremlin: o segredo, a falta de franqueza, a duplicidade, a desconfiança e a falta básica de propósitos amigáveis.”⁵⁷

A reportagem ainda informava que o partido não permitia a existência de qualquer oposição e colocava os líderes soviéticos como os únicos depositários da verdade, pois se a verdade pudesse ser encontrada em outra parte, haveria justificativa para que ela se expressasse em uma oposição organizada. Portanto, o Partido precisava de disciplina e do reconhecimento da infalibilidade para manipular a verdade, que passava a ser variável de acordo com os propósitos da máquina governamental soviética. Assim, o principal elemento da política norte-americana nas relações “com a União Soviética terá que ser a repressão paciente, mas firme e vigilante, das tendências expansionistas da Rússia. É importante notar, ...que essa política nada tem a ver com ameaças ruidosas ou

⁵² SONDERN, Frederic Jr. O temor paralisa Viena. **Seleções do Reader's Digest**, setembro de 1947, p. 110.

⁵³ DIMITROV, George M. Fuga na Bulgária. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1947, p.107.

⁵⁴ RADITSA, Bogdan. Como os russos se apoderaram da Albânia. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1947, p. 54.

⁵⁵ Objetivos e razões do Kremlin. **Seleções do Reader's Digest**, janeiro de 1948, p. 31.

⁵⁶ Ibidem..

⁵⁷ Ibidem, p. 32.

atitudes supérfluas de dureza exterior”⁵⁸, já que isto permitiria que os soviéticos elaborassem uma contra ofensiva. Para os Estados Unidos era importante também

incutir nos povos do mundo a convicção geral de ser um país que sabe o que quer, que enfrenta com êxito os problemas de sua vida interna, cumpre com suas responsabilidades de potência universal, e goza de uma vitalidade espiritual necessária para sustentar seus próprios ideais entre as principais correntes ideológicas da época. Na proporção em que os Estados Unidos possam inspirar e manter essa convicção, os objetivos da Rússia comunista parecerão estéreis e quixotestos, as esperanças e o entusiasmo dos partidários de Moscou se desvanecerão, e será dificultada cada vez mais a política estrangeira do Kremlin.⁵⁹

Esta reportagem realmente explicou aos leitores quais eram as “chaves” das ações desenvolvidas por “Washington”. Conter, sem estabelecer um conflito direto, todas as ações expansionistas comunistas e transmitir uma visão favorável sobre os Estados Unidos. Era importante fazer com que a opinião pública dos países ocidentais preferisse um sistema liderado por um país com “vitalidade espiritual”, que tinha eficiência para enfrentar os problemas internos e consciência da sua missão de levar os valores universais de individualismo, liberdade individual, livre empresa e democracia para o mundo.

Uma das primeiras contra-ofensivas da União Soviética para evitar a recuperação econômica posta em prática pelo Plano Marshall em Berlim Ocidental foi o Bloqueio de Berlim em 1948. Para abastecer a cidade, que estava com todas as entradas impedidas, Truman estabeleceu uma ponte aérea que abasteceu a cidade ininterruptamente por quase um ano.

A política externa implantada pelos soviéticos em 1948 serviu para mostrar ao Ocidente a dificuldade de impor a vontade capitalista aos soviéticos e motivou a criação de um plano de defesa mútua entre os países da Europa Ocidental, o Canadá e os Estados Unidos. A Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN (NATO, em inglês) estabelecia proteção militar mútua mediante um ataque soviético a qualquer um dos países membros, mostrou o abandono definitivo da política isolacionista norte-americana. Somente através desta associação, a Europa Ocidental poderia começar a se igualar ao exército vermelho, numericamente superior. Através da integração da OTAN, os Estados Unidos estariam comprometidos a impedir o avanço das forças militares soviéticas nos

⁵⁸ Ibidem, p. 33.

territórios ocupados em 1947.⁶⁰

Após a entrada de um país asiático ao bloco comunista, quando Mao Tsé-Tung assumiu o poder da China, a política externa norte-americana tornou-se mais agressiva. A nova resolução do Conselho de Segurança, a NSC-68 de 1950, pregava a utilização da força militar norte-americana para garantir a sua posição hegemônica. Ao contrário de Kennan e da NSC-20, a NSC-68 informava que os Estados Unidos deveriam parar de negociar e dialogar com a União Soviética para fortalecer o combate ao comunismo com a superioridade atômica.

Para sustentar tal argumento a NSC-68 acreditava que a União Soviética seguia três objetivos, “solidificar e reter poder absoluto, buscar a extensão dinâmica da sua autoridade e eliminar qualquer oposição efetiva. E para realizar esses objetivos, seus métodos seriam: minar e atacar as instituições livres mundialmente e expandir seus mecanismos de autoritarismo e coerção.”⁶¹ Como os Estados Unidos não afirmavam sua superioridade atômica, a União Soviética estava agindo livremente.

A resolução ainda destacou um problema interno na União Soviética. A dominação autoritária do seu povo e dos países satélites resultaria em uma rebelião que derrubaria o governo, mesmo que a longo prazo. Mas como o perigo era eminente, os Estados Unidos não poderiam esperar por este momento.

A NSC-68 não condenava a contenção nem se preocupava com as características do poder soviético, mas sim com as falhas da política externa norte-americana. Como o perigo soviético era real, era necessário que os Estados Unidos aumentassem o arsenal atômico e fortalecessem o exército. A aplicação destas medidas era uma forma dos Estados Unidos garantir a segurança da ordem mundial, que resultaria na preservação do seu bem-estar.

Em março de 1949 a reportagem “Fatos que devem evitar a guerra”⁶² informava aos leitores e “aos dirigentes da Rússia soviética”⁶³ sobre a superioridade bélica dos Estados Unidos na Força Aérea e atômica. O texto também destacava que o mundo cristão desejava o estabelecimento da paz. Por

⁵⁹ Ibidem, p. 34

⁶⁰ DIGGINS, John Patrick. **The Proud Decades**. America in war and peace, 1941-1960. New York, W. W. Norton & Company, 1989, p. 81.

⁶¹ PECEQUILO, op. cit., p. 154.

⁶² HUIE, William B. Fatos que devem evitar a guerra. **Seleções do Reader's Digest**, março de 1949, p. 5.

⁶³ Ibidem.

isto,

os russos deviam saber que os Estados Unidos possuíam bombas atômicas prontas para destruir as suas cidades e a sua população. Este fato podia contribuir para a paz porque, se o inimigo tem consciência da força do seu adversário, não ataca tal facilmente. Assim, os dirigentes russos devem compenetrar-se de que, se fizerem um gesto na direção da Europa ocidental, a reação dos Estados Unidos será imediata, atômica e decisiva.⁶⁴

Segundo a reportagem, a partir do momento que os russos souberem da existência de um gigantesco arsenal bélico e atômico e de um exército preparado para um ataque imediato, não caberia mais aos Estados Unidos, os possuidores desta força militar, a manutenção da paz mundial. Pois se eles decidirem atacar qualquer parte da Europa Ocidental haveria uma guerra. A partir de então os Estados Unidos possuíam “uma organização de homens prontos à primeira voz, não a tomar a defesa no sentido clássico do termo, isto é, de repelir uma invasão, mas prontos a defender-se como o faz o pugilista: com um golpe direto e fulminante ao coração do adversário.”⁶⁵

Como afirmava essa e outras reportagens, que chegavam a ameaçar os soviéticos para garantir sua superioridade, a capacidade militar norte-americana passou a ser a melhor estratégia para garantir a sua supremacia, mas só ela não era suficiente. Da mesma forma era importante estender a ideologia norte-americana, ou seja um discurso que proclamava a defesa da democracia e o livre mercado, em todo o mundo.

A necessidade de aumentar o orçamento militar e interpretar qualquer ação que ameaçasse a segurança global como uma ameaça militar, defendida pela NSC-68, foi justificada em 1950 após o aumento do poder comunista, que alcançou a Ásia quando agregou a China e a Coréia. Estas ações ajudaram a convencer a população norte-americana a não se opor aos investimentos militares, característica que perdurou durante todo o período estudado.

A partir desse momento a Guerra Fria deixou de ocupar apenas o território da Europa e tornou-se presente em outras partes do mundo, a começar pela Coréia. O fracasso da intervenção norte-americana, resultante da entrada da China no conflito, fez diminuir ainda mais a popularidade de Truman e demonstrou a relutância dos norte-americanos em apoiar mais uma guerra.

⁶⁴ Ibidem, p. 6.

⁶⁵ Ibidem, p. 8.

As promessas de Eisenhower de acabar com a guerra da Coreia e de fortalecer o exército para minar o poder soviético contribuíram para a sua eleição. No governo manteve a contenção e passou a considerar perigosa a expansão não só do poder soviético, mas também da ideologia comunista. Quanto ao discurso sobre a defesa dos povos contrários ao comunismo, continuou distante da realidade, pois os levantes nacionalistas anti-soviéticos de Berlim Oriental em 1953 e da Hungria em 1956 não receberam nenhum apoio norte-americano.

Nos primeiros anos da década de 50, a revista *Seleções* manteve o apoio à política externa norte-americana e continuou publicando várias reportagens que defendiam a contenção⁶⁶ e valorizavam a superioridade bélica norte-americana⁶⁷. Quanto a União Soviética, publicou reportagens que descreviam todas as suas ações expansionistas no mundo, ignorando o desenvolvimento de suas bombas atômicas e sua posição dianteira na corrida espacial. Vale destacar que poucas reportagens falaram desse assunto. Uma delas, “A corrida que a Rússia está ganhando”, publicada em novembro de 1956 dizia que a única vantagem que a União Soviética possuía em relação aos Estados Unidos era a sua potência militar. Pois ao contrário do Ocidente, a ela não investia em nada que pudesse melhorar a qualidade de vida e oferecer bem-estar ao seu povo.

Em muitas dessas reportagens a revista defendeu os interesses norte-americanos ao denunciar as reações contrárias ao imperialismo estadunidense, praticadas pelos povos da América Latina e da África, como o resultado da infiltração comunista.⁶⁸

Nos anos 50 a revista continuou denunciando as ações comunistas através de reportagens e de narrativas que descreviam aos leitores todos os sofrimentos passados pela população que vivia nos países comunistas. Falta de produtos alimentícios, trabalho escravo, espionagem e perseguições políticas enchiam as páginas de *Seleções*, que eram capazes de convencer os leitores mais indiferentes à abominarem o comunismo e a tudo o que ele representava. Dentre

⁶⁶ Como “Podemos abolir a guerra?”, publicada em julho de 1955 e “Os objetivos de Eisenhower”, publicada em dezembro de 1953.

⁶⁷ Como “Armas para combater a Rússia”, de Abril de 1953, “O projétil-foguete que despedaça aviões”, de setembro de 1953, “Nosso futuro à luz da bomba de hidrogênio”, de setembro de 1954.

⁶⁸ A presença comunista na Guatemala foi o assunto da reportagem “Guatemala: ensaio de dominação comunista”, publicada em fevereiro de 1954. As reportagens que relacionavam o comunismo às ações nacionalistas e antiamericanistas que ocorreram na América Latina nos anos 50 e 60 foram analisadas em JUNQUEIRA, M. **Ao Sul do ...** op. cit. pp. 197-230.

as diversas narrativas que descreviam a situação política e social dos países satélites, destacou-se “A ponte de Andau”⁶⁹ que, em 46 páginas, contava aos leitores os motivos que levaram algumas pessoas comuns a participar do levante nacionalista da Hungria em 1956. A história estava dividida em seis partes que descreviam os piores momentos do conflito.

Durante o conflito até mesmo os oficiais comunistas começaram a lutar ao lado da população húngara quando perceberam que os oficiais da polícia secreta comunista estavam atirando em pessoas desarmadas.

Vendo isso, um oficial do Exército Húngaro tomou uma decisão difícil. Ele havia jurado proteger a Hungria – e isso significava especialmente defender o governo comunista – contra todos os inimigos, mas aqueles inimigos que atacavam a Rádio Budapeste não eram estrangeiros nem os cães capitalistas contra quem fôra acautelado. Eram seus irmãos, seus filhos e as mulheres que ele amava.⁷⁰

Um jovem intelectual que também participou da revolução, conforme a revista, disse que “foi a elite comunista que comandou a revolução anticomunista”⁷¹ na Hungria. Nas praças, onde havia uma estátua de Stalin, o povo a arrancou “e começou a cuspir nele. Homens e mulheres que haviam sofrido sob o regime se Stalin experimentaram assim uma vingança momentânea profanando o monstro caído.”⁷² Em outros lugares, as pessoas queimavam livros comunistas. A própria imagem utilizada como âncora reforçava o ódio que a população húngara sentia pelos comunistas (Figura 17), sentimento materializado em um ato de extrema violência, pois mostrava algumas pessoas batendo no rosto de uma estátua de Stalin que estava caída no chão.

Michener também contava que nos quartéis houve resistência contra as tropas comunistas. O fracasso da implantação da ideologia comunista se manifestava em todos os grupos sociais. Trabalhadores, operários privilegiados, médicos, soldados de confiança, estudantes, ninguém mais acreditava nas mentiras comunistas. “Ao enfrentar a sua primeira grande prova nos países satélites, o comunismo constatou que os jovens que havia doutrinado... se voltavam contra ele. A seguir descobriu que os intelectuais que afagara com promessas de alta

⁶⁹ MICHENER, James A. A ponte de Andau. **Seleções do Reader's Digest**. Abril de 1957, p. 129.

⁷⁰ Ibidem, p. 137.

⁷¹ Ibidem, p. 141.



Figura 17

posição não só o rejeitavam, mas pegavam em armas.”⁷³

A história contou que depois de cinco dias de intensa batalha, os russos abandonaram a cidade. A população chegou a acreditar na vitória, mas os comunistas voltaram depois de uns cinco dias com armamento pesado como tanques maiores e aviões bombardeiros para tomar a cidade. A população passou

⁷² Ibidem, p. 147.

⁷³ Ibidem, p. 158.

a acreditar em um boato sobre a intervenção dos Estados Unidos e das Nações Unidas a seu favor, mas “quando o tempo mostrou que esses boatos eram falsos e que nenhum poder externo tinha qualquer intenção de apoiar a revolução já vitoriosa, a sensação sinistra de que tinham ficado isolados se apossou da cidade.”⁷⁴

O terror praticado pelos soviéticos era também um ato de vingança contra a população que desprezou o comunismo. O resultado do massacre foi contabilizado por alguns “combatentes da liberdade. As suas cifras não podem deixar de ser aventurosas... mas é provável que a realidade seja mais ou menos esta: os russos destruíram por completo 8.000 prédios e arrebentaram a tiro cerca de 60% das janelas da cidade. Cerca de 30.000 húngaros foram mortos ou feridos, ao lado de mais 10.000 sepultados vivos nos edifícios que desabaram.”⁷⁵ Para não descrever os reais motivos da rebelião, os comunistas assumiram a seguinte explicação para os fatos:

As bestas ferozes do fascismo quiseram restaurar o poder dos capitalistas. Estamos convencidos de que o povo húngaro, a fim de proteger a paz, possuirá suficiente força para esmagar as quadrilhas fascistas. Em todo o mundo liberado pela União Soviética tem a maior significação a unidade dos países do bloco socialista. A Hungria restabelecerá a ordem e voltará então ao construtivo trabalho socialista. A vitória rápida conseguida sobre as forças anti-revolucionárias eram constituídas apenas pela rale da nação. Também prova que não tinham o apoio das massas!⁷⁶

O autor finalizou explicando aos leitores como soube destes fatos. Eles foram narrados pelos húngaros que fugiram para a Áustria em uma pequena ponte mal conservada que ficava na fronteira entre este país e a Hungria. Por aquela ponte, ‘A ponte Andau’, passaram mais de 20.000 húngaros que fugiram para a liberdade. A reportagem também utilizou uma imagem para destacar a representação dos fugitivos, que carregavam o extremamente necessário em algumas malas e embrulhos para sair do país (Figura 18).

Essa narrativa confirmava um dos pressupostos da contenção, ou seja, o autoritarismo e a violência praticada pelos comunistas contra o seu próprio povo iria ser o seu maior problema, pois um dia este povo iria revoltar-se contra o regime e destruí-lo. O levante da Hungria não tinha triunfado, mas mostrava aos

⁷⁴ Ibidem, p. 173.

⁷⁵ Ibidem, p. 195.

⁷⁶ Ibidem, p. 197.

ocidentais as mentiras difundidas pelos comunistas, a violência utilizada para conter o movimento e, mais do que tudo, favorecia o capitalismo, onde havia,

A Ponte de Andau

1—O Jovem Josef Toth

NO DIA 23 de outubro de 1956, terça-feira—dia que o mundo custará a esquecer—um rapaz de 18 anos entrou no escritório de seu capataz, na fábrica de locomotivas da Rua Kobanyai, em Budapeste, capital da Hungria.

—Você precisa assistir a mais reuniões do grupo de estudo comunista—advertiu bruscamente o capataz.

Sendo jovem, o rapaz sentiu-se tentado a recalcitrar, mas algo no olhar frio do capataz aconselhou em contrário. Aceitou a repreensão. Fora do escritório pensou: “Trabalho dez horas por dia e não recebo comida suficiente. Por que devo assistir às reuniões comunistas depois do trabalho?”

Era um jovem bem parecido, louro, ereto, de olhos cinzentos. Usava calças baratas de veludo *côtelé*, um casaco esporte muito ordinário, com um fecho *éclair* que raramente funcionava, e botinas pesadas, quentes. No armário tinha um sobretudo gros-

so que não era quente, e um boné. Fora um terno domingueiro muito fino que tinha na casa de seu pai, isso constituía toda a sua roupa, embora trabalhasse havia já quase quatro anos. A má comida, a passagem de bonde e um pouco de dinheiro para ajudar seu pai consumiam todo o seu salário, que era lamentavelmente baixo.

Josef Toth não tinha mãe. Ela morrera dois anos antes, misteriosamente, e sua morte fôra não só uma tragédia mas também um desastre para a família. Acontecera do seguinte modo: sua mãe era uma mulher grande, jovial e comunicativa, incapaz de resistir a contar uma pilhéria, e uma das razões por que Josef tinha um sorriso tão pronto era sua longa convivência com essa mulher bem humorada.

Mas numa ocasião, durante um jantar em sua casa, no qual tomavam parte alguns amigos, ela dissera:

—Para onde quer que a gente olhe,



Figura 18

segundo a propaganda oficial, liberdade política para a escolha dos líderes políticos e para manifestar-se contra o governo.

A década de 50 marcou a crescente superioridade científica e nuclear soviética e trouxe maiores preocupações aos norte-americanos, que já estavam assustados com a infiltração comunista propagada por McCarthy, com a ameaça de uma guerra nuclear e com as pequenas crises internas resultantes do aumento da inflação.

Após o estabelecimento do Pacto de Varsóvia, com a denúncia dos crimes praticados durante o governo de Stalin feitas por Nikita Krushev no XXº Congresso do Partido Comunista da União Soviética, e com as conseqüentes mudanças na política externa estabelecidas a partir de 1956, a União Soviética orientava-se para uma coexistência pacífica. O resultado foi a dissolução do *Kominform* e a tentativa de negociar o controle sobre as armas nucleares com os Estados Unidos.

A ofensiva soviética e a contenção, durante os anos 50, avançaram para as antigas colônias da África e da Ásia. A entrada de um regime pró-comunista no Vietnã do Norte, os conflitos sobre o Canal de Suez em 1956 e as intervenções norte-americanas na Jordânia e no Líbano traziam novos atores para a Guerra Fria. Para as duas potências, essas eram novas áreas de expansão política e econômica. Entretanto alguns países do Sul estavam interessados em participar mais ativamente da ordem econômica mundial, influenciando o Movimento do Terceiro Mundo e dos Não Alinhados. Na América Latina crescia o descontentamento da população em relação ao descaso dos Estados Unidos com os seus problemas e as crescentes intervenções norte-americanas contrárias a qualquer governo nacionalista ou que houvesse aproximações com as esquerdas.

3.2 Que perigo é este que ronda a nossa pátria?

Desde a sua fundação a revista defendeu e repetiu vários valores tradicionais dos Estados Unidos. Como possuía um perfil conservador, nos períodos em que a política norte-americana cortava relações diplomáticas com outros países, *Seleções* apoiava o governo de diferentes formas. Dentre elas, as que mais se destacavam pelos apelos afetivos eram as que demonstravam a falta de caráter e as ações normalmente ilegais praticadas pelo inimigo, nesse caso o comunismo.

No período estudado *Seleções* noticiou todos os acontecimentos da política externa norte-americana e contribuiu para formar entre os seus leitores opiniões favoráveis aos interesses do governo norte-americano. Quanto à política interna, as notícias que denunciavam a infiltração comunista nos Estados Unidos também foram utilizadas para favorecer grupos conservadores norte-americanos, como

senadores do Partido Republicano e os grupos empresariais.

Ao contrário do que aconteceu com a política externa e com as relações trabalhistas norte-americanas, a revista fez poucas referências aos casos de espionagem comunista nos Estados Unidos, ao marcartismo, ao Partido Comunista norte-americano e às ações dos grupos anticomunistas deste país. Durante o período estudado o marcartismo foi o maior fenômeno do anticomunismo norte-americano. A elaboração de uma verdadeira cruzada contra um inimigo inventado, no início dos anos 50, foi liderada pelo senador Joseph McCarthy. Para entender o que justificou a abertura de inquéritos contra cidadãos norte-americanos que estariam direta ou indiretamente ligados ao comunismo⁷⁷, é necessário conhecer o anticomunismo norte-americano.

Esse fenômeno teve início nos primeiros anos do século XX com a chegada de imigrantes europeus de língua não inglesa, principalmente italianos, que traziam consigo doutrinas européias de transformação social, como o anarquismo e o socialismo. Por este motivo não assimilavam rapidamente os valores do Americanismo como a “crença da iniciativa privada, a defesa das liberdades políticas, o individualismo e a confiança nas autoridades e instituições.”⁷⁸

O sentimento de estranhamento e repulsa diante de propostas políticas igualitárias, defendidas por intelectuais e por membros da classe operária, aumentou entre os norte-americanos com o processo revolucionário de 1917 e com a fundação do Partido Comunista Norte-americano em 1919.⁷⁹

A simples presença deste partido, que propunha a conquista do poder e a destruição da burguesia, já incomodava os cidadãos norte-americanos contrários às propostas de coletivização, à ditadura do partido único e defensores árdus da religião cristã. Além disto, naquela época vários atentados ocorridos em cidades norte-americanas foram relacionados ao partido comunista, que no mesmo ano da sua fundação já começou a sofrer ataques da imprensa, censura policial e deportação dos membros do partido.

⁷⁷ A perseguição direta aos comunistas norte-americanos contou com o apoio de órgãos e funcionários do governo como o HUAC, responsável por investigar a existência de atividades subversivas no território dos Estados Unidos.

⁷⁸ RODRIGHERO, C. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 464.

⁷⁹ De acordo com HAYNES, op. cit. p. 4.

Com a depressão, resultante do colapso do sistema capitalista, a ideologia comunista passou a ser vista com outros olhos pela opinião pública. A partir deste momento, o partido atuou mais livremente nas associações de trabalho, no meio intelectual e na política através de alianças com os partidos trabalhistas regionais. Mas, ao mesmo tempo em que o Partido Comunista alcançava o apogeu, o governo norte-americano descobria os primeiros casos de espionagem praticada por pessoas ligadas ao partido. Entre a população, o sentimento anticomunista também se fortalecia devido ao crescimento dos regimes fascistas na Europa, associados ao comunismo.

Após o pacto germano-soviético que estabelecia a não agressão entre a Alemanha e a União Soviética, a associação entre os regimes fascistas e o comunismo se fortaleceu ainda mais. Contudo, quando a União Soviética começou a lutar ao lado dos Estados Unidos e dos países aliados devido ao rompimento do pacto de não-agressão, a comparação entre os regimes nazista e soviético deixou de ser feita com tanta freqüência, vindo a se fortalecer novamente a partir de 1946.

Com o início da Guerra Fria o anticomunismo cresceu e ganhou o apoio do governo através da aprovação de leis de lealdade e do controle efetivo do Partido Comunista norte-americano. A intensificação do conflito entre os Estados Unidos e a União Soviética, o fortalecimento do comunismo na Ásia com a entrada da China e da Coréia ao comunismo, e a denúncia de alguns casos de espionagem, interpretados como os responsáveis pela fabricação soviética da bomba atômica, criaram uma grande preocupação no governo e nos cidadãos norte-americanos. O fortalecimento da União Soviética e a infiltração comunista nos Estados Unidos estavam causando um verdadeiro pânico vermelho, criando um ambiente propício para a acusação desenfreada de intelectuais, políticos e artistas estarem ligados ao comunismo, beneficiando alguns políticos norte-americanos.

Neste processo algumas pessoas, principalmente ligadas aos grupos religiosos, acreditaram realmente na possibilidade de acontecer uma guerra quase apocalíptica. A partir desse momento estes grupos desenvolveram práticas anticomunistas nas suas comunidades, exigindo que professores, políticos, cientistas e outros profissionais prestassem juramento de lealdade aos Estados Unidos, defendessem a moral e a tradição, etc.

Esse foi o contexto da formação do marcartismo, movimento liderado pelo

Senador Joseph McCarthy, que acusou a participação de centenas de norte-americanos em atividades subversivas por estar direta ou indiretamente ligados ao Partido Comunista norte-americano. Nesse período as acusações de espionagem aumentaram, associando o comunista à imagem de traidor, envolvido em uma conspiração mundial unicamente para destruir o sistema capitalista e os Estados Unidos.

Algumas reportagens de *Seleções* trataram desse tema. Elas informavam aos leitores os casos de espionagem relacionados aos segredos da bomba atômica e mostravam as ações desenvolvidas pelo governo norte-americano para acabar com o roubo de informações secretas. Uma destas reportagens chamava-se “CIC: os caçadores de espiões”⁸⁰, sobre o Serviço de Contra-espionagem do exército dos Estados Unidos – CIC, uma força militar constituída por civis norte-americanos, por uma rede de informantes e por soldados. Todos que trabalhavam lá prestavam juramentos de lealdade ao país. Esse grupo “vem travando há dez anos, sem publicidade, uma batalha destinada a proteger os segredos militares dos Estados Unidos contra agentes inimigos e contra norte-americanos desleais ou descuidados”⁸¹.

Esses agentes investigavam a lealdade dos convocados para o serviço militar, dos funcionários públicos e do governo, observavam os russos na Europa e defendiam as tropas das Nações Unidas na Coreia contra os comunistas. Os membros do CIC eram voluntários treinados em uma escola do exército que os preparava com aulas de “política internacional, línguas estrangeiras, psicologia, direito e explosivos. Há cursos especiais para que os agentes se adestem em falsificar documentos, abrir fechaduras com gazuva, arrombar cofres e decifrar mensagens em códigos. Aprendem também a manejar toda espécie de armas de fogo.”⁸²

Em toda a Europa, de acordo com a revista, circulavam milhares de espiões comunistas buscando informações sobre a política, a economia e o exército norte-americano. Seus espiões eram “recrutados por meio de suborno, fidelidade ao comunismo ou do receio de prisão ou represálias contra pessoas da

⁸⁰ JOHNSON, Thomas M. CIC: os caçadores de espiões. **Seleções do Reader's Digest**, junho de 1952, p. 105.

⁸¹ Ibidem.

⁸² Ibidem, p. 106.

família”⁸³ e deveriam infiltrar-se no funcionalismo público norte-americano para trazer informações aos soviéticos. Cabia a CIC localizar todos os agentes para impedir tais atos.

A revista descreveu diversas ações realizadas pelos espiões da CIC desde a Segunda Guerra Mundial. Um dos agentes, por exemplo, foi preso e torturado pelos comunistas.

Tinha o corpo cheio de equimoses, manchas violáceas sob os olhos e os cabelos empastados de sangue. Mas conservava em seu poder um pequeno pedaço quadrado de papel dobrado, contendo informações sobre quando, como e onde procurariam os russos introduzir outro espião nos meios aliados. Os russos não tinham descoberto o papel nem haviam conseguido fazer o agente entregá-lo, a despeito das torturas que o submeteram.⁸⁴

Como a reportagem mostrava, o governo norte-americano utilizava contra-espionagem para diminuir a espionagem nos Estados Unidos. A eficiência destes homens, manifestada na coragem e nos conhecimentos que possuíam, poderia trazer segurança para o governo e para a população que, em 1952, ano de publicação da reportagem, já conhecia os casos de infiltração comunista nas universidades, em Hollywood, e no governo. Quanto ao caso da bomba atômica, a revista reforçou a relação de comunistas com os acusados na reportagem “A verdade sobre o famoso caso Rosenberg”⁸⁵.

Segundo a reportagem, a história do casal Rosenberg, preso e condenado à morte nos Estados Unidos pelo roubo dos segredos da bomba atômica durante a Segunda Guerra, para serem enviados à Rússia, estava comovendo milhares de pessoas dentro e fora do país. Indignados com as acusações, os membros do Partido Comunista estavam promovendo “desde reuniões em recintos fechados a comícios públicos, desfiles com cartazes e vigílias de oração”⁸⁶ para salvar o casal da condenação. Em vários países eles eram vistos como os “mártires da paz”⁸⁷ e os Estados Unidos como “selvagens, bárbaros e desumanos”⁸⁸. Mas ao contrário do que acontecia na União Soviética, onde milhares de pessoas trabalhavam como escravos e outras tantas eram condenadas à morte em

⁸³ Ibidem, p. 110.

⁸⁴ Ibidem, p. 111.

⁸⁵ FINEBERG, S. Andhil. A verdade sobre o famoso caso Rosenberg. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1953, p. 159.

⁸⁶ Ibidem.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ Ibidem.

julgamentos falsos, nos Estados Unidos, quando os espiões foram julgados dentro da lei e da democracia, muitas pessoas interpretaram tal atitude como injusta e contrária aos direitos humanos.

O casal Rosenberg foi acusado pelos “seus companheiros de conspiração, David Greenglass, a mulher deste e Harry Gold. Aos seus depoimentos foram acrescentadas provas suplementares que se ajustaram perfeitamente aos fatos”⁸⁹ como o envio de dinheiro para ajudar na fuga de Greenglass. O advogado do casal Rosenberg não conseguiu provar a inocência dos seus clientes e o resultado foi a condenação unânime, feita por um júri popular. Todos os protestos para a libertação do casal não tiveram efeito e ele foi executado conforme os trâmites legais.

A reportagem pretendia justificar as ações de parte da opinião pública norte-americana e até mesmo mundial, contrária a acusação, como o resultado da influência comunista, pondo em dúvida a eficiência do processo judicial que cuidou do caso Rosenberg. Tudo ocorreu dentro dos valores democráticos e, por isto, eles iriam ser mortos, ao contrário do desejo dos comunistas que já estavam lhes dando o título de mártires.

Outros casos de espionagem foram publicados em *Seleções*. A reportagem “Nós demos tudo aos vermelhos”⁹⁰ descrevia a espionagem comunista e a ação de um funcionário norte-americano como uma aventura. A imagem utilizada como âncora da reportagem mostrava o momento que Jordan, já desconfiado dos comunistas, descobria o roubo de documentos e tentava evitar que mais informações fossem levadas ao inimigo (Figura 19).

Durante a guerra George Racey Jordan, um oficial americano de empréstimos e arrendamentos, trabalhava com oficiais russos em uma base militar na região do Alasca. Lá, lugar onde norte-americanos não podiam entrar, não havia nenhuma espécie de controle sobre a entrada de russos no território norte-americano.

Os aviões russos chegavam regularmente cheios de pessoas que não era identificadas. Eu as via desembarcar dos aviões, pular as cercas e sair correndo à procura de táxis. Pareciam saber de antemão exatamente para onde deveriam ir. Era um sistema perfeito de introduzir espiões com identidades falsas, para prestarem serviço durante e depois da

⁸⁹ Ibidem, p. 160.

⁹⁰ JORDAN, George Racey. Nós demos tudo aos vermelhos. **Seleções do Reader's Digest**, março de 1953, p. 65.



Figura 19

guerra.⁹¹

Desconfiando destas atitudes, Jordan passou a mapear todos os russos que estavam nos Estados Unidos. Ele também percebeu que eles sempre levavam consigo valises pretas amarradas ao pulso. No começo eram apenas duas valises, depois chegavam a levar duas toneladas de papéis. Nelas estavam muitos segredos de Estado norte-americano como lugares de indústrias, estradas de ferro, documentos da Casa Branca, relatórios feitos pelos espões americanos na Rússia e muitas informações sobre a bomba atômica. O roubo de informações chegou a tal ponto que até urânio os espões levavam consigo.

Muitos indivíduos responsáveis por guardar segredos de Estado estavam envolvidos nesta conspiração. “Em Washington havia pessoas que pareciam empenhadas em fazer com que a Rússia recebesse o material necessário a experiências atômicas a todo custo.”⁹² Apenas depois da guerra o autor soube que por aquele lugar haviam saído as informações que auxiliaram o desenvolvimento da bomba atômica pelos soviéticos.

O aspecto mais interessante desta reportagem foi denunciar a entrada de

⁹¹ Ibidem, p. 66.

diversos russos sem identificação no território norte-americano, atitude esta planejada anteriormente e que tinha o objetivo de levar diversos segredos de Estado aos russos. Neste conluio, participavam cidadãos norte-americanos ligados ao comunismo, capazes de trair a própria nação em nome de um ideal. Esse era o maior perigo que os comunistas norte-americanos poderiam causar, prejudicar a defesa da pátria.

Nos anos 50 uma verdadeira Cruzada anticomunista, liderada pelo senador Joseph McCarthy, procurou comunistas ou simpatizantes do comunismo em todos os setores da política e da cultura norte-americana, causa esta que contou com o apoio de grande parte da população. O marcartismo acreditava que até mesmo os atores das séries televisivas que representavam o *American way of life* poderiam ser comunistas. Neste clima de incertezas e perseguições, qualquer atitude que representasse um desvio de caráter poderia prejudicar a audiência do programa e até a carreira do artista mais famoso do momento. Isso quase aconteceu com Lucille Ball pelo seu suposto envolvimento com o comunismo.

A atriz protagonista da série "I Love Lucy" foi uma das pessoas acusadas pelo marcartismo. Para o conforto dos seus telespectadores ela não era comunista como destacava a reportagem "A verdadeira história de Lucille Ball", publicada em *Seleções* de outubro de 1954⁹³.

A reportagem apresentava a biografia da atriz, uma das maiores comediantes da América e uma das mulheres mais famosas dos Estados Unidos. Seu programa intitulado "I love Lucy", estava em primeiro lugar em popularidade na TV norte-americana nos anos 50 e apresentava uma dona-de-casa que sonhava com o sucesso e o "glamour" do mundo cinematográfico, ameaçando constantemente abandonar o marido para tornar-se atriz, principalmente quando sentia-se desconfortável com os problemas familiares. Mas, para a alegria de todos os seus 40 milhões de espectadores norte-americanos, a família era sempre a escolha mais importante de Lucy.

De acordo com a reportagem, Lucille sempre quis ser atriz, mas antes de chegar ao estrelato trabalhou em várias funções, como vendedora e modelo. Casou-se em 1940 com Desiderio Alberto Arnaz, músico cubano. Quando estava grávida do seu primeiro filho, Lucille

⁹² Ibid, p. 69.

... foi chamada a depor perante a Comissão de Inquérito sobre Atividades Antiamericanas do Congresso dos Estados Unidos. O interrogatório, que teve lugar num escritório de Hollywood, referia-se a intenção manifestada pela atriz de votar na chapa comunista, no ano de 1936. Ela explicou o papel desempenhado pelo seu avô nas suas atividades políticas daquela época e, terminado o rápido inquérito, apertou a mão dos membros da Comissão retirando-se, inteiramente livre de suspeitas.⁹⁴

Em 1953 Lucille foi novamente acusada de comunista. A atriz

Novamente declarou que só registrara sua intenção de votar na chapa comunista para satisfazer ao seu avô. Novamente descreveu a personalidade estimável e vigorosa do avô: 'Nós não discutíamos muito com ele porque o velho já sofrera dois derrames e, se se exaltasse, poderia ser vítima de mais um. Nunca contribuí monetariamente, nunca assisti a reuniões nem tive o menor contato com pessoas ligadas ao comunismo. Em nenhum período de minha vida senti qualquer afinidade com o comunismo ou algo parecido.'⁹⁵

Mesmo tendo a garantia da Comissão de que o seu depoimento não seria apresentado à imprensa, Lucille viu em todos os jornais a acusação da sua ligação ao comunismo, fato este que desencadeou uma grande publicidade negativa para a sua carreira. Mais uma vez foi necessário provar a sua inocência e seu marido foi enfático:

Lucille não é comunista. Ambos detestamos o comunismo e tudo o que ele representa. Amanhã publicaremos a reprodução literal do depoimento de Lucille, e vocês mesmos o poderão ler. Hão de ver, então, que isso tudo é um amontoado de mentiras. (...) por sinal os cabelos vermelhos são a única coisa vermelha que ela tem... e assim mesmo são pintados!⁹⁶

Esclarecidos os fatos, a vida pessoal e profissional de Lucille Ball voltou ao normal. A atriz continuou gravando o seu programa, dedicando-se aos seus filhos e à religião, que ocupava um grande espaço na vida da família.

Caso a acusação feita à Lucille fosse verdadeira, a atriz seria seriamente repreendida pelo Governo e por grande parte da população norte-americana, fortemente anticomunista. A repercussão do envolvimento de intelectuais, artistas e diretores de cinema acusados de ter alguma ligação com o comunismo no grande público era tão negativa a ponto de poder acabar com a carreira do acusado.

⁹³ HARRIS, Eleanor. A verdadeira história de Lucille Ball. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1954, p. 149.

⁹⁴ Ibidem, p. 166.

⁹⁵ Ibidem, p. 172.

⁹⁶ Ibidem, p. 176.

No período estudado *Seleções* vinculou muitas reportagens explicativas sobre o comunismo, os comunistas e as características governamentais da União Soviética. Dentre elas, “Deus ou o Homem?”⁹⁷ se propunha a explicar aos leitores, “...de *maneira penetrante* o que é, na realidade, o comunismo”⁹⁸. O autor, Whittaker Chambers, foi uma das principais testemunhas de acusação em um processo de espionagem sobre o envolvimento de um alto funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos, acusado de enviar documentos roubados aos membros do Partido Comunista norte-americano. O próprio autor participou desta espionagem, mas “Depois de romper com o comunismo, e levado pela sua renovada crença na democracia ocidental, denunciou os conspiradores que ainda se achavam em condições de ameaçar a segurança dos Estados Unidos.”⁹⁹

De acordo com a reportagem, a geração da década de 50 estava sofrendo “o destino de viver essa fase crítica da história”¹⁰⁰, por ter que decidir o futuro da humanidade em relação ao comunismo: “se o mundo inteiro vai viver em liberdade ou se a civilização, tal como a conhecemos, vai desaparecer nessa luta.”¹⁰¹ A origem deste problema se relacionava com uma crise moral e social resultante do desenvolvimento da ciência e da técnica na humanidade, que não estava preparada para tal transformação. Para ele, esta crise se estruturava da seguinte forma: “As guerras mundiais são a expressão militar da crise; depressões econômicas que se estendem ao mundo inteiro são a sua expressão econômica. Seu clima espiritual é o desespero universal. Este é o clima do comunismo.”¹⁰²

Chambers responsabilizava o grande número de adeptos do comunismo ao poder de fascinação que ele exercia sobre as pessoas. Para entender este poder, o autor primeiramente apresentou o que não era o comunismo:

O comunismo não é mera conspiração criminosa, tramada por homens perversos no fundo de um porão; não é apenas os escritos de Marx e Lênine, o Politburo, o Exército Vermelho, a polícia secreta, os campos de trabalho forçado, a conspiração subterrânea, a ditadura do proletariado; nem é mesmo êsses milhões de pessoas que desfilar

⁹⁷ CHAMBERS, Whittaker. Deus ou o Homem? **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1952, p. 30.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Ibidem.

¹⁰² Ibidem, p. 31.

periódicamente pelas capitais do mundo, como exércitos desorganizados, cantando e agitando bandeiras.¹⁰³

Chambers continuava a argumentação descrevendo um retrato dos comunistas como sujeitos falsos, que não acreditavam em nenhuma religião, não seguiam qualquer valor moral e pregavam a violência e a traição. Mas estas informações não eram suficientes para descobrir a essência do comunismo. Para ele,

O laço que une os comunistas por cima das fronteiras das nações, das barreiras de línguas e das diferenças de classes e educação, desafiando religião, moral, verdade, lei, honra, as fraquezas do corpo e as indecisões do espírito, até mesmo a morte, é uma simples afirmação de Karl Marx, simplificada para facilidade de uso: “É preciso transformar o mundo.”¹⁰⁴

O segredo da força dos comunistas estava na existência de um ideal maior e na capacidade de seguir as suas convicções. Sendo orientados por este ideal, os comunistas viviam e morriam pela sua fé – porém uma fé distante de Deus.

A reportagem argumentava que a razão deveria organizar a vida e o mundo dos comunistas. Nesta visão materialista da realidade, Deus não era considerado a inteligência superior criadora do mundo e que orientadora dos homens. Assim o sobrenatural deixava de explicar a realidade para ser substituído pelos instrumentos da ciência e da técnica. Estes fatores fortaleciam a crise que originou o comunismo, iniciada quando, em nome da Inteligência, os homens se afastavam de Deus. O autor ainda lembrava que nunca houve uma nação sem Deus – mas a história estava entulhada de ruínas de nações que ficaram indiferentes a Ele e soçobraram.¹⁰⁵ Por isto, um dos maiores problema do comunismo era separar o povo de Deus.

Finalmente, o autor se perguntava por que existiam poucas pessoas que, como ele, eram devotas do comunismo e que romperam definitivamente com os seus ideais. A motivação para elas eram os gritos ouvidos durante a noite.

Qual o comunista que nunca ouviu êsses gritos? Podem ser os gritos de maridos separados das espôsas em prisões efetuadas na calada da noite. Podem ser os gritos abafados que sobem dos porões de execução da polícia secreta ou de tôdas as câmaras de tortura que agora se estendem de Berlim a Cantão. Podem vir dos vagões de carga em que são amontoados os inimigos do Estado comunista e abandonados em remotos

¹⁰³ Ibidem, p. 31.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 32.

desvios para morrerem de frio no inverno russo. Podem nascer de espíritos enlouquecidos com os horrores da fome em massa, ordenada e executada como medida policial do Estado comunista. Podem partir daqueles pobres famintos que morrerão de trabalho ou de espancamentos na sordidez gelada dos campos de trabalho das regiões subárticas. Podem sair dos lábios de crianças cujos pais são súbita e inexplicavelmente separados delas, e que nunca mais voltarão a ver.¹⁰⁶

Todos os comunistas poderiam ouvir estes gritos, mas poucos eram os capazes de sentir, depois de tempo trabalhando no partido, o silêncio e a solidão que deixava a vida sem grandes significados. Apenas neste silêncio que se conseguia ouvir os gritos que orientava o afastamento do partido e a volta do homem a Deus.

Esta reportagem se destaca pela riqueza utilizada na descrição do comunismo e por referir-se a algumas bases do sentimento anticomunista, quais sejam a religião, a associação ao nazismo e o papel desempenhado por ex-membros do partido comunista no auxílio do anticomunismo norte-americano¹⁰⁷. Dos três, o recurso mais marcante foi a utilização de alguns símbolos cristãos que fortaleciam o problema da existência do comunismo.

O primeiro deles, o anticomunismo religioso, apresentava aquele momento histórico como uma fase crítica, onde a humanidade iria enfrentar uma luta em defesa da liberdade. Nessa luta, só haveria um resultado possível, ou a sobrevivência de todos garantida pela vitória ou a destruição da humanidade caso o comunismo saísse vitorioso.

Essa situação extrema poderia ser associada ao Apocalipse, último livro da Bíblia onde o profeta João descreveu os últimos momentos da humanidade durante o Julgamento Final. Nesta interpretação da reportagem, a previsão feita pelo autor tratava o comunismo como o possível destruidor de todos os povos e desta forma, o aproximava ao Demônio, ser maléfico responsável por todas as desgraças humanas. Da mesma forma, o início da Guerra Fria também era visto como o momento decisivo da humanidade, prestes a desaparecer caso fosse dominada pelo comunismo, o próprio *desespero universal*.

Por estarem distantes de Deus, os comunistas eram falsos, imorais, praticantes da violência e da escravidão. Por este motivo estavam destinados à ruína, pois várias nações já sucumbiram ante a fúria e o castigo de Deus pela

¹⁰⁶ Op. cit. p. 33.

prática de tais pecados, como Sodoma e Gomora.

Este era o principal problema do comunismo, estar afastado de Deus. Entretanto, ele não deixava de ser uma crença fascinante e sedutora o suficiente para atrair alguns homens para si. Por isto, ele não deveria ser interpretado apenas como uma conspiração, organizada na clandestinidade dos *porões* e do mundo *subterrâneo*, nem como a simples prática da violência feita por pessoas *desorganizadas*; mas sim como um fanatismo baseado em um ideal de transformação mundial, perigoso por estar distante de Deus.

Como já foi dito anteriormente, a liberdade religiosa fazia parte do processo fundador da nação norte-americana. Para muitos norte-americanos, a prática religiosa era mais do que uma questão espiritual, era uma característica de civismo ao mostrar publicamente estar de acordo com os valores defendidos pelo americanismo. Deste modo, para a religião protestante e católica, o comunismo não era só uma questão política, econômica ou militar, mas um problema espiritual por afastar a presença de Deus na sociedade, rompendo com a ligação estabelecida entre o sagrado e os seus fiéis.

Ressaltava-se que, segundo a reportagem, o afastamento de Deus por parte de seguidores da esquerda já se processava antes da Revolução de Outubro, nas Teorias Evolucionistas. Já no século XIX, como se sabe, os fundamentalistas norte-americanos lideraram um movimento contra o ensino do Evolucionismo em algumas escolas, sob a argumentação de que esta teoria científica contrariava as verdades bíblicas¹⁰⁷. Como o pensamento comunista defendia o ateísmo e perseguia os religiosos porque se baseava no materialismo e na razão, deveria ser condenado.

Outra associação ao sentimento anticomunista que não apareceu de forma tão direta na reportagem pode ser comentada. Ao se referir aos constantes gritos capazes de mudar a postura do comunista, algumas imagens descritas no texto recordavam as ações praticadas pelos nazistas, como a existência de uma polícia secreta, o transporte de presos em vagões de carga e os campos de trabalho destinados aos inimigos do regime.

¹⁰⁷ Além destas três, Hayens destaca ainda outros pontos formadores do anticomunismo nos Estados Unidos como o liberalismo, a ação dos socialistas e dos trotskistas, e a participação dos sindicatos e dos grupos trabalhistas norte-americanos. In.: HAYNES. op. cit.

¹⁰⁸ Este tema é tratado por HOFSTADTER, R. **Antiintellectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967; GALINDO, op. cit.; e por KEPEL, G. **A Revanche de Deus**. São Paulo, Siciliano, 1991.

A utilização destas imagens de violência era capaz, segundo Furet, de fortalecer o sentimento anticomunista, pois ao “referir-se a lembranças muito recentes; ela tem ainda muitos laços com sua referência de origem para ser estendido longe demais dela, conservando suas chances de convencer.”¹⁰⁹

Quanto ao autor da reportagem, a sua trajetória política também relacionava-se ao anticomunismo norte-americano. Antes de prestar serviços ao *House Un-American Activities Bentley Committee*, Chambers foi um dos membros do Partido Comunista norte-americano. Nos anos trinta saiu do Partido por estar desiludido com o comunismo e por não concordar com a política praticada por Stalin. Nesse momento começou a denunciar os funcionários do governo norte-americano que entregavam documentos aos membros do Partido Comunista, em processos de espionagem. Além de trabalhar ativamente para o governo norte-americano, Chambers também difundiu o anticomunismo como jornalista, escrevendo várias reportagens sobre o assunto.¹¹⁰ Na revista *Seleções* outra reportagem de sua autoria foi publicada em fevereiro de 1954.

Na reportagem “Que é um comunista”¹¹¹ Chambers tentava compreender porque muitas pessoas ainda não entendiam o funcionamento do comunismo. Para explicar a questão, ele respondeu às perguntas mais freqüentes sobre o comunismo, a começar com o que era a doutrina comunista. Para ele era uma crença militar, empenhada no preparo da guerra, contra tudo e contra todos.

No passado... havia uma moral tradicional de paz segundo a qual era mau ilícito apossar-nos do que não nos pertencia, mentir sob juramento, conspirar contra o Estado e matar os amigos ou mesmo as pessoas de quem não gostávamos. E havia uma moral tradicional de guerra, de acordo com a qual valia praticamente tudo. O que o comunismo fez foi tornar a moral de guerra seu *permanente e único padrão*, que guia a sua vida e os seus atos. Nunca na história da humanidade ocorreu coisa tão má em escala tão grande.¹¹²

Ao contrário do que todos acreditavam, existiam muitos capitalistas no Partido Comunista que financiavam os custos do Partido. Eles também investiam o dinheiro comunista na bolsa de valores e auxiliavam a espionagem. “Os homens de negócio... podem emprestar seus escritórios para servirem como endereços clandestinos ou pontos de distribuição de correspondências que o Partido

¹⁰⁹ FURET, F. **O Passado de uma Ilusão**. São Paulo, Siciliano, 1995, p. 485.

¹¹⁰ Conforme DIGGINS. op. cit. p. 112 e 113.

¹¹¹ CHAMBERS, Whittaker. O que é um comunista. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1954, p. 83.

¹¹² *Ib.*

Comunista não deseja que sejam investigados. Ou pode um comerciante empregar um comunista a fim de ocultar suas atividades de espionagem.”¹¹³ Chambers afirmava que o comércio também fazia parte da conspiração comunista, pois “na Rússia o comércio é um monopólio comunista e ... um dos maiores tristes do país.”¹¹⁴

Segundo o autor, o Comunismo convencia seus membros mostrando-se como a única solução possível para as crises da humanidade e reivindicava “para si a posse de uma nova fé de caráter prático. É uma fé agressiva que rejeita Deus e que estabelece como norma que o homem deve usar os seus próprios recursos”¹¹⁵. Como prometia a formação do paraíso na terra, muitos comunistas acreditavam cegamente no partido ou, diante das barbaridades praticadas pelos soviéticos, afirmavam que tais atitudes eram necessárias para o sucesso do Partido. O autor finalizou a reportagem comentando que lutava contra o comunismo porque não queria que seus filhos ou os filhos das outras pessoas participassem desse sistema.

Além da valorização do materialismo, já comentada anteriormente, Chambers acrescentou mais informações sobre o comunismo. Ao contrário do que a propaganda soviética transmitia, os comunistas eram dependentes do sistema capitalista, pois investiam dinheiro na Bolsa de Valores e ainda por cima tinham o monopólio do comércio nos países que controlava. Desta forma, como traria benefícios para os trabalhadores se não permitia a livre regulamentação da economia através da concorrência?

Chambers ainda criticou as bases morais da doutrina soviética, sustentada por uma moral que era utilizada nos tempos de guerra, onde qualquer ato era permitido para conseguir os objetivos desejados. Isto explicava os roubos, a violência, a corrupção, a deslealdade e a mentira sustentada por aquele sistema.

As denúncias dos problemas políticos, econômicos e sociais, feitas por ex-membros do Partido Comunista, muito contribuíram para o fortalecimento do sentimento anticomunista, já que o abandono de uma convicção política servia de propaganda. Como Chambers, outros ex-comunistas passaram a trabalhar ativamente contra o comunismo em sindicatos, associações de trabalho no

¹¹³ Ibidem, p. 84.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ Ibidem,, p. 85.

próprio governo.¹¹⁶

Outras reportagens ainda ilustravam outra característica bem marcante do imaginário anticomunista presente em *Seleções*. Nos textos que tratavam do comunismo existia uma grande preocupação com a descrição das suas características. Na maioria das vezes ele estava associado ao terror, à violência e ao sofrimento através de uma série de qualificações que construíam um inimigo assustador, associado aos temores antigos (fome, doenças, escravidão) e atuais (governos totalitários, revoluções, campos de trabalhos forçados) da sociedade.

Assim, os “guerreiros comunistas”¹¹⁷, “esses... vagabundos espirituais do nosso tempo”¹¹⁸, formados por “brigada de tratantes”¹¹⁹, “em nada diferiam dos nazistas”¹²⁰. Eles conquistavam “o domínio político por via da propaganda e da infiltração”¹²¹, praticavam o terror através de armadilhas, manobravam, utilizavam “chantagem política”¹²², desenvolviam campanhas “de persuasão” e “técnicas de intrigas e terror”¹²³, provocando desordens onde estivessem presentes.

Essas representações também estavam presentes em algumas imagens que ilustravam as reportagens. Esta forma de comunicação, mais rápida de ser absorvida porque utiliza símbolos e representações amplamente conhecidos na sociedade, facilita a percepção dos leitores e reforça a construção do imaginário anticomunista. A imagem colocada na reportagem “A fronteira vermelha da Europa”¹²⁴ (Figura 20), por exemplo, apresentava o soldado que protegia a fronteira soviética de uma forma agressiva. A expressão do seu rosto, zangado e desconfiado, a mão na cintura, como se desafiasse seu observador e o seu tamanho, alto e forte, já intimidavam os leitores.

¹¹⁶ HAYNES, op. cit., p. 76 e seguintes.

¹¹⁷ KENT, George. O desespero como arma única. **Seleções do Reader's Digest**, novembro de 1950, p. 71.

¹¹⁸ CHAMBERS. Deus ou op. cit. p. 32.

¹¹⁹ McEVOY, J. P. Conferenciei 1.600 horas com os russos. **Seleções do Reader's Digest**, julho de 1949, p. 28.

¹²⁰ JAESRICH, Helmut. A universidade livre de Berlim. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1953, p. 53.

¹²¹ McEVOY, J. P. op. cit. p. 25.

¹²² NAGY, Ferenc. Como os russos me despojaram do governo. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1948, p. 100.

¹²³ Ibidem, p. 105.

¹²⁴ MUHLEN, Norbert. A fronteira vermelha da Europa. **Seleções do Reader's Digest**, dezembro de 1951, p. 92.

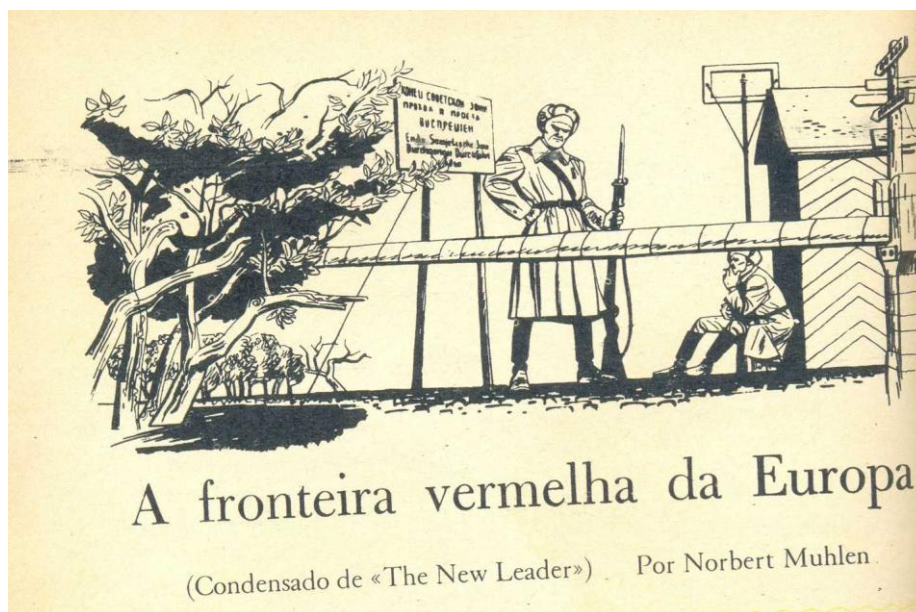


Figura 20

Da mesma forma a imagem utilizada na reportagem “A morte lenta chega a Hungria”¹²⁵ (Figura 21) mostrava no primeiro plano o soldado que protegia as ações violentas e ilegais dos comunistas. Ao fundo, pessoas encolhidas, parecendo indefesas e com medo, eram levadas para o caminhão com poucos pertences. A postura dos outros soldados também era agressiva e intimidadora, todos estavam armados, ameaçando a população a entrar no caminhão.



Figura 21

Todos estes adjetivos agregavam ao comunismo e aos seus praticantes

¹²⁵ A morte lenta chega à Hungria. **Seleções do Reader's Digest**, junho de 1952, p. 94.

diversos atributos negativos, os quais deveriam difundir uma imagem contrária ao “paraíso dos operários” e convencer as pessoas indiferentes ao seu perigo da necessidade do combate para agregar mais adeptos à causa anticomunista. Nessa campanha a cor vermelha nunca foi deixada de lado. O comunista era vermelho, o perigo era vermelho, a China era vermelha, o pânico era vermelho e o medo também tinha a mesma cor. Ela representava o Partido Comunista e a União Soviética e por isto sempre esteve associada ao comunismo. Duas reportagens que se referiam ao comunismo utilizaram a cor vermelha para ilustrar os títulos. (Figura 22 e 23)



Figura 22



Figura 23

Além das representações anticomunistas encontradas em *Seleções* que

denunciavam as ações políticas praticadas na clandestinidade, a revista também se preocupou em demonstrar os defeitos dos chefes políticos da União Soviética e de todos os membros do partido. Este era um modo eficiente de atacar a causa comunista porque, ao desqualificar o líder do Partido, enfraquecia a importância do movimento e a opinião de todos os comunistas que seguiam tal personalidade.

Das diversas reportagens que tratavam deste tema¹²⁶, “O semideus que Stalin foi”¹²⁷ se propôs a analisar o mito do líder soviético, “ditador que hoje é declarado um ‘monstro demente e ignorante’. Considerado em vida o “*Sábio Mestre e Pai, o Bem-Amado de toda a Humanidade,...* A esperança, Luz e Consciência do Mundo, a Glória de Todos os que Nasceram Puros de Coração”¹²⁸, Stalin não passou de um assassino cruel que só foi glorificado pela “escuridão total de uma ditadura”¹²⁹, atuante devido a uma lavagem cerebral feita nos seus cidadãos, a qual vendia a sua imagem como um ser superior.

Cidades e ruas levavam o seu nome, quadros e estátuas estavam espalhados por todos os locais públicos homenageando o maior líder comunista. “O secretário Geral do Partido Comunista Húngaro ordenou que o retrato de Stalin fosse colocado em todos os quartos de hospital, porque, dizia ele, ‘O contato entre as almas dos doentes e a alma de Stalin é de excepcional importância’.”¹³⁰ Este fanatismo fazia com que o seu nome fosse sempre pronunciado junto com títulos ou elogios. O culto, quase religioso, aumentou ainda mais com o final da Segunda Guerra Mundial, pois dizia-se que Stalin ganhou o conflito ao derrotar o maior inimigo russo.

Após a sua morte, no lugar do culto fanático surgiu uma crítica feroz, feita até pelos seus mais ferrenhos aclamadores, que passavam a declarar os crimes e os prejuízos que Stalin tinha dado à nação. O próprio Khushchev reconheceu e declarou que ele “foi um dos grandes criminosos da história”¹³¹ quando anunciou mundialmente as ações totalitárias praticadas por Stalin. Finalmente o autor advertiu que mesmo com a destruição do ídolo soviético, considerado “um homem

¹²⁶ Como “O grande dissimulador”, publicada em novembro de 1954, sobre o primeiro ministro da China Comunista, “As muitas faces de Nikita Kruchev”, de Setembro de 1959 e “Ivan Serov, verdugo número um do Kremlin”, de junho de 1958.

¹²⁷ Littell, Robert. O semideus que Stálin foi. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1956, p. 65.

¹²⁸ Ibidem.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ Ibidem, p. 66.

¹³¹ Ibidem, p. 68.

vaidoso, desconfiado, maligno, despótico, demente, monstruoso”¹³², o culto ao partido iria continuar.

Outras representações também foram utilizadas para desmentir a propaganda política difundida pelos comunistas, a qual prometia basicamente uma sociedade mais igualitária, onde os operários não seriam explorados pelos patrões. Denunciando todos os problemas sociais da União Soviética algumas reportagens ajudavam a desmoralizar os comunistas e a sua causa¹³³, como a já analisada “Não há descanso para os russos”:

Se o resto do mundo pudesse observar o que se passa na Rússia, os comunistas perderiam uma das suas armas mais úteis – a lenda de que a União Soviética é o paraíso dos operários. É por isso que os correspondentes dos jornais têm de manter-se no Hotel Metrópole; suas comunicações passam pela censura mais severa, e não se admitem visitantes senão para serem acompanhados por cicerones. Quer dizer que a muralha entre a Rússia e o resto do mundo se manterá ainda por muito tempo.¹³⁴

A censura utilizada pelos comunistas era mais uma confirmação de que as informações trazidas pelos jornalistas e pelos viajantes deveriam ter um fundo de verdade para causar tanta preocupação nas autoridades russas. Mas a melhor propaganda contrária ao comunismo era feita pelos próprios habitantes dos países ocupados. Os relatos e principalmente, as constantes fugas eram a melhor confirmação da existência de perseguições, prisões, dificuldades econômicas, entre outros. Da variedade de textos sobre este assunto, três reportagens destacaram-se.

A primeira delas, “A história secreta dos prisioneiros russos”¹³⁵ descrevia o desespero que os russos fugitivos ou capturados pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial sentiam ao serem obrigados a retornar à Rússia.

O que aconteceu, então, foi um dos episódios mais horrendos da mais sangrenta guerra da história. Milhares de russos preferiram suicidar-se a voltar a pátria. Grande número deles foi transportado à força para território em poder dos russos. Destes, foram inúmeros os executados sumariamente pelas autoridades da MDV (polícia secreta russa). Outros foram removidos para Moscou e, após julgamentos em massa, executados. Consta que um general russo havia sido capturado, foi decapitado, sendo a sua cabeça exibida pelas ruas de Moscou. Os ex-prisioneiros restantes foram, na sua maioria, despachados para campos de trabalho da Sibéria, onde pouco se tem sabido a seu respeito desde então.¹³⁶

¹³² Ibidem, p. 65.

¹³³ As fontes sobre os problemas sociais já foram analisadas no Capítulo II.

¹³⁴ FISCHER, J., op. cit. p. 58.

¹³⁵ A história secreta dos prisioneiros russos. **Seleções do Reader's Digest**, outubro de 1952, p. 47.

¹³⁶ Ibidem.

A falta de vontade de retornar à União Soviética era tão grande que situações como essa aconteciam com certa frequência:

A caminho da Áustria para a repatriação, quase mil russos se atiraram das janelas dos trens quando atravessavam uma ponte nos Alpes sobre uma profunda garganta perto da fronteira austríaca. Todos eles morreram. Em Linz, verificou-se nova onda de suicídios, sendo muitos os que se afogaram no rio. Depois dessa, houve mais sete repatriações em massa na Alemanha. Todas provocaram tentativas de suicídio coletivo. Os enforcados eram muito freqüentes. Muitas vezes, os russos se refugiavam nas igrejas quando as autoridades russas chegavam. ... os soldados soviéticos invariavelmente arrastavam para fora os russos “libertados e os espancavam com cassetetes antes de embarcá-los...” Na Inglaterra “Nova onda de suicídios se verificou. Num caso, foram necessários três dias para desembarcar todos os russos, arrastando-os para fora dos lugares onde se haviam escondido...”¹³⁷

Mesmo depois do conflito os comandantes ainda utilizavam as lembranças destes assassinatos para ameaçar os soldados interessados em conhecer o Ocidente. Dois anos após o final do conflito os Estados Unidos pararam de devolver à força todos os russos que tentavam escapar da União Soviética. “Foi essa a lição que as autoridades dos Estados Unidos tinham em mente quando tomaram a decisão de não transigir na questão dos prisioneiros na Coréia.”¹³⁸ Neste país, todos os prisioneiros responderam a um questionário. Os que disseram que resistiriam, caso fossem repatriados, não foram obrigados a voltar.

O aspecto mais interessante desta reportagem referia-se ao extremo desespero dos russos obrigados a retornar à antiga pátria. O trauma vivido por estas pessoas deveria ser tamanho que a possibilidade de passar por tantas privações novamente levava à perda de todas as esperanças, a tal ponto que *milhares* de pessoas preferiam acabar com a própria vida a viver daquela forma outra vez.

Em segundo plano observa-se também que os Estados Unidos não estavam concordando com tal situação, pois pararam de enviar os russos para a União Soviética a partir de 1947. Esta experiência fez com que, após a Guerra da Coréia, Os Estados Unidos não obrigassem as pessoas que desejassem viver distante do comunismo a voltar para a antiga pátria.

A segunda reportagem, “Eles votam com os pés”¹³⁹ abordava a mesma

¹³⁷ Ibidem, p. 49.

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ LYONS, Eugene. Eles votam com os pés. **Seleções do Reader's Digest**, fevereiro de 1948, p. 63.

situação: os refugiados ameaçados pelos comunistas a retornar aos países de origem evitavam isto de todas as maneiras possíveis porque “sabiam que os esperavam a pobreza, os ressentimentos e a incompreensão, e que estavam sujeitos à perseguição soviética e até a caçadas humanas e raptos.”¹⁴⁰

A importância política destas pessoas era grande o suficiente para fazer com que o próprio presidente Truman as considerasse fortes aliadas dos Estados Unidos na “luta entre a liberdade e a ditadura”¹⁴¹ já que

esses 1,200,000 constituem apenas a oposição mais consciente, íntegra e firme ao regime soviético. A cada nova série de esforços no sentido de coagi-los a voltar têm-se verificado suicídios em massa – prova irrefutável de que esses fugitivos do comunismo preferem morrer a arrastar uma existência de súditos de um governo totalitário.¹⁴²

O título da reportagem também destacava a importância dos fugitivos ao referir-se a uma frase dita por Lenin sobre as deserções em massa dos soldados russos em 1917: eles “havam votado com os pés”. Da mesma forma, os fugitivos da União Soviética “também votaram com os pés contra o regime de Stáline”¹⁴³.

A própria revista destacava a importância dos fugitivos para o imaginário anticomunista. Ao tentar evitar o retorno ao regime comunista a todo custo, eles conseguiam mostrar aos Ocidentais o quanto era terrível viver naquele governo.

A terceira reportagem sobre os fugitivos era uma narrativa adaptada de um livro chamado “Terra de Leite e Mel”¹⁴⁴ sobre a *emocionante* história da vida de Vasili Kotov, um engenheiro russo que passou por muitas dificuldades desde que iniciou as modificações decorrentes da entrada do comunismo na Rússia. Segundo *Seleções*, a leitura desta reportagem poderia proporcionar um novo olhar “sobre um problema considerado moral, (...) a mentalidade forjada pelos soviets”¹⁴⁵.

Publicada no início da Guerra Fria, a narração de todas as dificuldades de Vasili Kotov parecia ser totalmente terrível. Após a morte do pai, foi obrigado a trabalhar em uma fábrica para sustentar a mãe, prejudicando os estudos. Para cursar engenharia, teve que trabalhar durante a noite. Viu colegas da faculdade desaparecerem após serem acusados de conspirarem contra o socialismo. Foi

¹⁴⁰ Ibidem, P. 64 e 65

¹⁴¹ Ibidem, p. 63.

¹⁴² Ibidem.

¹⁴³ Ibidem, p. 64.

¹⁴⁴ WHITE, W. L. op. cit. p. 101.

acusado pela polícia secreta russa de participar da conspiração e, mesmo sendo inocente, passou a ser vigiado. Descobriu que a única mulher que amou desde a infância foi obrigada a trabalhar para o governo, seduzindo homens para conseguir informações e entregar os suspeitos à polícia secreta russa. Vasili ainda lutou na Segunda Guerra Mundial e nesse momento descobriu que fora um dos colegas da faculdade o delator dos seus amigos, que tomou tal atitude para ganhar em troca um bom cargo dentro do partido. Finalmente, em uma missão na Europa Ocidental, conseguiu fugir após um problema no seu voo. Caiu na Bélgica e meses depois foi viver nos Estados Unidos, onde encontrou a paz e a felicidade.

Os detalhes desta história soavam ainda mais surpreendentes. Quando criança, Vasili queria participar do grupo Jovens Pioneiros, organizado pelos soviéticos. Nos seus encontros, a principal atividade era procurar ícones e imagens cristãs para destruí-las. Ele ainda se lembrava que certa vez, na escola, um aluno foi severamente reprimido por carregar uma cruz que fora presente da sua avó.

A época mais feliz da sua vida na União Soviética foi durante a Nova Política Econômica de Lenin – período de fartura de alimentos, roupas e calçados devido a existência da propriedade privada. Depois desta época as condições sociais só pioraram. Na fábrica que Vasili trabalhava “era triste o espetáculo que ofereciam”. Todos os funcionários “viviam em dois grandes dormitórios, sujos e cheios de fumaça e jamais sorriam”.¹⁴⁶

A narrativa também mencionava a existência de algumas pessoas que desejavam o estabelecimento de um regime democrático na Rússia. Para o grupo de intelectuais amigos de Vasili, que tiveram acesso à cultura ocidental, a democracia era a melhor forma de governo. Mas todos eles foram descobertos, presos, acusados de formar uma conspiração, enviados para campos de trabalhos forçados e posteriormente mortos. Muitas outras pessoas também foram enviadas para campos de trabalhos forçados, principalmente na época

... dos grandes expurgos. Quando começaram as prisões, Moscou foi dominada por uma onda de terror. Toda a vida social se paralisou. Quem poderia assegurar que o amigo que a gente convidava para jantar, não seria detido, mais tarde? E nesse caso, como justificar-se ante a polícia? As pessoas evitavam até mencionar o nome de Stalin, com medo de que as suas palavras pudessem ser mal interpretadas. Um operário da fábrica de Vasili foi condenado a cinco anos de trabalhos forçados apenas por ter dito, talvez com a maior

¹⁴⁵ Ibidem.

¹⁴⁶ Ibidem, p. 104.

inocência: “Stalin agora tem mais poder do que o czar!”¹⁴⁷

A história de Vasili trazia o imaginário anticomunista norte-americano encontrado em *Seleções*, transmitido em narrativas que de acordo com a primeira impressão, pareciam não referir-se às questões políticas. Através delas, posicionamentos políticos e visões de mundo favoráveis a um ponto de vista eram capazes de influenciar os leitores que, nos seus momentos de lazer, possivelmente não estavam predispostos a entrar em contato com assuntos políticos.

No caso desta narrativa, todos os detalhes relacionavam-se com um dos principais mitos da sociedade norte-americana: a liberdade. Através de Vasili, *Seleções* denunciava os problemas resultantes da ausência, na União Soviética, de liberdade política, de expressão, de consumo e religiosa, valores tão caros aos norte-americanos e aos ocidentais.

Ao contrário dos padrões sociais estabelecidos no Ocidente, o cotidiano de Vasili era constantemente dominado pela *violência comunista*. Desde a sua infância presenciou perseguições religiosas praticadas pelos comunistas, os quais proibiam qualquer interpretação da realidade que não fosse orientada pelo partido. A repressão era tão grande a ponto das imagens e dos símbolos religiosos serem destruídos por crianças, manipuladas pelo partido por serem ingênuas e por isto incapazes tomarem decisões próprias.

Sentindo felicidade apenas durante a existência da propriedade privada, nos outros períodos Vasili conheceu a delação, a falsidade, a ganância, a corrupção dos inocentes e a tristeza por entrar em contato com tantos valores deformados. Não se encaixando neste meio, ele conseguiu escapar daquele mundo, por um feliz acaso do destino, e foi viver nos Estados Unidos, representado como a Terra Prometida.

Esta imagem relacionava-se com a própria interpretação da história dos Estados Unidos pois desde a vinda dos novos habitantes para o Novo Mundo, e reforçado no processo de ocupação dos territórios do Oeste, os peregrinos e os seus descendentes acreditavam ser o povo eleito por Deus que, após tantas dificuldades, haviam alcançado a Terra Prometida. Tal como os seguidores de Moisés, que após o longo período no deserto finalmente fundaram Jerusalém. Tal

¹⁴⁷ Ibidem, p. 107.

como Vasili, que sofreu praticamente o mesmo processo até alcançar *A terra de leite e mel*, os Estados Unidos, muitas vezes representado como o *paraíso terrestre*.

Todas estas descrições, carregadas de valores afetivos, apresentavam os comunistas como seres amorais, falsos e dissimulados; como monstros dispostos a destruir tudo o que era justo e digno para, com suas terríveis garras, espalhar o terror e o medo nas regiões onde estavam presentes. Através de uma reatualização dos medos presente nas sociedades, como o temor da ausência de liberdade e o medo da morte, o imaginário anticomunista acabava moldando uma visão de mundo e incentivava o desenvolvimento de uma ação favorável aos interesses políticos norte-americanos. Dentre eles, difundir o anticomunismo e favorecer o americanismo nos países Ocidentais.

Como os leitores das revistas *Seleções* analisadas eram brasileiros, haviam interesses norte-americanos em jogo. Durante a Guerra Fria era importante para a política externa norte-americana manter a unidade continental em nome de outro inimigo em comum, a União Soviética. Para fortalecer a liderança política no Continente e no mundo, os Estados Unidos começaram a difundir o anticomunismo para outros países em diversos meios de comunicação.

O Brasil era uma peça importante para a política norte-americana. Se assumisse a bandeira anticomunista, poderia evitar a expansão comunista na América Latina e ajudaria a estabelecer a unidade, a estabilidade e a prosperidade continental em torno do capitalismo e dos Estados Unidos.¹⁴⁸

A existência de um sentimento anticomunista no Brasil também foi favorável aos interesses norte-americanos. Mas diferente dos Estados Unidos, que se preocupava principalmente com a evolução da Guerra Fria e com o estabelecimento do seu poder na ordem mundial, no Brasil o anticomunismo relacionava-se aos interesses internos. Neste país, a ameaça comunista foi utilizada principalmente para conter a população e os partidos que esquerda que reivindicavam reformas sociais e defendiam o desenvolvimento econômico da nação que, conforme acreditavam, deveria estar independente da dominação norte-americana. Estas ações, o nacionalismo e o antiamericanismo, foram interpretadas pelos Estados Unidos como o resultado da influência soviética.

Todas as ações anticomunistas praticadas pelo governo brasileiro, como o

rompimento das relações diplomáticas com a União Soviética e o fechamento do PCB, foram bem vistos pelo governo norte-americano. Mas contrariando o interesse brasileiro, os Estados Unidos ignoraram as solicitações de auxílio econômico porque se preocuparam mais com a recuperação européia. Ainda assim, durante o governo Truman foram estabelecidas importantes aproximações com grupos anticomunistas brasileiros, como os membros do exército e alguns intelectuais.

Quanto à sociedade brasileira, ela também esteve em contato com uma série de materiais anticomunistas que foram transmitidos em jornais, programas de rádio, revistas e através da Igreja Católica, um dos maiores grupos anticomunistas brasileiros. Na maior parte do tempo, estes materiais referiam-se aos problemas nacionais. Mas, como bem mostrou Figueredo ao analisar o estabelecimento da sociedade de consumo no Brasil, utilizando como fonte as revistas *o Cruzeiro* e *Manchete* ¹⁴⁹, haviam reportagens que descreviam os problemas sociais, a violência, a ausência de liberdade e a carência de produtos alimentícios e industriais típicos das sociedades de consumo na União Soviética. Os mesmos valores de liberdade, democracia, abundância se contrapunham à penúria, às ações violentas, ao controle político e à censura.

Ela também encontrou uma série de narrativas pessoais de fugitivos russos que, como nas histórias publicadas em *Seleções*, defendiam um posicionamento político que valorizava o mundo do trabalho e a sociedade de consumo. E, como nos Estados Unidos, elas também serviram para beneficiar grupos políticos e econômicos brasileiros contrários às transformações sociais propostas pelo governo. Assim,

as matérias que enfocavam a fragilidade do consumo soviético, o mau gosto de suas mercadorias e a falta de liberdade para se escolher entre artigos diferentes, estavam estrategicamente colocadas lado a lado com as matérias que alardeavam a queda do poder aquisitivo da “classe média” brasileira e com as que denunciavam a comunicação do Brasil.¹⁵⁰

Como o anticomunismo já fazia parte do imaginário brasileiro, as reportagens e as narrativas publicadas em *Seleções* não causaram estranhamento porque este assunto era publicado em jornais que noticiavam os

¹⁴⁸ HAINES, op. cit., p. 27 e 34.

¹⁴⁹ FIGUEREDO, op. cit. Capítulo 4.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 148.

acontecimentos internacionais e nas revistas de grande circulação nacional.

Conclusão

Na edição de novembro de 1956 da revista *Seleções do Reader's Digest* uma história despertou a atenção:

Verboten

“Um advogado de Dresden está preso por oito anos por ter levado para casa um exemplar de Das Beste aus Reader's Digest, uma revista que na Zona Oriental é considerada sobremodo provocativa. Seu filho de 11 anos tinha levado para a escola aquela revista de cores alegres, um professor a viu – e as algemas logo se fecharam em torno dos pulsos do pai.”

Der Tagesspiegel de Berlim ¹

A revista em questão era mais uma tradução da *Reader's Digest*. De acordo com o pequeno texto, o simples porte da revista era tão perigoso para o comunismo que causou a prisão de um advogado de Berlim Oriental, o qual deveria então permanecer recluso por oito anos. A reação dos comunistas diante da revista aumentava a sua importância, pois a repressão aos leitores de *Seleções* a apontava como um grave perigo.

A reportagem não informava qual seria o problema causado pela revista. Talvez sejam as “cores alegres” que apresentavam as vantagens do sistema capitalista. Talvez sejam as inúmeras reportagens e histórias anticomunistas que poderiam desmentir a propaganda comunista e prejudicar a manutenção do poder soviético.

Outras narrativas semelhantes estiveram presentes em *Seleções*. Quando a revista publicava uma história sobre a censura comunista à sua publicação, se

¹ Verboten. *Seleções do Reader's Digest*. Novembro de 1956, p. 196.

autopromovia ao destacar sua importância como uma ferramenta no combate ao comunismo e na defesa do capitalismo.

A própria censura comunista mostrava que as pessoas que viviam nos países comunistas estavam interessadas em ler *Seleções*. Assim justificava-se a necessidade de reprimir severamente os habitantes dos países comunistas que liam a revista. Isso era mais um modo de valorizar a publicação e denegrir o comunismo, já que este governo opunha-se à vinculação de uma revista que tinha como característica principal transmitir histórias pessoais e mensagens positivas sobre a vida cotidiana.

Aliás, esta característica foi a única imagem que permaneceu entre os leitores da revista. Em conversas informais sobre a realização dessa pesquisa, muitos leitores dos anos 40 e 50 não se recordavam das mensagens anticomunistas e nem dos elogios ao sistema capitalista. A valorização dos Estados Unidos, manifestada na quase totalidade de reportagens também não foi mencionada. Ao invés disso, os leitores lembravam com carinho dos momentos agradáveis proporcionados pela leitura das diversas narrativas sobre os problemas cotidianos de pessoas comuns, como os próprios leitores. Para eles, as reportagens que interpretavam os acontecimentos da política interna e externa norte-americana e alertavam sobre o perigo do comunismo não foram importantes o suficiente para participar das lembranças de outros períodos da vida.

Mas o fato dos leitores esquecerem-se do objetivo francamente anticomunista das narrativas não significa que as representações da oposição entre o comunismo e o capitalismo, relacionadas com a eterna luta entre o bem e o mal e com a oposição entre a felicidade e a infelicidade, não se fixaram nas suas memórias. Ao contrário, o discurso anticomunista e a valorização dos Estados Unidos foram eficientes o suficiente para não causarem sentimentos de estranhamento e discordância nos leitores brasileiros. Isto se comprova na grande quantidade de exemplares vendidos nas décadas de 40 e 50 e no esquecimento dos leitores que interpretaram a propaganda política norte-americana como normal.

O não estranhamento dos leitores brasileiros diante da propaganda anticomunista e norte-americana publicada em *Seleções* também se justifica no próprio encaminhamento da política brasileira em relação ao vizinho *yankee*. Durante o período estudado, efetivou-se a aproximação política entre os dois

países através dos empréstimos concedidos ao governo brasileiro desde a Segunda Guerra Mundial e das manifestações de apoio aos Estados Unidos por grande parte do Exército Brasileiro e por membros do governo, como o próprio presidente Eurico Gaspar Dutra.

Durante os anos quarenta, ao mesmo tempo em que o Brasil passava a se subordinar cada vez mais aos interesses norte-americanos, a população brasileira começava a sofrer o bombardeamento diário da propaganda cultural norte-americana, transmitida através dos filmes hollywoodianos, dos diversos bens de consumo, de programas de rádio e de notícias, que criavam um sentimento de aproximação e simpatia pelos vizinhos do Norte. Por isso tantas histórias sobre os Estados Unidos publicadas em *Seleções* não foram interpretadas como algo anormal.

Quanto ao anticomunismo, ele também não era novidade para os brasileiros. Deste a década de 20 já circulavam materiais anticomunistas, como charges e reportagens, na grande imprensa e em publicações de circulação restrita, como em jornais católicos e em revistas de sindicatos empresariais. A partir de 1935 o anticomunismo brasileiro intensificou-se ainda mais após a Intentona Comunista, a ponto de ser utilizado como justificativa para Getúlio Vargas continuar no controle do governo através do golpe militar de 1937.

Mas ao contrário dessas publicações, que traziam sobretudo um discurso anticomunista católico ou nacionalista, *Seleções* destacou-se por transmitir o anticomunismo através de narrativas pessoais que descreviam o *infeliz* cotidiano das pessoas que viviam nos países comunistas. Como essas personagens não eram homens públicos nem heróis nacionais, as questões políticas poderiam passar despercebidas para os leitores que encontravam em *Seleções* a diversão e o passatempo. Fato este que realmente aconteceu entre os leitores brasileiros que informalmente disseram não se recordar das mensagens anticomunistas, mas lembravam com muito gosto das narrativas divertidas e morais sobre o cotidiano. Aliás, esta foi a maior característica de *Seleções* que, desde a sua fundação, já apostava no sucesso de uma publicação que priorizasse as histórias simples capazes de valorizar os bons costumes e incentivar as ações de respeito ao próximo.

Mas o esquecimento de alguns leitores em momento algum diminui a importância de *Seleções* como transmissora de mensagens políticas favoráveis

aos grupos políticos e econômicos norte-americanos, uma vez que a revista divulgava o imaginário anticomunista entre os seus leitores. Isso também beneficiava os interesses das elites nacionais, que já utilizavam o discurso anticomunista para obter vantagens políticas e econômicas.

A revista *Seleções* também transmitiu outras faces do imaginário norte-americano que não se relacionavam diretamente ao anticomunismo e à valorização do capitalismo. Dentre a variedade de assuntos abordados, destacaram-se as reportagens que valorizavam as descobertas científicas e o desenvolvimento tecnológico, bem como as transformações sociais resultantes dessas inovações. Outras ainda informavam qual deveria ser o comportamento ideal da classe média, incentivando os casais a desenvolver a paciência e o perdão para a harmonia familiar e para a melhor educação dos filhos. A presença de pequenas histórias que valorizavam o esforço do homem comum ao conseguir superar suas dificuldades pessoais e financeiras ajudaram a fortalecer um sentimento de otimismo em relação ao futuro e a propagar a eficiência do capitalismo e da sociedade norte-americana entre os leitores brasileiros.

Para o sucesso da representação dos Estados Unidos como uma sociedade perfeita, *Seleções* ignorou os problemas sociais deste país. O principal vazio refere-se ao negro norte-americano. A grande maioria das reportagens não fez qualquer referência ao racismo, à segregação e a ausência de direitos civis que os negros sofriam na sociedade norte-americana. Episódios como a resistência da comunidade branca em acabar com a segregação nas escolas, nas universidades e em locais públicos, ou a impossibilidade dos negros sentarem-se nos ônibus em alguns estados norte-americanos, causando protestos e violência nas ruas, não foram comentados pela revista. As poucas reportagens que começaram a tratar desse tema ao longo dos anos 50, apenas informavam aos leitores sobre as conquistas legais que o governo norte-americano proporcionava aos negros, deixando de comentar a oposição dos brancos e a existência do racismo naquele país. Pouquíssimas reportagens chegaram a descrever algum fato do cotidiano ou apresentavam a genialidade e a iniciativa de um negro. Quando faziam destacavam a singularidade de um “negrinho esperto” que fazia algo singular para, assim, se igualar ao *white self-made man* e poder participar de uma sociedade dominada pelos brancos.

Por isso a sociedade democrática, abundante, individualista e livre que

estava representada como protótipo dos Estados Unidos, segundo a visão transmitida pela revista, não conseguiu apagar todos os seus problemas internos. A própria quantidade de reportagens sobre a qualidade de vida e as vantagens de viver e trabalhar nesse país indiretamente indicava a existência de problemas sociais e trabalhistas.

Com a Grande Depressão, as elites empresariais norte-americanas conquistaram o desprestígio quando foram interpretadas pela população como culpadas pelos problemas econômicos e pelo desemprego. Nesse momento o movimento operário norte-americano cresceu, ganhando o apoio popular e governamental, resultando no fortalecimento dos sindicatos e na conquista de vários benefícios sociais. Até o início da década de 1940 a busca pelo desenvolvimento econômico nacional e a intervenção estatal que direcionou a produção durante a guerra fez com que os empresários e os sindicatos entrassem em acordo, diminuindo os conflitos trabalhistas. Porém, já em 1945 os sindicatos iniciaram uma série de greves para reivindicar melhores salários e a diminuição da inflação.

A pressão por reformas sociais, feitas pelos sindicatos e pelos próprios trabalhadores, estava contrariando os interesses dos grupos empresariais. Estes, para conseguir acalmar os ânimos internos e conquistar benefícios legislativos, começaram a divulgar uma imagem positiva do trabalho e das relações estabelecidas entre os patrões e os operários nos meios de comunicação. Nesse contexto, a revista *Seleções* publicou várias reportagens sobre o cotidiano do trabalhador norte-americano.

Normalmente as reportagens apresentavam empresários preocupados com a qualidade de vida dos seus empregados que, para aumentar os lucros e os benefícios dos trabalhadores, incentivavam a implantação da divisão dos lucros nas empresas. As narrativas também reforçavam a necessidade da cooperação entre os operários e os patrões para a existência de um ambiente de trabalho agradável e que não necessitasse da presença dos sindicatos. Segundo a revista, estes deveriam apenas ajudar os operários quando os problemas trabalhistas não fossem resolvidos através de conversas amigáveis. Através de depoimentos de empresários e de alguns operários, a revista desvalorizava o movimento operário ao questionar a necessidade dos sindicatos na resolução dos problemas trabalhistas, apresentando as conquistas sociais como resultado da benevolência

dos empresários que dividiam uma parte dos seus lucros com os empregados. Desta forma, todas as narrativas da revista sobre esse tema despolitizavam as lutas sociais e o movimento trabalhista quando colocavam as greves como o resultado de um descontentamento pessoal do operário e enfraqueciam a importância do sindicato que deveria apenas proporcionar um ambiente agradável para todos.

Além de enfraquecer a causa trabalhista, a revista seguiu os interesses dos empresários norte-americanos em reportagens que mostravam as dificuldades de trabalhar nos países comunistas. Em histórias pessoais que descreviam aos leitores a escravidão, os salários baixos, os campos de concentração e a perseguição política, a revista indiretamente valorizava o sistema capitalista e a vida do trabalhador norte-americano, ao mesmo que denegria a imagem do comunismo como o regime político que lutou pelos trabalhadores e prometia o estabelecimento de uma sociedade justa e igualitária para todos.

As elites empresariais também se aproveitaram do contexto internacional e do medo de uma infiltração comunista nos Estados Unidos para conseguir ganhar a opinião pública e enfraquecer o movimento trabalhista norte-americano através do anticomunismo. Como o CIO permitia a participação de comunistas nos seus sindicatos, o discurso ganhou sentido e os grupos empresariais conseguiram enfraquecer o movimento sindical norte-americano, a ponto de fazer com que o CIO, mesmo reprimindo os seus comunistas, acabasse unindo-se ao AFL. O resultado final foi a conquista, por parte dos empresários, de benefícios legislativos, como a isenção de impostos e a repressão legal às greves.

Outra forma utilizada pela revista para valorizar o capitalismo foi publicar uma grande quantidade de anúncios comerciais que apresentavam aos leitores brasileiros os novos produtos disponíveis aos consumidores. Para vender esses produtos as empresas utilizavam a representação do modelo ideal de consumidor: bonito, bem vestido e feliz por poder desfrutar dos benefícios prometidos nos anúncios comerciais.

Juntamente com algumas reportagens e com as séries televisivas norte-americanas produzidas nos anos 50, como "I love Lucy" e "Papai Sabe Tudo", a revista *Seleções* ajudou a difundir a imagem do capitalismo como um sistema que proporcionava prazer e felicidade para as pessoas. Ele oferecia diversas vantagens através do consumo das mercadorias, como a conquista da beleza, a

boa saúde e a economia do tempo, passando a ser aceito como a melhor forma de viver.

Diante dessa visão, a participação dos cidadãos na esfera pública perdia significado, fazendo com que os problemas políticos e econômicos se distanciassem do cotidiano do homem comum, sendo lentamente substituídos pelo consumo desenfreado de mercadorias, que passou a orientar os interesses pessoais das pessoas.

Contrastando com este material sobre o capitalismo, a revista publicou muitas narrativas sobre os problemas cotidianos dos habitantes dos países comunistas. A maior denúncia feita nesse material relacionava-se à ausência de conforto, de bens de consumo duráveis, de alimentos saborosos e diferenciados e de praticidade para dar prazer e facilitar a rotina diária das pessoas. As dificuldades estendiam-se para outras áreas: as casas eram muito pequenas, tirando a liberdade e a privacidade da família, a falta de alimentos e remédios fazia com que aumentassem o número de doentes, a infância estava corrompida em brincadeiras que reforçavam a violência diária, sem falar de muitas outras situações que transformaram o comunismo na antítese da sociedade norte-americana idealizada na revista.

Todas estas narrativas repletas de sentimentos e afetos utilizavam a falta de prazer e felicidade como mais uma arma no combate ao comunismo. Nelas, os países comunistas não garantiam às pessoas liberdade de consumo e qualidade de vida. Como não existia conforto, alegria ou orgulho em relação ao trabalho e à vida material, era impossível sentir felicidade por qualquer coisa. Assim, essas carências pessoais passaram a ser mais importantes para criticar o sistema comunista do que a falta de liberdade política e a ausência de um governo democrático, bem como a prática da repressão utilizada por um governo autoritário.

Durante os primeiros anos da Guerra Fria, *Seleções* se destacou por noticiar as diferentes etapas do conflito em reportagens que explicavam aos leitores os passos da política externa norte-americana. Para transmitir uma imagem positiva deste país, a revista usou e abusou do seu espaço para justificar os constantes investimentos em armamentos e as intervenções políticas praticadas, justificando a necessidade dessas ações na existência ameaçadora de um governo forte e autoritário, disposto a guerrear contra qualquer inimigo

para expandir-se livremente. A revista acompanhou todos os acontecimentos históricos em narrativas que descreviam os benefícios das ações políticas e militares norte-americanas, ou informavam quais eram as ações violentas e traiçoeiras dos comunistas.

Para fortalecer ainda mais o anticomunismo, também foram publicadas reportagens explicativas sobre o que era o comunismo, quais eram as suas características, qual era o perigo desse sistema político e quais eram os seus interesses mundiais. Nelas foram ressaltados valores e sentimentos negativos como a traição, a infiltração, a sujeira, a mentira, a ganância, a desonestidade e mesmo a insanidade dos líderes políticos comunistas, todos contribuindo para a construção de um inimigo assustador, cruel e demoníaco principalmente porque combatia a prática religiosa e a força de Deus.

A revista constantemente trazia depoimentos pessoais que descreviam todas as brutalidades praticadas pelo governo soviético e pelos próprios comunistas. A escravidão, a chantagem, a imoralidade e a falta de preocupação com a população construíram um inimigo terrível porque acabava com todas as liberdades proporcionadas pelo sistema democrático. De todo material encontrado, os textos mais apelativos eram as narrativas que descreviam todos os sofrimentos das pessoas que viviam nos países comunistas. Nestas histórias os apelos afetivos eram trabalhados à exaustão através de uma linguagem capaz de provocar o medo, o terror e o pavor em qualquer leitor que valorizasse a religião, a segurança da sua família e o conforto conquistado através do trabalho honesto e árduo. A falta de alimentos, roupas, conforto, privacidade, e o controle político exercido pela polícia soviética estavam em todas as narrativas pessoais. Quando comparadas com a abundância da sociedade de consumo, essas histórias se tornavam mais chocantes, ajudando a fortalecer um sentimento anticomunista forte e eficaz porque apelava para os ideais de vida do homem comum.

A revista *Seleções*, por não ter como fundamento difundir uma doutrina política ou partidária, vinculou uma propaganda política baseada nos sentimentos e nos afetos do homem comum, difundida através de uma literatura simples, direcionada aos momentos de lazer e descontração. Como priorizava publicar reportagens sobre variedades, a revista dizia estar afastada da política, mas através de uma análise mais apurada, ela ajudou a dar forma ao comunismo em

imagens de fácil assimilação, baseadas na eterna luta entre o bem e o mal e na dicotomia estabelecida entre o bandido e o mocinho, difundindo entre os seus leitores o sentimento anticomunista de uma forma indireta.

É importante destacar que o temor ao comunismo não era de todo abstrato. As histórias sobre os campos de trabalhos forçados, a repressão às práticas religiosas, a ausência de liberdade civil e política, a falta de bens de consumo e as dificuldades econômicas, muitas vezes descritas pelos fugitivos do regime soviético, comprovavam os temores e justificavam o sentimento e a causa anticomunista.

Entretanto, essas representações políticas extrapolavam a realidade em que se baseavam para favorecer determinados interesses políticos e econômicos, principalmente por apresentarem-se em uma forma despolitizada quando estavam vinculadas às reportagens e narrativas simples que descreviam e informavam sobre os horrores vividos na União Soviética. Desta maneira, a leitura de *Seleções* poderia interferir na percepção de mundo do seu leitor de uma forma negativa, pois “O leitor emocionado..., impressionado... ou divertido, esquecerá por um momento os problemas e preocupações de sua existência. Ao mesmo tempo, o interesse que tem pelo destino das personagens, ao confrontá-lo com situações inéditas, modificará o seu olhar sobre as coisas.”²

Através de narrativas pessoais escritas de uma forma simplificada, *Seleções* contribuiu para justificar as ações políticas norte-americanas durante a Guerra Fria. Mesmo não tendo grandes semelhanças com as lendas e as histórias dos heróis nacionais, as pequenas histórias que descreviam os atos heróicos praticados por pessoas comuns se transformavam em uma explicação lendária que dava significado às práticas políticas norte-americanas. Tal como os romances de aventura, que serviram para apoiar os valores imperialistas e para fazer com que a população aceitasse a história da dominação de outros povos como o seu passado, as reportagens de *Seleções* propagaram a civilização e o heroísmo norte-americano em textos que não estavam diretamente relacionados à política.

Com o início da Guerra Fria, os Estados Unidos conquistaram um poder sobre grande parte do planeta, por isso era necessário justificar as suas ações e interesses para os países com quem se relacionavam, como o Brasil. Juntamente

com outros meios de comunicação de massa, como o cinema e a televisão, a revista *Seleções* poderia fazer com que, não só os norte-americanos, mas quase toda a população mundial, acreditasse nos valores, nos ideais, e na missão norte-americana de garantir a liberdade de todos os povos diante de inimigos tão cruéis e maléficos como os comunistas.

O presente trabalho pretendeu contribuir para o estudo do anticomunismo quando utilizou como fonte histórica uma revista de grande circulação a qual, em nenhum momento, afirmou ter um conteúdo político. No caso do Brasil, este estudo apresentou a singularidade de *Seleções* como veículo difusor do anticomunismo, na medida em que trazia um discurso diferente da crítica ao comunismo feita pelos grupos católicos, pelas elites econômicas e políticas e pelos militares – os grupos mais atuantes no combate ao comunismo em território nacional. A diferença de *Seleções* está principalmente na valorização da busca pela felicidade que só poderia ser alcançada no trabalho e na sociedade de consumo. Através destes valores *Seleções* transmitiu um discurso único porque afirmava a impossibilidade de alcançar tais sentimentos no mundo comunista.

Além disto, esse trabalho tenta chamar a atenção para o fato de os bens culturais, destinados ao lazer, funcionarem como um eficiente veículo transmissor de propaganda política. Esta eficiência comprova-se principalmente no caráter não doutrinário deste material, que a princípio não trata das questões da esfera pública por pretender divertir os seus consumidores através de histórias pessoais do cotidiano. Vale lembrar mais uma vez que isto se comprova no esquecimento dos leitores brasileiros quando instigados a opinar sobre a valorização da revista aos Estados Unidos e sobre a crítica que *Seleções* dirigia ao comunismo. Isto reforça a idéia de o lazer proporcionar uma forma eficiente de veicular a propaganda política graças à passividade do leitor diante dos meios de comunicação destinados ao entretenimento. Ao contrário dos tradicionais programas doutrinários, a propaganda política presente no lazer utiliza os afetos e os sentimentos para difundir as suas idéias e assim conseguir o apoio da opinião pública. A principal vantagem desta estratégia é que em nenhum momento o leitor está atento ou preocupado em questionar os valores políticos, culturais e econômicos, massivamente transmitidos à sociedade.

O resultado desta pesquisa enfoca aspectos da difusão do anticomunismo.

² Jouve, V. **A leitura**. São Paulo, Editora UNESP, 2002, p. 108.

No caso da revista *Seleções*, outros aspectos podem ser abordados em trabalhos futuros, como uma análise mais detalhada dos mitos históricos norte-americanos ou ainda um estudo sobre o papel estabelecido para cada membro de uma família idealizada pelas nas reportagens e narrativas publicadas na revista.

Quanto ao anticomunismo, esta pesquisa também pode proporcionar outras possibilidades de análise, como uma reflexão que alcance a recepção destes valores entre os leitores de *Seleções*, bem como desenvolver um estudo comparativo entre o conteúdo desta revista com as publicações nacionais de grande circulação da mesma época, como as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*. Ainda é possível verificar se a valorização do capitalismo e a crítica ao comunismo centralizada na felicidade, feita por *Seleções*, aparece em outros meios de comunicação como em jornais, revistas, charges, piadas ou outros materiais.

Fontes pesquisadas

1. Revistas **Seleções do Reader's Digest**. (1946-1960).
2. **NSC 68: United States Objectives and Programs for National Security (April 14, 1950)**. Disponível em <<http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/feros-pg.htm>>. Acesso em: 14 maio 2002.
3. **Herdeiros do Vento**. Stanley Kramer. 1960. leg. p & b. 127'
4. **I love Lucy**. Desilu Productions: CBS, 1951-1957. 179 episódios, son., p & b.
5. **Papai Sabe tudo**. CBS, ABC, 1954-1960. 203 episódios. son., p & b.

Bibliografia

1. Anticomunismo. In.: BOBBIO, N., et. al. (org.) **Dicionário de Política**. 4^o ed., v. 1. Brasília, UNB, 1998, p. 34-5.
2. ARRUDA, M. **Metrópole e Cultura**: São Paulo no meio século XX. São Paulo, EDUSC, 2001.
3. AVERBUCK, L. **Literatura em tempo de cultura de massa**. São Paulo, Nobel, 1984.
4. BACZKO, B. Imaginação Social. In.: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional, 198, p. p. 311-12
5. BARROS, E. **A Guerra Fria**. São Paulo, Atual, 1988.
6. BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In : LIMA, L. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
7. BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In.: PRIORE, Mary Del. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997.
8. BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa, Edições 70, s/d.
9. _____. Significação da publicidade. In : LIMA, L. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
10. BELTRÁN, L.; CARDONA, E. **Comunicação Dominada**: os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
11. BENEVIDES, M. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In.: GOMES, A. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro, FGV, 1991.
12. BLACKBURN, R. **Depois da Queda**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
13. BOSI, E. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. Petrópolis, Vozes, 1973.

14. BRITES, O. Infância, higiene e saúde na propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 20, n. 39, p. 249-278, 2000.
15. CARONE, E. **A República Liberal II**. São Paulo, DIFEL, 1985.
16. CARVALHO, N. **Publicidade: a Linguagem da Sedução**. São Paulo, Ática, 2000.
17. CASANOVA, V. **Lições de Almanaque**. Belo Horizonte, UFMG, 1996.
18. CASTANHO, Sérgio. Theodor W. Adorno e a Indústria Cultural. In.: **Comunicare**. Campinas, v. 2, n. 5, p. 132-148, 1985.
19. CHARTIER, R. (org.) **Práticas da Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.
20. _____. **A História Cultural**. Lisboa, Sifel, s/d.
21. CHOMSKY, N. **Novas e Velhas Ordens Mundiais**. São Paulo, Scritta, 1996.
22. _____. **O que o Tio Sam Realmente Quer**. 2ª ed., Brasília, UNB, 1998.
23. COBEN, S. RATNER, L. **O Desenvolvimento da Cultura Norte-Americana**. Rio de Janeiro, Anima, 1985.
24. COHN, G. **Theodor W. Adorno**. São Paulo, Ática, 1986.
25. DE DECCA, E. S. Literatura, Modernidade e História. **Rua**, Campinas, n. 1, p. 7-35, 1995.
26. DIGGINS, J. **The Proud Decades**. America in war in peace. 1941-1960. New York, W. W. Norton & Company, 1989.
27. DOMENACH, J. **A Propaganda Política**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1955.
28. DORMAN, A.; MATTELART, A. **Para Ler o Pato Donald**: cultura de massa e colonialismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
29. FARO, C.; SILVA, S. A década de 50 e o programa de metas. In.: GOMES, A. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro, FGV, 1991.
30. FICHOU, J. **A Civilização Americana**. Campinas, Papirus, 1990.
31. FICO, C. O Brasil no contexto da Guerra Fria. In.: MOTA, C. **Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira (1500-2000)**: a grande transição. São Paulo, Senac SP, 2000.
32. FIGUEREDO, A. **Liberdade é uma Calça Velha, Azul e Desbotada**: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964). São Paulo, Hucitec História Social, 1998.

33. FONES-WOLF, E. **Selling Free Enterprise**: the business assault on labor and liberalism, 1945-60. University of Illinois Press, 1994.
34. FONSECA Jr., G. O sistema internacional durante a Guerra Fria. **Revista USP**, n. 26, p. 128-137, jun/ago 1995.
35. FURET, F. **O Passado de uma Ilusão**. São Paulo, Siciliano, 1995.
36. GALINDO, F. **O Fenômeno das Seitas Fundamentalistas**. Petrópolis, Vozes, 1994.
37. GAMBINI, R. **O Duplo Jogo de Getúlio Vargas**. São Paulo, Símbolo, 1977.
38. GIMÉNEZ, Andrea W. **O Medo da “Revolução Social” na “Terra dos Pinheirais**: imaginário anticomunista na sociedade curitibana (1947-1964). Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR. Curitiba, 2003.
39. GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
40. GRINBERG, I., ESSUS, A. O século faz 50 anos: fotografia e cultura política em 1950. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo v. 14, n. 27, p. 129-149, 1994.
41. HALLIDAY, F. The ends of Cold War. **New Left Review**, n. 180, march/april 1990, p. 5-23.
42. HAINES, G. K. **The Americanization of Brazil**. A study of U.S. Cold War Diplomacy in the Third World, 1945-1954. Wilmington, Delaware, SR Books, 1989.
43. HAYNES, J. **Red Scare or Red Menace?** American communism and anticommunism in the Cold War era. Chicago, Ivan E. Dee, 1996.
44. HEALE, M. J. **American Anticommunism**: combating the enemy within, 1830-1970. Baltimore, Johns Hopkins, 1990.
45. HELING, John. **História dos Sindicatos nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Ed. Lido, 1964.
46. HOBBS, E. **Era dos Extremos**. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
47. HOFSTADTER, R. **Anti-intelectualismo nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
48. HORKHEIMER, M., ADORNO, T. A Indústria Cultural: o Iluminismo como mistificador das massas. In: LIMA, L. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

49. JOUVE, V. **A Leitura**. São Paulo, Ed. UNESP, 2002.
50. JUNQUEIRA, M. **Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)**. Bragança Paulista, EDUSF, 2000.
51. JUNQUEIRA, M. Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, n. 42, p. 323-342, 2001.
52. KEPEL, G. **A Revanche de Deus**. São Paulo, Siciliano, 1991.
53. LUEDTKE, L. **América: aspectos geopolíticos, culturais e sociais nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, Nórdica, 1989.
54. MARSHALL, F. Ray; RUNGELING, Brian. **O Papel dos Sindicatos na Economia Norte-Americana**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1976.
55. MARTINET, Gilles. **Sept Syndicalismes**. Paris, Seuil, 1979.
56. MATOS, O. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo, Moderna, 1993.
57. MENDONÇA, S. As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização. In.: LINHARES, M. (coord.) **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro, Campus, 1990.
58. _____. Dez anos de economia brasileira: História e Historiografia (1954-1964). In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 14, n. 27, p. 87-97, 1994.
59. MENEGUELLO, C. **Poeira de Estrelas: O cinema hollywoodiano na mídia brasileira de 40 e 50**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
60. MIGUEL, I. Em torno do conceito de mito político. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, 1998.
61. MOTTA, R. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho**. São Paulo, Perspectiva, 2002.
62. MOURA, G. **Tio Sam Chega ao Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
63. _____. Avanços e recuos: a política exterior e Jk. In.: GOMES, A. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro, FGV, 1991.
64. NEVREUX, Jean Baptiste. **Dictionnaire Internationale des Termes Littéraires**. Disponível em < www.DITL.info/art/definition >. Acesso em 20 julho 2004.
65. OLIVEIRA, L. **Americanos**. Belo Horizonte, UFMG, 2000.

66. PARK, M. **Histórias e Leituras de Almanques no Brasil**. São Paulo, FAPESP, 1999.
67. PECEQUILO, Cristina S. **A Política Externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2003.
68. POWERS, Richard G. **Not Without Honor: the history of American Anticommunism**. New York, Free Press, 1995.
69. PRADO, M. Davi e Golias: as relações entre Brasil e Estados Unidos no século XX. In.: MOTA, C. **Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira (1500-2000)**: a grande transição. São Paulo, Senac SP, 2000.
70. RODRIGHERO, C. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002.
71. _____. **O Pensamento de Direita**: fontes para o estudo do combate ao comunismo no Brasil. No prelo.
72. RODRIGUES, M. **A Década de 50**. São Paulo, Ática, 1992.
73. SAID, E. **Imperialismo e Cultura**. São Paulo, Cia. das Letras, s/d.
74. SANTANA, Marco A. **Homens Partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. Rio de Janeiro, Bom Tempo Editorial, 2001.
75. SELLERS, C. et. al. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1990.
76. SODRÉ, M. **Teoria da Literatura de Massa**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
77. SCHOULTZ, L. **Estados Unidos: Poder e Submissão**. Bauru : EDUSC, 2000.
78. THOMPSON, Ed. (org.) **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
79. TINDALL, G. SHI, D. **America**: a narrative history. New York, W W Norton & Company, 1989.
80. TOTA, A. **O Imperialismo Sedutor**: a americanização do Brasil na época da II Guerra. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
81. VELLOSSO, M. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In.: GOMES, A. (org.) **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro, FGV, 1991.
82. VESTERGAARD, T., SCHRØDER, K. **A Linguagem da Propaganda**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.